

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Língua Hebraica, Literatura e Cultura
Judaicas.

Deborah Hornblas Travassos

Judaísmo Messiânico no Brasil e seus instrumentos de
legitimação: a reinvenção do judaísmo ou uma nova religião?

São Paulo
2014

Deborah Hornblas Travassos

Judaísmo Messiânico no Brasil e seus instrumentos de legitimação:
a reinvenção do judaísmo ou uma nova religião?

Tese apresentada ao Departamento
de Língua Hebraica, Literatura e
Cultura Judaicas, da Universidade
de São Paulo para obtenção do
Título de Doutor.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a. Marta F. Topel

São Paulo

2014

Aos meus amados pais Alberto e Sarah Hornblas (*in memoriam*), que me tornaram o que sou. A minha filha Tamara, fonte de inspiração e profundo amor e ao meu querido e amado companheiro, amante e cúmplice Marcos Pereira.

Agradecimentos:

Os meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, há tantos anos, Marta Topel, que me ensinou o verdadeiro espírito da pesquisa, abriu caminhos e eliminou minhas angústias no processo de produção acadêmica.

Agradeço a colaboração de Marcelo Guimarães, Gilberto Branco, Eduardo Stein, que tão gentilmente me atenderam, responderam prontamente a meus questionamentos me conduzindo com segurança ao universo do judaísmo messiânico brasileiro.

Sou grata também ao colega muito querido Wagner Lins, sempre tão generoso. Não posso deixar de agradecer aos amigos de longa data, Yara Issa, Patrícia Lomonaco Macchia, Márcia Polaczek, Silvana Rocha, entre tantos outros. Meus parentes, em especial meu irmão David Sergio Hornblas.

Aos meus colegas de trabalho da instituição FAAP, em especial a Anapaula Iacovino Davila e Luiz Alberto Machado (que sempre acreditou em mim) e também aos colegas da FATEC, que me acompanharam e me apoiaram nesse processo.

À querida colega de trabalho Andréa Lacotiz, que revisou esta tese com segurança e competência, e a minha filha Tamara Travassos que colaborou com sua presença, apoio e com seu conhecimento da língua inglesa.

Ao meu amado companheiro Marcos Pereira, por sua paciência e cumplicidade durante o período da produção dessa tese.

E, por fim, gostaria de manifestar minha gratidão a todos aqueles que participaram contribuindo para realização deste trabalho, direta ou indiretamente.

Resumo

Essa tese teve como objetivo estudar o judaísmo messiânico no Brasil, abordando seu histórico desde o seu surgimento na Inglaterra até a sua chegada ao Brasil em meados do século XX, além das suas estratégias de legitimação através de seus rituais e da sua interpretação da Bíblia Cristã, particularmente das Cartas de Paulo de Tarso. Foram pesquisadas as diversas sinagogas judaico-messiânicas brasileiras, assim como as suas associações representativas. O questionamento essencial desse trabalho é procurar compreender o lugar do judaísmo messiânico dentro do atual panorama religioso brasileiro.

Palavras-chave: Religião, Rituais, Judaísmo, Cristianismo, Identidade, Legitimação.

Abstract

This study aims to investigate the Messianic Judaism in Brazil, covering its history from its emergence in England to its coming to Brazil in the mid-twentieth century, as well as its strategies of legitimacy through its rites and interpretation of the Christian Bible, particularly the letters of Paul of Tarsus. The investigation was conducted in various Brazilian Messianic Jewish Synagogues, including their representative associations. Its essential inquiry seeks to understand the role of Messianic Judaism within the current Brazilian religious scene.

Keywords: Religion, Rites, Judaism, Christianity, Identity, Legitimacy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: UMA BREVE HISTÓRIA DO JUDAÍSMO MESSIÂNICO	
1.1- O judaísmo messiânico no mundo: o surgimento na Inglaterra e a expansão além das fronteiras	11
1.2- No Brasil: as primeiras sinagogas messiânicas brasileiras	16
1.3- Breve análise do panorama social e religioso do Brasil nos finais do século XIX, meados do século XX	18
1.4- Breve análise dos censos demográficos realizados no Brasil entre as décadas de 1990 e 2010	27
1.4-1. Breve análise da imigração judaica para o Brasil	30
1.5- Breve análise do panorama religioso brasileiro na atualidade	32
CAPÍTULO II: AS SINAGOGAS MESSIÂNICAS NO BRASIL	
2.1- Conhecendo de perto as sinagogas messiânicas no Brasil: locais que foram visitados pessoalmente	37
2.1-1- Estado de São Paulo	37
2.1-2- Cidade do Rio de Janeiro	43
2.1-3- Cidade de Belo Horizonte	49
2.2- As sinagogas messiânicas brasileiras visitadas virtualmente.	
2.2-1- São Paulo- São Paulo	62
2.2-2- Rio de Janeiro- Rio de Janeiro	67
2.2-3- Salvador- Bahia	70
2.2-4- Manaus- Amazonas	72
2.2-5- Vitória- Espírito Santo	73
2.2-6- Curitiba- Paraná	75
CAPÍTULO III: AS ASSOCIAÇÕES JUDAICO-MESSIÂNICAS MUNDIAIS E SUA PRESENÇA NO BRASIL	86
3.1- As associações religiosas como legitimadoras de poder	87

3.2- As associações judaico-messiânicas: um pequeno histórico e seus principais representantes no mundo	92
3.3- As associações judaico-messiânicas com maior número de seguidores: A MJAA e a UMJC	93
3.4- As associações judaico-messiânicas de menor porte	97
3.5- A associação judaico-messiânica brasileira: Conselho das Congregações judaico-messiânicas do Brasil- CCJM	101
3.6- Cursos e escolas judaico-messiânicas no Brasil	107

CAPÍTULO IV: RITUAIS E SÍMBOLOS JUDAICO-MESSIÂNICOS: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

4.1- Os rituais	114
4.1-1- A celebração do <i>shabat</i>	117
4.1-2- A celebração do <i>Pessach</i>	122
4.1-3- A celebração do <i>Yom Kipur</i> e do <i>Rosh Hashaná</i>	125
4.2- Como os judeus messiânicos pensam os rituais judaicos e os rituais cristãos e os marcadores de identidade	128
4.3- A conversão	137

CAPÍTULO V: OS JUDEUS MESSIÂNICOS E PAULO DE TARSO- UM PARADOXO?

5.1- Quem foi Paulo de Tarso?	151
5.2- Paulo de Tarso e o antijudaísmo	156
5.3- Paulo de Tarso não foi antijudeu	161
5.4- Como os judeus messiânicos superam o suposto antijudaísmo de Paulo de Tarso?	165

CONCLUSÃO

179

BIBLIOGRAFIA

194

GLOSSÁRIO

204

Introdução

Em hebraico, *mashiach* significa ungido, o rei ungido da casa de David que será enviado por Deus para dar início à redenção final no fim dos dias. Dentro da tradição judaica, a espera do messias se refere à espera de um salvador, que assume diversas formas, por vezes humana, por vezes divinas. Esse salvador é esperado para se tornar o mediador de um tempo futuro mais feliz (SCHIAVO, 2006). No período que antecede a destruição do Segundo Templo¹, o que havia era a concepção de um messias não humano (SCARDELAI, 1998).

A doutrina do messias teve sua origem, dentro do judaísmo, no período do Segundo Templo. Foi somente no fim daquela época que uma figura escatológica passou a ser desenvolvida num corpo doutrinário. A esse salvador caberia conduzir a salvação de Israel. A espera messiânica irá fundir a fé judaica com a intervenção de Deus. Messias era o título relacionado às expectativas judaicas de renovação religiosa e libertação política.

Segundo Scholem (SCHOLEM, 1996), na tradição judaica, no entanto, persiste a ideia messiânica ligada à experiência do fracasso e a figura do messias aparece como a reparação de uma perda. Para o autor, a vitalidade particular do messianismo reside na tensão entre uma tendência mística e apocalíptica. Há no messianismo uma temporalidade messiânica que se opõe a uma temporalidade histórica.

O messianismo judaico, tema desta pesquisa, difere do messianismo judaico tradicional, pois as congregações judaico-messiânicas creem que Jesus Cristo foi o messias, uma figura de contornos divinos e com uma missão

¹O Segundo Templo foi construído pelos judeus quando regressaram à Jerusalém após o fim do cativeiro na Babilônia em 535 a.C., no mesmo local onde antes o rei Salomão construíra o Templo no local que, segundo a Bíblia, Abraão havia oferecido seu filho Isaac em sacrifício. O Templo era considerado o lugar mais sagrado para os judeus, pois originalmente havia guardado a Arca da Aliança, que continha os Dez Mandamentos de Deus entregues a Moisés no Monte Sinai. O segundo Templo foi destruído pelos Romanos em 70. d.C. e nunca mais foi reconstruído, em: Encyclopaedia Judaica Jerusalem, Keter Publishing House Ltd, Jerusalem, Israel, vol 15, pp. 942-982.

escatológica. Essa ideia difere da visão de um messias libertador, assumindo características de um líder temporal e racional.

Na doutrina do judaísmo messiânico não há uma contradição entre a ideia de um líder divino e temporal. Para seus fiéis, o messias é um ente de caráter divino, cuja identidade é conhecida (diferentemente do judaísmo tradicional). A maior dúvida entre os judeus messiânicos não é quanto ao caráter divino do messias, mas sim quando se dará o seu retorno, que é aguardado ansiosamente pelos seguidores dessa religião.

Esta pesquisa procurou fazer o mapeamento das sinagogas messiânicas no Brasil, estabelecendo a sua importância no panorama religioso brasileiro na atualidade, colocando a ênfase nas suas estratégias de legitimação. Para isso, foram utilizados dados objetivos, como por exemplo, o censo realizado no Brasil em 2010, que fornece informações sobre a pertença religiosa a fim de estabelecer qual o papel que os judeus messiânicos exercem hoje na esfera religiosa brasileira. Porém, há uma dificuldade intrínseca nesse processo: por se considerarem judeus em toda sua plenitude, os judeus messiânicos se identificam, nas pesquisas oficiais, apenas como judeus e não como judeus messiânicos.

Em função dessa grande dificuldade, foi realizada uma pesquisa de campo em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte com intuito de conhecer melhor essas congregações e como elas se organizam. A escolha dessas capitais foi baseada no porte das sinagogas messiânicas ali estabelecidas, particularmente a de Belo Horizonte, que como foi verificado no decorrer desta pesquisa, apresentou-se como ponto de confluência do judaísmo messiânico no Brasil na atualidade.

Nesses locais realizou-se uma observação participante. Foram também realizadas diversas entrevistas com os líderes dessas congregações. O líder que mais se dispôs a conceder informações foi justamente o da sinagoga messiânica Har Tzion, de Belo Horizonte, Marcelo Guimarães, que hoje exerce o importante papel de organizar o judaísmo messiânico no Brasil através de

várias instituições, como uma editora (AMES), uma escola que ministra cursos sobre judaísmo messiânico (CATES), além de um museu da Inquisição no Brasil, inaugurado em 2012 na capital mineira.

Os contatos com Marcelo Guimarães iniciaram-se via correio eletrônico, que eram prontamente respondidos durante os seis primeiros meses de 2011. Em julho desse mesmo ano, fomos a Belo Horizonte e o líder da sinagoga messiânica Har Tzion concedeu uma entrevista nas dependências da sinagoga messiânica. Na ocasião foram realizados os rituais do *Shabat*², já que se tratava de uma sexta-feira. Na manhã seguinte, foi observado o ritual de celebração do sábado em uma sinagoga messiânica lotada, com a presença de aproximadamente 400 fiéis, além dos familiares do rabino messiânico. Na ocasião, ocorreu a apresentação de danças e canções tipicamente israelenses.

Após esse contato inicial, manteve-se a troca de vários telefonemas e correios eletrônicos com Guimarães. O religioso enviou gratuitamente diversos materiais pelo correio, como livros e revistas. Esse material era, em parte, publicado pela própria editora da sinagoga messiânica Har Tzion, mas também foram enviadas revistas norte-americanas e alemãs ligas a associações judaico-messiânicas estabelecidas no exterior.

As entrevistas concedidas por Guimarães, assim como as de outros líderes judaico-messiânicos, serão comentadas ao longo do trabalho. As transcrições das entrevistas foram feitas de forma literal, conservando inclusive os erros gramaticais e idiossincrasias. A longa entrevista de quase três horas, realizada com o rabino messiânico Marcelo Guimarães, foi gravada, posteriormente transcrita e finalmente submetida à avaliação do religioso, que autorizou seu uso para este trabalho.

O capítulo I desta pesquisa teve como objetivo traçar o histórico do judaísmo messiânico desde o seu surgimento na Inglaterra, no século XIX, até a sua chegada ao Brasil, em meados do século XX. As dificuldades em realizar

²*Shabat* - do hebraico, "sábado", dia de descanso sagrado pelos judeus.

esta pesquisa foram muitas, pois há uma escassez muito grande de documentos históricos que possam ser utilizados na comprovação de dados fornecidos pela literatura judaico-messiânica. Assim, a possibilidade de obtenção de elementos mais minuciosos desse histórico e da trajetória dos judeus messiânicos, desde seu estabelecimento no século XIX até a atualidade, é bastante superficial. Parte dessa dificuldade está no posicionamento defendido pelos judeus messiânicos, que garantem serem originários do período neotestamentário.

No capítulo I também se encontra um breve panorama das religiões no Brasil, com o objetivo de compreender qual é o campo religioso brasileiro para o judaísmo messiânico. Para isso, foram usados, além de uma bibliografia especializada no assunto, os censo realizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) dos anos de 2001 e 2010.

No capítulo II, realizou-se um mapeamento das sinagogas messiânicas existentes no Brasil. Analisamos as sinagogas messiânicas visitadas pessoalmente, como a sinagoga messiânica Beit Massiach (Casa do Messias), de São Paulo, a Beit Sar Shalom (Casa do Príncipe da Paz), também de São Paulo, a Har Tzion (Monte Sião), de Belo Horizonte, além da Beit Tefilá Yeshua (Casa de Oração a Jesus), do Rio de Janeiro.

Essas visitas foram realizadas em momentos do serviço religioso, que ocorrem normalmente às sextas-feiras ou aos sábados pela manhã. Nessas ocasiões pudemos obter com mais detalhes informações sobre os rituais realizados nas sinagogas messiânicas. A observação foi realizada por duas ou três vezes em cada um desses templos religiosos e as entrevistas com seus líderes foram feitas fora dos horários de culto. Assim, por exemplo, Marcelo Guimarães nos recebeu para a entrevista por mais de três horas em seu escritório em Belo Horizonte. Gilberto Branco, da Beit Massiach, forneceu a entrevista nas dependências da Sinagoga Messiânica, no Bairro do Bom Retiro, em São Paulo, após a realização do serviço religioso, ou por telefone. A entrevista com Eduardo Stein, do Rio de Janeiro, foi concedida por telefone, cuja ligação durou mais de uma hora.

Nos anos de 2004 a 2008, por ocasião do mestrado, desenvolvemos inúmeras visitas à Beit Sar Shalom, na cidade de São Paulo, acompanhando na íntegra todos os rituais realizados nessa sinagoga messiânica. Em 2010, a sinagoga messiânica Beit Massiach, também em São Paulo, foi visitada por pelos menos umas seis vezes, o que possibilitou o cotejamento de alguns elementos representativos nas duas congregações.

Dentre os aspectos que foram observados nesses templos religiosos, podemos destacar: aspectos arquitetônicos externos; o arranjo interno de símbolos religiosos e laicos (como, por exemplo, o uso da bandeira do Estado de Israel, que é recorrente nessas sinagogas messiânicas); a organização dos rituais e seus principais elementos; elementos reforçadores de identidade de seus frequentadores, como por exemplo, o uso de expressões na língua hebraica, ou iídiche, os hábitos alimentares dos fiéis e o calendário festivo observado (ou não) por essas instituições.

Outras sinagogas messiânicas brasileiras, analisadas, outrossim, no capítulo II, foram pesquisadas via *internet*. Apesar das facilidades oferecidas pela via eletrônica, pois não há a necessidade de deslocamento do pesquisador, há uma necessidade constante de verificar a veracidade dos dados informados, usando por vezes os próprios recursos da *internet*, como por exemplo, o recurso do *Google maps* para verificar um endereço. Porém, muitas das informações são impossíveis de serem verificadas sem o pesquisador estar *in loco* (WITTEL, 2000).

Assim, deve-se levar em conta que muitas das informações fornecidas eletronicamente podem ter sido alteradas, afinal não devemos esquecer os vários recursos que a informática atualmente possui. Assim, pode-se, por exemplo, através de recursos tecnológicos, manipular a fotografia de um lugar pequeno e acanhado, transformando-o em um espaço amplo e grandioso.

De acordo com Geertz (1989:5), o processo de compreensão das culturas deve acontecer no campo e mais tarde serem analisados, pois assim é

constituído um espaço de tempo entre a observação e a sua análise. Essa possibilidade é eliminada quando a pesquisa é feita via *internet*, já que entre campo e espaço se estabelece uma sincronicidade. Ainda, além dessa supressão do tempo, há também a superficialidade da análise, que pode perder dimensões importantes, correndo risco de se tornar plana (WITTEL, 2000).

A etnografia via *cyber* espaço altera a relação entre etnógrafo e visitado. Se, por um lado, existe a vantagem de reduzir o tempo a ser gasto com a pesquisa, podendo o pesquisador visitar muitos locais sem deslocamento físico, há também o efeito negativo na busca de significados mais profundos, constantes no objeto de análise (WITTEL, 2000).

Outro problema, quando utilizamos a *internet* como meio de investigação, é a dificuldade em se realizar a observação participante. Apesar da existência de fóruns de discussão, *chats* e outros recursos interativos, nos *sítes* visitados, essa observação se dá em um nível muito limitado. Poder-se-ia afirmar até que, através da *internet*, é impossível fazer uma descrição densa como a que sugere Geertz, em sua obra.

Apesar dessas várias restrições no uso da *internet* como estratégia metodológica complementar, ela se fez necessária para esta pesquisa, pois vários líderes de sinagogas messiânicas recusaram-se a fornecer entrevistas para este trabalho, não respondendo a telefonemas ou *e-mails*, além da dificuldade ocorrida em função das distâncias geográficas.

Além disso, por se tratarem de informações de domínio público, os discursos encontrados nesses *sítes* alcançam um grande número de pessoas e, por isso, contribuem para a consolidação ideológica das congregações messiânicas, transformando-se, dessa forma, em importante instrumento de análise para esta pesquisa. O uso de material da *internet* serviu também para o cotejamento entre as informações obtidas nos *sítes* com aquelas provenientes de entrevistas e das observações participantes, aprofundando de forma mais intensa a análise das informações retiradas pelas duas vias, a real e a virtual.

Para fins desta pesquisa, todos os líderes religiosos das sinagogas messiânicas serão, ao longo deste trabalho, tratados de *rosh*³, forma usual nas sinagogas messiânicas. Cabe ressaltar que esse termo não existe no judaísmo como sinônimo de rabino ou de líder de comunidade religiosa. O termo utilizado pelo judaísmo é *rosh yeshivá*, que significa diretor da *yeshivá*⁴. No caso dos líderes judaico-messiânicos, o termo *rosh* é utilizado quando informam não possuírem formação em nenhuma instituição, o que lhes permitiria utilizar a denominação de rabinos ou rabinos messiânicos. Assim, aqueles que informaram possuir formação em alguma instituição que lhes conferiu o título de rabino serão tratados como rabinos messiânicos, como é o caso de Marcelo Guimarães, da Har Tzion, de Belo Horizonte, e de Daniel Woods, da Beit Sar Shalom, de São Paulo.

Os templos religiosos serão todos tratados como sinagogas messiânicas, assim como seus fiéis serão tratados como judeus messiânicos e aqueles judeus que não são messiânicos serão tratados, neste trabalho, por judeus de nascimento ou judeus tradicionais. Jesus Cristo será tratado como *Yeshua*⁵, quando aparecer no contexto e na fala dos judeus messiânicos, pois é dessa forma que esses fiéis se referem ao messias.

O acesso a todas as informações referentes a dados como ano de fundação, responsável pela sinagoga, associação judaico-messiânica à qual está filiada, número de fiéis, dentre outros dados de suma importância, nem sempre foram possíveis de obter. Isso se deu pela imprecisão das informações, como nos casos em que as informações ficam imbricadas com teor religioso, como por exemplo:

“O Ministério Profético Shema Israel nasceu a partir de uma mudança no chamado que o Eterno fizera a mim. Quando, numa viagem a Israel descobri minhas raízes judaicas tudo mudou⁶”.

³*Rosh* - do hebraico, "cabeça".

⁴*Yeshivá* - colégio talmúdico para estudantes homens, solteiros, desde a puberdade até vinte e poucos anos de idade.

⁵ *Yeshua*- nome hebraico atribuído a Jesus.

⁶<http://www.shemaysrael.com/>

Essa dificuldade torna-se emblemática quanto à postura dos organizadores nas congregações judaico-messiânicas, que usam o discurso teológico e experiências místicas pessoais de cunho profético, procurando legitimar suas sinagogas. Outro modo de legitimação no campo religioso é afirmar que são descendentes diretos dos primeiros cristãos e, portanto, sua origem seria neotestamentária.

Outro motivo para a imprecisão de algumas informações foi a recusa, por parte de vários líderes de sinagogas messiânicas, de responderem aos questionamentos feitos para esta pesquisa. O *rosh* Shlomo, da sinagoga messiânica de Brasília, Beit Filah, por exemplo, em contato via correio eletrônico, prometeu responder às perguntas, mas não o fez, apesar de insistentes tentativas de contato. Outros líderes sequer apontaram alguma possibilidade de serem entrevistados, como foi o caso das sinagogas messiânicas de Vitória (ES), Manaus (AM) e Salvador (BA).

Ainda no capítulo II, foram abordadas as principais diretrizes teológicas dessas sinagogas messiânicas, procurando identificar como seus rabinos entendem o judaísmo messiânico. Um aspecto que foi especialmente aprofundado foi a questão da presença de símbolos israelenses nas sinagogas messiânicas, os quais funcionam como elemento diacrítico da identidade judaica e, conseqüentemente, são usados como estratégia de pertencimento à comunidade judaica.

Outro elemento observado, que se relaciona à questão identitária, é a origem religiosa dos líderes das sinagogas messiânicas. *Rosh* ou rabinos messiânicos, todos eles fazem questão de frisar que, de alguma forma, pertencem ao grupo que chamam de “judeus naturais”. Um aspecto relevante, discutido nas seguintes páginas, é a hierarquização existente entre os fiéis das sinagogas messiânicas: judeus de nascimento, descendentes de judeus assimilados e gentios.

O capítulo III trata dos pilares organizacionais das sinagogas messiânicas, que são as associações regulamentadoras dos rituais, e como as congregações judaico-messiânicas devem seguir os princípios teológicos do judaísmo messiânico.

Realizou-se um mapeamento dessas instituições tanto no Brasil quanto no mundo, notadamente nos Estados Unidos, local em que foi verificada a existência da grande maioria das sinagogas messiânicas. No Brasil, constatou-se a existência de uma associação, fundada recentemente (em 2012) por Marcelo Guimarães, em Belo Horizonte, nomeada de CCJM (Conselho das Congregações Judaico-Messiânicas do Brasil). Essa associação, como foi verificado durante este trabalho, pretende assumir a liderança do judaísmo messiânico brasileiro e tornar Guimarães seu principal articulador.

Dentre os referenciais teóricos utilizados para esta pesquisa, destacamos a teoria do campo, de Pierre Bourdieu, que permitiu compreender os aspectos hierárquicos estabelecidos dentro das sinagogas messiânicas e seus jogos de poder, assim como Max Weber, cuja teoria foi explorada a fim de se obter uma compreensão mais abrangente dos processos de estabelecimento e formação de poder. As teorias de legitimação de Peter Berger foram de enorme utilidade no capítulo III, que trata das associações e instituições reguladoras das práticas messiânicas. Baseamo-nos também na teoria do antropólogo Fredrik Barth, sempre que se fez necessária a compreensão de questões ligadas à formação identitária e ao estabelecimento das fronteiras étnico-religiosas.

O capítulo IV teve como principal diretriz analisar como os rituais ocorridos dentro das sinagogas messiânicas são realizados e pensados. Para isso, consideramos três grandes complexos ritualísticos como a Páscoa Judaica, o festejo de ano novo, a realização semanal do serviço religioso, feito aos sábados. Podemos considerar essas efemérides como o tripé da religião judaica. A realização dos rituais relacionados a essas festas vão além da questão puramente religiosa, sendo fundamentais marcadores da identidade judaica.

A realização desses rituais foram destacados como importantes marcadores das diferenças entre o judaísmo tradicional e o judaísmo messiânico. Nesse capítulo foi de fundamental importância destacar como se processa o ritual de conversão ao judaísmo messiânico, pois esse ritual de passagem é um indicador fundamental na construção da identidade judaico-messiânica.

O último capítulo desta tese trata de um tema bastante controverso, que é uma possível postura antijudaica constante nas epístolas escritas por Paulo de Tarso. Como veremos, para muitos, as posições assumidas dentro das epístolas paulinas são extremamente antijudaicas. Essa possível negação do judaísmo feita pelo apóstolo é um problema que os judeus messiânicos devem enfrentar, pois se considerarem haver uma postura que renega a Antiga Aliança, no chamado Novo Testamento, isso tornaria a sua religião paradoxal, já que há, dentro de seu corpo doutrinário, uma aceitação completa das Escrituras Cristãs.

Esse capítulo não pretendeu esgotar assunto tão complexo, mas sim levantar as teorias dentre alguns teólogos importantes na atualidade. Como foi verificado, existem aqueles que defendem a ideia de que Paulo não era antijudeu, ao contrário, teria sido um árduo defensor do judaísmo, mas há também os que garantem que o apóstolo nutria uma postura contra os preceitos da Antiga Aliança. Assim torna-se de fundamental importância entender como os judeus messiânicos lidam com essa questão e quais as estratégias utilizadas pelos judeus messiânicos em defesa de Paulo de Tarso. Essa ambiguidade na doutrina reflete de modo claro os mecanismos dos judeus messiânicos para superar contradições de sua religião

Capítulo I- Uma breve história do judaísmo messiânico

1.1- O Judaísmo Messiânico no mundo: o surgimento na Inglaterra e a expansão além das fronteiras

O judaísmo messiânico é uma religião recente no Brasil. A primeira sinagoga messiânica foi fundada no país, na cidade de São Paulo, na década de 1950, no entanto há notícias de sua existência desde o século XIX na Inglaterra. Seus seguidores se consideram herdeiros diretos dos primeiros seguidores de Jesus, dizem professar a mesma religião dos primeiros seguidores do Messias cristão. Disso resulta uma grande dificuldade de rastrear sua história, pois seria impossível seguir os passos dos que eles alegam ser seus fundadores desde o século I da era cristã até a atualidade.

Outra grande dificuldade em analisar o judaísmo messiânico é o fato de que os judeus messiânicos não se consideram cristãos, e sim judeus, não aceitam ser classificados como uma religião separada do judaísmo. Defendem a teoria de que Jesus e os apóstolos não fundaram nenhuma nova religião. Os apóstolos, assim como Jesus, teriam, segundo a sua crença, nascidos judeus e assim permanecido durante todas as suas vidas. Não há, segundo os seguidores dessa religião, nenhuma contradição em se autodefinirem como judeus. Por exemplo, consideram os Evangelhos Cristãos uma natural continuação da bíblia hebraica, assim o conjunto das escrituras é diacrônico, não existindo ruptura entre os dois textos.

Apesar de se definirem como apenas uma corrente do judaísmo e não como uma outra religião, os judeus messiânicos, de fato, promovem essa ruptura, já que é algo inaceitável para o judaísmo a crença de que Jesus é o messias enviado por Deus. Dessa forma, ao aceitarem o pilar básico do cristianismo, que é a crença de que Jesus é o messias, os judeus messiânicos se afastam de maneira irrevogável do judaísmo.

David Flusser, estudioso da sociedade judaica do tempo neotestamentário, combate a teoria de que, desde o seu surgimento, o

cristianismo era visto como herdeiro do judaísmo. Para o autor, é difícil acreditar que os judeus aceitassem isso com naturalidade, uma vez que os novos elementos da mensagem cristã diferem de forma estrutural do judaísmo. Apesar das inúmeras seitas judaicas da época do I século, o monoteísmo continuava a ser fundamental na concepção da religião dos judeus desse período. Mais precisamente, é muito difícil pensar que a religião judaica, fundada em um absoluto monoteísmo - ou seja, Deus, além de ser um, é indivisível - iria compartilhar a crença da divindade de Jesus. Assim, a nova crença tornou-se a nova religião dos gentios e não dos judeus (FLUSSER, 1988: 165-168).

Como vimos, para Flusser, os poucos judeus da época neotestamentária, que aceitavam ser Jesus o Messias enviado por Deus, eram uma minoria. Seriam provavelmente pessoas que compartilhavam uma forma específica de judaísmo, que aceitavam e interpretavam a vida, a morte e a ressurreição de Jesus à luz do judaísmo.

Desde o I século até o século XIX, não foi encontrado nenhum documento que comprove a existência dos judeus messiânicos. Dessa forma, a análise de sua gênese se iniciará a partir da existência de fontes documentais que se encontram na Inglaterra no século XIX. As características do judaísmo messiânico e a sua difusão nas últimas décadas, inclusive no Brasil, fazem-nos esboçar a hipótese de que a origem do judaísmo messiânico não está em um passado distante, mas no século XIX, e o mais importante em relação à compreensão dessa religião está no presente e na sua projeção para o futuro, já que seu crescimento e cristalização têm aumentado sistematicamente. Em uma rápida cronologia, podemos seguir os caminhos dos judeus messiânicos através da fundação das primeiras associações e sinagogas messiânicas ao redor do mundo, para melhor compreender as circunstâncias de seu estabelecimento e difusão no Brasil.

No início do século XIX nasceu o movimento cristão-hebreu na Inglaterra. Em 1813 um grupo chamado de judeus-cristãos começou a se reunir em Londres para as orações de sexta-feira à noite (SCHWARTZ, 1867:16).

Seria esse, segundo os teóricos do judaísmo messiânico, o início da organização da primeira sinagoga judaico-messiânica.

Em 1886 foi fundada a associação Hebrew Christian Alliance of Great Britain (Aliança Hebraico-cristã da Grã-Bretanha) por Carl Schwartz (ministro Presbiteriano de origem judaica) e em 1886 foi criada por Joseph Rabinovitch em Kishinev, na Ucrânia, a congregação judaico-messiânica Israelitas da Nova-Aliança (STERN, 1989).

Foram escassas as referências encontradas sobre os primeiros líderes messiânicos. De fato, as únicas indicações sobre os primeiros líderes do judaísmo messiânico foram as listadas no livro de David Stern (Manifesto Judeu Messiânico), que é uma espécie de manual do judaísmo messiânico na atualidade. Segundo Stern, em uma breve referência a este tópico:

"[...]Esforços esporádicos foram feitos no sentido de manter uma abordagem esporádica: por exemplo: o rabino Isaac Liechtenstein, que pregou Yeshua do púlpito de sua sinagoga em Tapio-Szele, Hungria (final de 1800); Joseph Rabinovitch, que fundou uma sinagoga messiânica em Kishnev, nos anos 1880; Yechiel Liechtenstein, com seus comentários do Novo Testamento (1891- 1904); Mark John Levy e Theodoro Lucky (início de 1900). Mas, como movimento era ainda imbuído de gentilismo, conquistou principalmente judeus marginais, como B.Z.Sobel documenta de maneira arrasadora em seu livro Hebrew Christianity: The Thirteenth Tribe (Cristianismo Judaico: a décima Terceira Tribo), no estudo de uma pequena organização missionária do início de 1960). (STERN, 1989:66).

Dessas poucas referências citadas no livro de Stern, foram encontradas apenas três:

Em primeiro lugar, o livro de B.Z.Sobel, da Universidade de Haifa (Israel), sociólogo que escreveu, em 1964, uma crítica contundente ao judaísmo messiânico, mas que apresenta alguns dados bem interessantes. Sobel pesquisou a comunidade judaica em Londres, no final do século XIX, e constatou que havia um grande movimento de assimilação por parte da população de judeus da Grã-Bretanha. Dessa forma, com os novos ares de liberdade religiosa, surgem diversas pequenas dissidências das religiões tradicionais, dentre elas o judaísmo messiânico.

A primeira sinagoga messiânica teria sido fundada em 1884, segundo Sobel, no East Side, em Londres, por um pastor evangélico chamado Harry Ellison. Essa comunidade contava com poucos membros (em torno de 30), chamados por Sobel em sua obra de “judeus marginais”, mesma denominação dada por Stern a esses membros (SOBEL, 1974).

A segunda referência encontrada foi o nome de Joseph Rabinovitch, em um estudo judaico-messiânico organizado por Kjær-Kai Hansen, em 1996. Os autores desse estudo são todos judeus messiânicos, inclusive contando com a colaboração de seu principal teórico, David Stern.

Segundo artigo do próprio Kjær-Kai Hansen, Joseph Rabinowitz⁷, nascido de uma família judia *hassídica*⁸ de Kishinev, teria chegado à Palestina em 1882, onde teria iniciado um movimento chamado “Israelitas da Nova Aliança”. Defensor do batismo por imersão nos rituais judaicos teria sido expulso da comunidade judaica. Voltou, então, para Europa e foi batizado em Berlim em uma igreja luterana. De volta à cidade natal, fundou uma sinagoga messiânica. Nas notas de referência, Kjær-Kai Hansen diz que irá se abster de fornecer informações detalhadas sobre as fontes a respeito de Rabinowitz. Isso torna impossível a conferência dessas informações.

Finalmente, foi encontrado nesse artigo, redigido por diversos autores e publicado em 1996, uma rápida referência a John Mark Levy. O artigo foi escrito por Menahem Benhayim intitulado “O surgimento dos judeus messiânicos”. Nesse texto, o autor cita Levy como um bispo episcopal da igreja anglicana, que nos finais do século XIX, em Londres, tentou aproximar-se das observâncias religiosas judaicas. Esse momento irá coincidir com “uma crise de

⁷ O autor usa a grafia Rabinowitz, enquanto no livro de David Stern a grafia é David Rabinovitch.

⁸ É um movimento surgido no interior do judaísmo ortodoxo, que promove a espiritualidade através da popularização e internalização do misticismo judaico, como um aspecto fundamental da fé judaica. Essa vertente não deixou de existir ao longo de praticamente toda a história judaica. Hoje, no entanto, o uso do termo “*chassidismo*” ou “*hassidismo*” se restringe à tendência desenvolvida na primeira metade do século XVIII, na Europa Oriental, com o rabino Israel Ben Eliezer, mais conhecido como Baal Shem To - em reação ao judaísmo legalista ou talmúdico, mais intelectualizado.

modernidade” que irá atingir a comunidade judaica inglesa, os judeus foram abandonando a ortodoxia e aproximando-se cada vez mais do secularismo, atraindo alguns judeus para as igrejas evangélicas. Levy teria pregado a esses dissidentes da religião judaica.

As próximas referências sobre a história do judaísmo messiânico remetem aos Estados Unidos e também são de final do século XIX. Assim, em 1885, em Nova York (EUA), judeus convertidos ao cristianismo, que frequentavam a Igreja Metodista, fundaram uma missão chamada “Esperança de Israel”, na qual mantinham certos rituais judaicos, apesar de adotarem a crença metodista⁹. Ainda não era uma associação judaico-messiânica, mas seria o início da organização dessa religião em terras norte-americanas.

Passados alguns anos, em 1925 foi fundada a Hebrew Christian Alliance of America (Aliança Hebraico-Cristã da América), separando seus membros daqueles que não se consideravam judeus. Surge assim a primeira associação judaico-messiânica norte-americana. Em 1997 a associação foi rebatizada de International Messianic Jewish Alliance (IMJA) (Aliança Internacional Judaico-messiânica).

O judaísmo messiânico, tal qual existe na atualidade, surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos, e as associações foram formadas por judeus que haviam se convertido ao cristianismo, mas queriam manter o modo de vida judaico.

Em 1975, finalmente, foi fundada a MJAA, Messianic Jewish Alliance of America (Aliança Judaico-messiânica da América), que, como veremos no capítulo III, tornou-se umas das mais representativas associações judaico-messiânicas no mundo, só perdendo em influência para a UMJC (Union Messianic Jewish Congregation) (Congregação da União Judaico-messiânica). A UMJC existe desde 1979 e mantém 80 congregações judaico-messiânicas, é a associação com mais representantes no Brasil.

⁹www.mjaa.org

Sobre a história das associações mencionadas será feito um relato mais detalhado no capítulo III.

1.2- No Brasil: as primeiras sinagogas messiânicas brasileiras.

O Judaísmo messiânico no Brasil é um fenômeno recente. A primeira sinagoga messiânica brasileira foi a Beit Sar Shalom fundada na década de 1950, por Emanuel Woods, norte-americano que, partindo de seu país de origem, se dirigiu ao Brasil com o propósito de aqui fundar a primeira sinagoga messiânica em 1951 (TRAVASSOS, 2008).

Emanuel Woods (já falecido), segundo relato de seu filho Daniel, concedido em entrevista realizada em 2008 e que atualmente é líder da Beit Sar Shalom, era um rabino judeu tradicional que, depois de muito estudar as escrituras, tanto as judaicas quanto as cristãs, teria tido uma revelação que o levou a crer ser Jesus o messias enviado por Deus. A partir desse momento, teria se tornado seguidor do judaísmo messiânico e emigrado ao Brasil, atendendo a uma inspiração divina, que o teria estimulado a difundir a sua crença no Brasil.

Ainda segundo o relato de Daniel Woods, os primeiros tempos no Brasil, na cidade de São Paulo, primeiro na residência da família Woods, no Jardim América, e, posteriormente, na década de 1970, no bairro de Higienópolis, foram muito difíceis, pois os judeus tradicionais não aceitavam sua crença e o rechaçavam e ridicularizavam.

É interessante salientar que os judeus paulistanos, que moravam em grande maioria no bairro do Bom Retiro até meados do século XX, migraram em número cada vez maior para o bairro de Higienópolis. Essa mudança foi proporcionada pela ascensão social pela qual passou a comunidade judaica, a partir das décadas de 1960/70 (RATNER, 1978).

A Beit Sar Shalom seguiu esse movimento de mudança de bairro da comunidade judaica tradicional, apesar de não ter sido aceita por ela. Desde

então e até hoje sua sede se encontra no mesmo endereço. A sinagoga messiânica Beit Sar Shalom nunca se ligou a nenhuma associação judaico-messiânica internacional nem nacional e se mantém pequena, com cerca de cinquenta membros.

Desses membros, poucos são de origem judaica, apenas cerca de três a quatro famílias, os outros são majoritariamente de origem cristã e chegaram a Beit Sar Shalom depois de experiências em diversas igrejas de denominações evangélicas.

Como veremos no capítulo II, outras sinagogas judaico-messiânicas foram fundadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e outros estados brasileiros, principalmente a partir da década de 1990.

Analisando o panorama religioso brasileiro na década de 1990, aparentemente é um momento que aponta para um quadro diversificado de ofertas religiosas. Por hipótese, essa diversificação, somada ao declínio do até então majoritário catolicismo, está vinculada a uma democratização do país, após 21 anos de ditadura militar. Segundo Pierucci (PIERUCCI, 2002), o declínio das religiões tradicionais, como o catolicismo, seria um processo inerente às sociedades, que o autor chama de “pós-tradicionais”. A década de 1990, principalmente a partir da estabilização de economia em 1994, com o fim da inflação e a adoção do Plano Real, passa por uma liberalização econômica, que atinge outras esferas, permitindo assim a adoção de outras opções religiosas, dentre elas o judaísmo messiânico, que se apresenta como uma ruptura ao judaísmo tradicional e uma opção religiosa que, antes dessa época (década de 1990), era vista com muito mais desconfiança.

1.3- Breve análise do panorama social e religioso do Brasil nos finais do século XIX, meados do século XX.

Antes de analisarmos o lugar do judaísmo messiânico na atualidade do panorama religioso brasileiro, é importante fazermos uma breve retrospectiva das religiões no Brasil, desde os seus primórdios, na tentativa de entender se há de fato uma polisssemia religiosa na atualidade e como o judaísmo messiânico encaixa-se nessa realidade. É de fundamental importância salientar que não pretendemos nesta breve cronologia esgotar tão extenso e importante assunto. O objetivo é salientar certos traços do campo religioso brasileiro que nos permitam contextualizar o surgimento do judaísmo messiânico.

Em primeiro lugar, devemos mencionar as religiões dos primeiros povoadores, as das nações indígenas, com seus sistemas religiosos peculiares dentre as várias etnias distribuídas pelo território, que foi chamado posteriormente de Brasil.

Antes de falar do majoritário catolicismo vindo com os colonizadores portugueses, podemos citar a presença das religiões de origem africana. Entre elas podemos verificar a existência do candomblé, casa de minas (Maranhão), Xangô do nordeste e a posterior umbanda, derivada das religiões africanas, do catolicismo e das religiões indígenas, surgida na década de 1920 no Rio de Janeiro.

As religiões tradicionais africanas, até a década de 1960, estavam circunscritas às populações negras como religiões étnicas. Aos poucos perderam esse caráter, passaram a ser religiões universais, isto é, abertas a todos. (PRANDI, 1998)

Outra religião importante no cenário brasileiro e que parte do princípio da comunicação com os mortos é o espiritismo kardecista, que chegou ao Brasil nos fins do século XIX e início do século XX, vindo da Europa, é o chamado espiritismo de “mesa branca” para diferenciar-se daquele praticado nos terreiros. Segundo Brandão (2004:267), podemos afirmar que a umbanda, o

candomblé e o espiritismo kardecista são as três religiões mediúnicas mais difundidas no Brasil.

A religião católica sempre foi majoritária no Brasil, apesar de não podermos dizer que haja uma única religião católica, pois internamente existem inúmeras diferenças, desde os carismáticos até os católicos mais conservadores. Apesar das diferenças, todas as igrejas católicas são representadas pela Igreja de Roma, seguindo suas diretrizes; a única exceção é a da igreja católica brasileira.

Podemos dizer que existem no Brasil aqueles que podem ser categorizados como católicos tradicionais. Dentre eles estão tanto aqueles que só frequentam a igreja nas ocasiões nas quais se realizam os rituais de passagem, como batismo e casamentos, e aqueles que são assíduos nos vários serviços religiosos. Muitos desses indivíduos se declaram católicos apenas como uma identidade social.

Existem ainda no Brasil os católicos que pertencem às comunidades eclesiais e de base, os que pertencem à renovação carismática, encontro de jovens, etc. (PRANDI, 1998). É importante notar que essas diferenças não são captadas pelos censos populacionais.

Entre as religiões cristãs existem ainda as várias denominações evangélicas e protestantes. Há também aquelas de difícil classificação, que não se identificam nem com o catolicismo nem com as confissões evangélicas. Alguns exemplos: testemunhas de Jeová, mórmons e adventistas do sétimo dia.

O ramo mais antigo dos evangélicos no país é composto pelos protestantes de imigração, grupos que vieram com os europeus, no final do século XIX, a exemplo dos luteranos e dos episcopais, que se concentraram na região sul do país. São provenientes tanto da Europa como dos EUA, protestantes de missão, que praticam um evangelismo de conversão. Dentre eles estão os presbiterianos, congregacionistas e metodistas.

A pergunta que deriva da constatação do aumento de opções religiosas no Brasil a partir do século XIX, além do catolicismo legal e das ilegais religiões afro-brasileiras é: por que o aumento dessa diversidade religiosa? Esse questionamento pode ser respondido através da observação das mudanças socioeconômicas que o século XIX vivenciou. Segundo Ortiz (ORTIZ, 2006:115), no final do século XIX e início do século XX, houve um aumento da importância e autoridade da ciência. Com o surgimento das ideias positivistas, o mundo passa ser entendido através de uma ótica racional que as religiões não compreendem. Essa nova concepção de mundo pretendia eliminar os universos religiosos e procurar as explicações através apenas da ciência.

Com a gênese da revolução industrial na Inglaterra, que ocorreu entre os séculos XVIII e XIX e que depois se espalha pelo resto da Europa ocidental, assistiu-se ao declínio da centralidade da religião enquanto forma e instrumento hegemônico de organização social. O final do século XIX e início do século XX podem ser caracterizados como o momento em que a concepção eurocêntrica do mundo deu lugar a um pensamento que reconhece a pluralidade de culturas e processos civilizatórios. Essa concepção atingiu o Brasil como reprodutor das ideias surgidas nesse novo panorama europeu (ORTIZ, 2006).

No Brasil, até 1889, a religião católica era a única oficial. Os novos ares de modernidade vindos através dos ideais positivistas e industrializadores chegam com os republicanos. O fim do monopólio da igreja de Roma se inicia com a Proclamação da República. A imagem da sociedade industrial não significava apenas a secularização, mas também a racionalização das esferas de saber.

O advento da sociedade industrial não implica necessariamente o desaparecimento da religião, mas sim o declínio de sua centralização enquanto forma e instrumento hegemônico de organização social (MONTERO, 2012). Como afirma Montero, a religião continua a ter um papel de importância inegável na construção da nova sociedade republicana brasileira:

Secularismo enquanto doutrina política do estado, não implicou necessariamente na separação entre as instituições religiosas e as instituições governamentais. Ela colocou em jogo uma dupla mutação, na qual, por um lado, as demandas religiosas se representam nas formas decisórias e, por outros agentes religiosos são chamados a colaborar na execução de políticas públicas. Nesse processo se reelaboram novas concepções de religião, ética e de política (MONTERO, 2012:172).

Esses agentes religiosos imbuídos da construção dessa nova sociedade se viram obrigados a aprender situações específicas, mas isso não quis dizer que as instituições religiosas não tenham agido em proveito próprio. Assim como sagazmente afirma Montero: “Quando são consideradas tradições culturais os ritos africanos, por exemplo, são mais facilmente incorporados às imagens de identidade nacional do que quando são tratados como ritos religiosos”.

O projeto de laicização do Estado brasileiro e a nova Constituição de 1891, que garantia a liberdade religiosa, implicou medidas como a construção de uma sociedade civil, que anteriormente não existia. São incorporadas à vida dos brasileiros, por exemplo, as certidões de nascimento e de casamento civil.

Esse novo momento redefine as classes sociais brasileiras. Inicia-se o florescimento de novas crenças religiosas, já que o catolicismo já não é mais a base da formação da identidade nacional.

Seguindo a cronologia proposta, derivados de divisões tardias dos protestantes dos EUA começam a chegar ao Brasil a partir de 1910 através da atuação de missionários norte-americanos, as religiões denominadas Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil. Esse grupo tem o culto centrado no dom das línguas e da cura (PRANDI, 1998), além da crença da volta iminente de Cristo.

Dando um salto no tempo, podemos caracterizar a década de 1950 como notadamente marcada por um esforço de modernização do país, através de planos econômicos como o de Metas (1955-1960), durante a sua implementação no governo de Juscelino Kubitschek. Esse plano fazia parte de

uma política econômica que pretendia modernizar o Brasil através da atração de empresas multinacionais que iriam investir nos setores de bens de consumo duráveis, principalmente de eletrodomésticos e automóveis. O financiamento dessas medidas econômicas seria feito através de emissão de títulos públicos e empréstimos externos. Prometia-se desenvolver o país em cinquenta anos em apenas cinco anos e trazê-lo para a modernidade (VASCONCELLOS, 2007).

Nessa época, o Brasil passa a contar com montadoras de automóveis, indústrias de eletrodomésticos, liberando as mulheres brasileiras, pertencentes a uma crescente classe média urbana, para uma vida cada vez mais fora do universo doméstico. A abertura de estradas, assim como a fundação da nova capital federal, Brasília, trouxe aos brasileiros a sensação de estar de fato vivenciando um momento único de modernização do país. Esses ares de modernidade penetraram por todas as vias, através da televisão, do rádio, das autoestradas, que passam a criar uma comunicação maior e mais efetiva por quase todo país (VASCONCELLOS, 2007).

Durante a década de 1950 chegam ao Brasil novos movimentos missionários, dentre eles a cruzada nacional de evangelização, vinculados à Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada na cidade de São João da Boa Vista, no estado de São Paulo. Somente nas décadas de 1960/70 eles estabeleceram um evangelismo mais dinâmico e se espalharam por todo território nacional¹⁰. Outro exemplo de igreja missionária desse período foi a fundação, no ano de 1962, da Igreja Deus é Amor na cidade de São Paulo.

Nas décadas de 1940 e 1950, o Brasil viveu um período de intensas mudanças sociais, às quais se somou a expansão das expressões religiosas praticamente novas, que iriam compor em definitivo o cenário religioso do país nas décadas seguintes; sobretudo as religiões afro-brasileiras e as denominações evangélicas pentecostais (PRANDI, 1998).

¹⁰<http://www.portaligrejaquadrangular.com.br>, acesso em 20/07/2013.

Um novo movimento pentecostal começa na segunda metade dos anos 1970. A Igreja de Nova Vida, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário canadense Robert McAlister, foi a primeira de uma longa série, encabeçada pelas Igrejas Universal do Reino de Deus (RJ, 1977), Internacional da Graça de Deus (RJ, 1980), e Cristo Vive (RJ, 1986), estas três ao lado da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (GO, 1970) e a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (SP, 1994). Essas são as principais igrejas surgidas no período. Tal corrente é denominada neopentecostal (MARIANO, 1999). O termo neopentecostal é usado para designar igrejas que teriam um caráter inovador em relação ao protestantismo histórico e o pentecostalismo.

Essa onda apresenta peculiaridades doutrinárias e práticas religiosas singulares e, por não reivindicarem vínculos históricos explícitos, são chamadas também de pentecostalismo autônomo. Entretanto, não existem apenas igrejas tradicionais de um lado e pentecostais do outro, o que torna o panorama religioso brasileiro bastante complexo (PASSOS, 2005).

Segundo Paula Montero, o protestantismo pentecostal, que inicia sua penetração pelo Brasil, foi o único movimento capaz de fazer frente ao poder da Igreja católica. Essa capacidade deveu-se à conquista de uma visibilidade cada vez maior através de meios de comunicação, como o rádio e, posteriormente, a televisão, que até então não eram usados pela Igreja Católica (MONTERO, 2012).

Uma maior visibilidade, no entanto, não significou uma aceitação maior, principalmente pelas classes mais abastadas da sociedade brasileira. A associação da fé com o dinheiro, a prática de exorcismo e cura são vistos com desconfiança (MONTERO, 2012). As novas religiões apresentavam pouco reconhecimento social e sua legitimidade era constantemente contestada, as instituições que as representavam não eram vistas como religiosas e despertavam dúvidas entre importantes setores da sociedade brasileira, principalmente nas camadas sociais mais elevadas.

A chegada do protestantismo, vindo dos Estados Unidos, tinha um apelo emocional, seus seguidores afirmavam que sob a atuação do Espírito Santo recebiam o dom das línguas (glossolalia) e recebiam também o dom da cura. A partir da década de 1970, o dom da cura terá uma ênfase maior (PRANDI, 1998).

Essas novas religiões apresentam uma interpretação da vida cotidiana que a religião católica não alcançava. Desde os fins do século XIX, o protestantismo norte-americano encontrou espaço nas cidades brasileiras em uma proporção menor que no campo. Na década de 1950, com o aumento da urbanização, o pentecostalismo encontrou terreno cada vez mais fértil de disseminação. É nesse período que a teologia da prosperidade é trazida ao país através da fundação de várias denominações neopentecostais.

Fazendo uma breve análise da década de 1970, em termos socioeconômicos, veremos que o princípio desse período assistiu a um crescimento vertiginoso da economia brasileira, que ficou conhecido como “Milagre Econômico”- 1968-1973. Essa pretensa prosperidade econômica levou a população do país a acreditar em um futuro melhor, garantido pela riqueza e modernização da nação, (apesar de estarem sob o tacão de uma ditadura militar). As crises que se seguiram não confirmaram essa crença (VASCONCELLOS, 2007).

A aparente prosperidade logo dará lugar às crises econômicas sem precedentes. Dentre elas podemos citar: as duas crises do petróleo (1973 e 1979), que produziram aumentos significativos dos preços praticados em todos os setores da economia; o aumento galopante da inflação e as crises políticas que se abateram sobre o país nessa época (que só irão recrudescer na década seguinte). Esses acontecimentos criaram um clima de insegurança, propiciando assim terreno fértil para o surgimento de soluções como as propostas pela teologia da prosperidade, como fora mencionado (VASCONCELLOS, 2007).

Na década de 1970, são fundadas no país as igrejas neopentecostais, que adotam a teologia da prosperidade e passam a se organizar dentro dos

princípios da economia de mercado. As primeiras do ramo foram a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD, RJ, 1977), Internacional da Graça de Deus (RJ, 1980), Cristo Vive (RJ, 1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiânia, 1976) e Renascer em Cristo (SP, 1986) (MARIANO, 2005:32-34). Uma das características da teologia da prosperidade é romper com um modelo de cristianismo voltado para a pobreza, o que em um momento de grave crise econômica e social irá atrair cada vez mais fiéis para as igrejas que adotam essa teologia.

A tendência para o surgimento de novas denominações neopentecostais irá se confirmar no decorrer das décadas de 1980 e 1990, em um novo ambiente político-econômico. Com o fim da ditadura militar, que perdurou de 1964 a 1985, e o surgimento de nova sociedade emergida a partir de direitos recém-readquiridos, essa tendência irá se materializar no surgimento de várias novas igreja e religiões.

Novas igrejas neopentecostais surgem nessa época como: Igreja Bola de Neve (SP, 1999), voltada quase exclusivamente para as classes média e alta, tem atraído principalmente jovens. Também podemos citar a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD, Sorocaba, SP, 1998), fundada por um bispo dissidente da Igreja Universal do Reino de Deus, Valdemiro Santiago, a IMPD, que já possui filiais em todo o país e em quase todos os continentes, e uma emissora própria, com transmissão ao vivo, por vinte e quatro horas no próprio *síte* da igreja.

Segundo Prandi, em sua obra *Um Sopro do Espírito*:

Nesse variado quadro de alternativas e possibilidades o converso move-se com legitimidade, hoje qualquer um se sente com direito a abraçar a religião que melhor lhe convém, ou não abraçar nenhuma. A conversão não é definitiva e permanente. O trânsito entre religiões é intenso o que pode obrigar religiões antagônicas a reconhecerem umas as outras. Ainda que esse reconhecimento implique a ideia de que a outra represente o mal a ser desfeito e combatido. (PRANDI, 1998:26)

É nesse período que o judaísmo messiânico também começa a aparecer com maior frequência no Brasil, pois são fundadas sinagogas messiânicas em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, com a fundação da Har Tzion por Marcelo Guimarães, hoje a maior sinagoga messiânica brasileira. Ao processo de liberalismo econômico e globalização, juntou-se a perspectiva de uma maior polissemia religiosa, numerosas denominações cristãs surgem nesse período.

Apesar de os judeus messiânicos se declararem judeus e não cristãos, como veremos nos próximos capítulos desta pesquisa, a sua religião é fundamentada na crença em Jesus Cristo e seus adeptos creem ser Jesus o messias enviado por Deus. Essa posição, aparentemente, cria um paradoxo com o messianismo judaico, que ainda está à espera do salvador enviado por Deus. A crença em Jesus entre os judeus messiânicos constitui o marcador mais importante de identidade, separando o judaísmo tradicional do judaísmo messiânico.

Há uma clara tentativa de hebraizar o cristianismo, entre os judeus messiânicos, adotando em seus cultos elementos e símbolos tipicamente judaicos, como por exemplo, Estrelas de David, ou o candelabro de sete braços, que são usados como adornos das sinagogas messiânicas. Mas, quando os judeus messiânicos fazem alguma referência a Jesus usam símbolos como o peixe e não a cruz. O peixe nos remete ao Jesus judeu e os seguidores dessa religião percebem isso claramente. Evitando símbolos usados pelas igrejas cristãs, os judeus messiânicos negam que sua religião seja cristã, afirmando através de símbolos que são uma religião judaica. Essa importante questão será analisada com maiores detalhes no capítulo IV deste trabalho.

O judaísmo messiânico poderia então ser classificado como um grupo que está fora dos limites da comunidade judaica oficial, mas seus seguidores não podem também ser classificados como cristãos. Isso gera uma enorme dificuldade em determinar qual o lugar que essa religião irá assumir no panorama religioso brasileiro, tanto na atualidade como no futuro. Ao longo desta pesquisa, uma das questões que se tentará compreender é justamente

esta: como se insere o judaísmo messiânico na realidade religiosa do país, através de estratégias discursivas e não discursivas.

1.4- Breve análise dos censos demográficos realizados no Brasil entre as décadas de 1990 e 2010:

O censo realizado em 1991 apresentou um panorama religioso bastante diverso do que aqueles verificados nos censos realizados anteriormente no Brasil. O catolicismo continuava a ser a religião majoritária, com 121, 8 milhões de membros representando 83,8% da população brasileira. Os evangélicos, no entanto, já apresentavam numericamente uma tendência ao crescimento, com 13 milhões de indivíduos, o que correspondia a 9,05% da população. Os que se declararam sem religião foram 4,8% ou 6,9 milhões. A população judaica era de 86,416, ou 0,1 % da população brasileira.

No censo de 1991, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) procurou ampliar ao máximo o espectro dos grupos religiosos. Cada grupo religioso foi dividido em subgrupos. A população judaica apresentou um leve decréscimo, desde o último censo que havia sido realizado em 1980, quando os judeus eram em torno de 90 mil indivíduos residindo no país.

A década de 1990 foi um período em que as identidades nacionais foram fortemente transformadas pelo processo de globalização, abrindo espaço para novas alternativas, na educação, na economia, na tecnologia e, logicamente, no campo religioso. (ORTIZ, 2006).

Essa tendência foi confirmada pelo censo de 2000, que apresentou resultados apontando para uma mudança do perfil religioso da população. Diminuiu relativamente o número de católicos, aumentou o espectro de alternativas religiosas e cresceu o número daqueles que se declararam sem religião (CAMURÇA, 2006:35).

Abaixo seguem alguns dados retirados do censo de 2000:

Religião	Católicos	Evangélicos	Sem religião
Em milhões 1991	121,8	13	8,2
Em milhões 2000	125	26	12,5
Percentual 1991	83,80%	9,05%	4,8
Percentual 2000	73,80%	15,45%	7,3
Aumento/redução	redução 11,9%	aumento 50%	aumento de 56%

Outras religiões: espíritas kardecistas, em 4º lugar; religiões afro-brasileiras (umbanda e candomblé), em 5º lugar; religiões orientais (budismo), em 6º lugar; judaísmo, em 7º lugar, e islamismo, em 8º lugar.

O censo demográfico, realizado em 2010, não mostrou grandes diferenças em termos de panorama religioso em relação ao realizado uma década antes. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, apesar de permanecer a religião majoritária.

Os católicos passaram de 73,6%, em 2000, para 64,6%, em 2010. Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil, no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, esse percentual era de 9,0% e, em 1980, 6,6%.

Entre os estados, o menor percentual de católicos foi encontrado no Rio de Janeiro, 45,8% em 2010. O maior percentual era no Piauí, 85,1%. Em relação aos evangélicos, a maior concentração estava em Rondônia (33,8%), e a menor no Piauí (9,7%).

Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão, e 21,8 %, evangélicos não determinados. A pesquisa indica também o aumento do total de espíritas kardecistas, dos que se declararam sem religião, ainda que em ritmo inferior ao da década anterior, e do conjunto pertencente às outras religiosidades.

Entre os espíritas, que passaram de 1,3% da população (2,3 milhões), em 2000, para 2,0%, em 2010 (3,8 milhões), o aumento mais expressivo foi observado no Sudeste, cuja proporção passou de 2,0% para 3,1% entre 2000 e 2010, um aumento de mais de 1 milhão de pessoas (de 1,4 milhão em 2000 para 2,5 milhões em 2010). O estado com maior proporção de espíritas era o Rio de Janeiro (4,0%), seguido de São Paulo (3,3%), Minas Gerais (2,1%) e Espírito Santo (1,0%).

O Censo 2010 também registrou aumento entre a população que se declarou sem religião. Em 2000, eram quase 12,5 milhões (7,3%), ultrapassando os 15 milhões em 2010 (8,0%). Os adeptos da umbanda e do candomblé mantiveram-se em 0,3% em 2010.¹¹

Abaixo segue o total de pessoas das dez maiores religiões presentes no Brasil, apuradas pelo censo realizado em 2010¹²:

Religião	2010
Católicos	123 971 172
Evangélicos	42 275 440
Espíritas	3 848 876
Testemunhas de Jeová	1 393 208
Umbanda	407 331
Budismo	243 966
Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias	226 509
Candomblé	167 363
Religiões orientais	155 951
Judaísmo	107 329

¹¹<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em 03/06/2013.

¹²<http://top10mais.org/top-10-maiores-religoes-do-brasil-censo-2010/#ixzz2U4bqEXrl>. Acesso em 29/0/2012

1.4-1- Breve análise da imigração judaica para o Brasil

A população judaica mundial, recenseada pelo demógrafo Sergio Della Pergola em 2003, foi estimada em 12,948 milhões, apresentando uma desaceleração do crescimento desde a II Guerra Mundial. Desde o final da I Guerra, grandes mudanças ocorreram na população judaica, dentre essas mudanças a imigração desempenhou um papel fundamental na reformulação do perfil sociodemográfico dos judeus. Israel recebeu 63% do total de imigrantes enquanto que 37% se deslocaram para países da Europa Ocidental, América do Norte e América Latina¹³.

Segundo o demógrafo, essa desaceleração do crescimento da população judaica em diáspora se dá por diversos motivos: envelhecimento da população, poucos nascimentos, não-filiação com o judaísmo, casamentos inter-religiosos. Esses dados não se aplicam ao Estado de Israel e sim aos outros países que receberam imigração judaica, dentre eles o Brasil, que certamente se encaixa nessa desaceleração de crescimento populacional.

Fazendo uma breve análise da imigração judaica no Brasil, as estatísticas nos permitem estabelecer a seguinte cronologia: os primeiros judeus que chegam a esse Brasil moderno, segundo a Encyclopaedia Judaica Jerusalem¹⁴, eram basicamente pessoas vindas do leste europeu¹⁵. Essa onda de imigração teve seu início formal em 1903, quando as primeiras tentativas para estabelecer comunidades agrícolas foram feitas na região sul do país. Por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-18), o Brasil tinha uma população judaica de cinco a sete mil pessoas. Ainda segundo dados da Encyclopaedia Judaica, após a Guerra, houve um aumento significativo da imigração judaica. Assim, entre as décadas de 1920 e 1930 chegaram ao país cerca de vinte e oito mil indivíduos, vindos principalmente da Europa Oriental (de acordo com dados fornecidos pelas entidades judaicas de assistência aos imigrantes da época).

¹³http://www.claimscon.org/forms/allocations/Review_Della%20Pergola%20ICHEIC_.pdf

¹⁴Encyclopaedia Judaica Jerusalem (vol 4, pp1322-1333),

¹⁵ Não será considerada nessa pesquisa a complexa questão dos Novos Cristãos.

Entretanto, as primeiras estatísticas confiáveis da presença judaica no Brasil provem do censo de 1940, cujos resultados só foram conhecidos em 1943. Anteriormente a essa data, foram divulgados números e estimativas exageradas. Segundo Decol: “[...] 400 mil judeus viviam no Brasil; 150 mil entraram nos últimos seis meses- o Meio Dia- Jornal Carioca [...]”. (DECOL, 231). Quando os dados censitários foram publicados, soube-se então que a comunidade judaica tinha algo em redor de cinquenta mil pessoas.

Uma grande dificuldade de se realizar censos populacionais entre os judeus é a falta de coerência e uniformidade na definição e critérios seguidos quanto à questão da definição de quem é judeu. Segundo Della Pergola, deve-se usar três critérios:

- o primeiro, denominado população núcleo, inclui aqueles indivíduos que, quando questionados, identifiquem-se como judeus. Nesse critério são incluídos aqueles que se converteram ao judaísmo, aqueles que se declaram judeus etnicamente, mas que não seguem a religião judaica; são excluídos aqueles que afirmam pertencer a outra religião ;
- o segundo, denominado população alargada, inclui todas as pessoas de origem judaica que não são judias atualmente, por terem adotado outra religião, ou por rejeitarem sua ascendência judaica;
- o terceiro critério refere-se à Lei do retorno de Israel, que é um enquadramento legal para aceitação de novos imigrantes. Pela Lei do retorno, é judia qualquer pessoa nascida de mãe judia ou que se converteu ao judaísmo¹⁶.

Mas não devemos deixar de levar em consideração uma peculiaridade sobre a questão da identidade judaica: como sabemos, o censo brasileiro traz uma pergunta sobre a filiação religiosa. No caso específico dos judeus, isso gera dificuldades para sua identificação porque, além do componente religioso,

¹⁶http://www.claimscon.org/forms/allocations/Review_Della%20Pergola%20ICHEIC_.pdf

muitos judeus se identificam tendo como base as variáveis cultural e histórica. Consequentemente aquele indivíduo que, por exemplo, não se identifique com a religião judaica, mas que encontra outras formas de identificação com o judaísmo, poderá não ser contabilizado como judeu através do censo (DECOL, P.31).

No contexto imigratório brasileiro geral, a imigração judaica foi ínfima. Nos 100 anos entre as décadas de 1870 e 1970, mais de cinco milhões de imigrantes chegaram ao Brasil. Comparada aos demais fluxos, a imigração judaica é relativamente recente no Brasil. A partir de 1960, tanto a imigração geral como a judaica entraram em declínio, a partir desse momento, esta última só pôde contar com seu crescimento vegetativo.

Retomando a análise do campo religioso brasileiro, podemos dizer que o Brasil ainda é a maior nação católica do mundo, mas, na última década, a Igreja teve uma redução da ordem de 1,7 milhão de fiéis, um encolhimento de 12,2%. Os dados são da nova etapa de divulgação do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mas, pela primeira vez, o censo detecta uma queda em números absolutos. Antes do levantamento de 2010, o quadro era apenas de crescimento de católicos em ritmo cada vez menor.

1.5 – Breve análise do panorama religioso brasileiro na atualidade

Pierucci enfatiza que dois aspectos na mudança do panorama religioso brasileiro, verificados a partir dos censos realizados em 1990, 2000 e 2010 devem ser considerados: por um lado, a quebra dos monopólios religiosos e a proliferação de alternativas; por outro lado, a diversidade de opções religiosas continua pequena - o Brasil ainda se constitui um país essencialmente cristão e novos experimentos não costumam se afastar muito dessa herança (PIERUCCI, 2004.).

Para Pierucci, “o crescimento evangélico se deu abaixo das expectativas infladas por eles mesmos, pois estes conseguem convencer que são em um número maior do que na realidade são”. A dupla pertença não foi considerada no censo de 2000 (PIERUCCI, 2002).

Montero, por sua vez, tem uma outra interpretação em relação ao crescimento massivo de novas religiões no Brasil. Assim:

A multiplicação de cultos não corresponde simplesmente à expansão do livre-arbítrio através do aumento das possibilidades de “escolhas” doutrinárias; ao contrário, tanto do ponto de vista das fronteiras religiosas quanto da adesão de “zonas religiosas híbridas”, através das quais circulam intensamente ideias religiosas, ritos e (in) fiéis. (MONTERO, 2012)

Entretanto, não há espaço para dúvidas de que o aumento mais significativo, tanto em termos percentuais como em termos do número de aderentes, é certamente dos evangélicos, em particular dos pentecostais. Uma das razões para isso é que, em tempos de crise, as religiões de entusiasmo tornam-se mais atraentes.

Nesse panorama religioso brasileiro, de aparente diversidade religiosa, o judaísmo messiânico procura um lugar. Porém existe uma enorme dificuldade intrínseca, para não dizer intransponível, de análise: não há como identificar quem são de fato os judeus messiânicos e quantos eles são. Nos censos realizados no decorrer da história brasileira, os judeus messiânicos não se identificam como “judeus messiânicos”, mas simplesmente como judeus, ou se identificam no campo “outros”, o que explicaria, ao menos em parte, o não incremento da população judaica medida pelos censos.

Por outro lado, como as congregações judaico-messiânicas que puderam ser avaliadas são pequenas, apresentando cerca de 100 a 200 frequentadores (a única exceção é a Har Tzion de Belo Horizonte que conta com ao menos 500 frequentadores assíduos, segundo informação de seu líder, Marcelo Guimarães), o impacto sobre o censo não é estatisticamente relevante.

A essa problemática soma-se a questão da chamada dupla pertença: vários judeus messiânicos declaram em entrevista que, além de frequentarem a sinagoga messiânica, costumam ir, por vezes, a outras igrejas e assim, alguns se identificam no censo como judeus, mas outros se identificam pela sua religião de nascimento, ou por aquela que frequentam com maior assiduidade.

Cumpra assinalar que aqueles que disseram frequentar não só os cultos das sinagogas messiânicas, mas também de outras denominações evangélicas, são provenientes originariamente dessas religiões. Nas entrevistas ficou claro que a maioria dessas pessoas vieram de denominações neopentecostais (Universal do Reino de Deus e Renascer em Cristo). Segundo esses indivíduos, optaram pelo judaísmo messiânico como legitimação de sua fé, pois passaram a considerar os rituais judaicos mais próximos daqueles praticados por Jesus e seus apóstolos. A questão da legitimidade do judaísmo messiânico na realidade brasileira religiosa será aprofundada no capítulo III desta pesquisa.

Já aqueles que disseram frequentar o serviço religioso das sinagogas tradicionais, além das sinagogas messiânicas, são pessoas provenientes originalmente da religião judaica. Entretanto, esses representam uma minoria nas congregações judaico-messiânicas. São em maior número em São Paulo e Rio de Janeiro do que em outros estados (mesmo porque são nesses estados que os judeus brasileiros estão em maior número). Apesar do líder da sinagoga messiânica Har Tzion de Belo Horizonte ter garantido que famílias judias tradicionais frequentem a sinagoga messiânica, no período da observação da sinagoga messiânica mineira, não foi identificado nenhum desses membros.

Dos membros das congregações judaico-messiânicas entrevistados, que disseram ser judeus de nascimento, a maioria declarou decepção com o judaísmo tradicional. Uma das histórias ouvidas de um fiel frequentador da sinagoga messiânica Beit Sar Shalom (SP) foi a de que o pai, judeu tradicional, abandonou a família, e a mãe desesperada procurou encontrar consolo em

uma sinagoga tradicional e não encontrou. Levada por uma amiga conheceu o judaísmo messiânico e se sentiu acolhida, os filhos seguiram os passos da mãe. Outras histórias semelhantes a essa foram relatadas em outras sinagogas messiânicas.

Também foram encontrados judeus nas sinagogas messiânicas do Rio de Janeiro e São Paulo, que disseram ter passado a crer em Jesus, mas não queriam abandonar o judaísmo (provavelmente essa seria uma tentativa de aliviar a sensação de apostasia). Assim, começaram a frequentar as sinagogas messiânicas e, segundo suas declarações, continuam a se sentirem como judeus e não como cristãos.

Por sua vez, aqueles que disseram ter vindo originalmente do catolicismo, são uma minoria ainda menor e disseram não ter frequentado nunca mais a missa católica, depois de sua conversão ao judaísmo messiânico. O que se notou, de fato, foi uma dupla transição: a pessoa nasceu e foi batizada quando criança no catolicismo converteu-se a alguma religião evangélica na idade adulta e só posteriormente chegou ao judaísmo messiânico.

O ritual judaico-messiânico não contém quase nenhum elemento católico, com uma importante exceção: assim como nas missas da igreja católica, há nas sinagogas messiânicas três leituras durante o culto: uma vinda do Pentateuco, outra que é feita geralmente do Livro dos Profetas e, finalmente, a última leitura, que é retirada dos evangelhos cristãos. Essa estrutura é bastante parecida com a das missas, em que são realizadas três leituras.

Não sabemos quantos judeus messiânicos existem no Brasil nem qual sua distribuição espacial no país, ou qual a posição social de seus frequentadores, etc. A análise acaba se restringindo à observação e às entrevistas. Essa dificuldade é inerente ao posicionamento identitário dos membros dessa religião, não se restringindo ao Brasil.

Ainda assim podemos afirmar que há uma tendência de crescimento dessa religião ao analisar, por exemplo, a quantidade de fiéis que visitaram o 10º Congresso Israelita, realizado em dezembro de 2013, na cidade paulista de Sumaré, que recebeu a visita de mais de 2000 participantes, inclusive alguns estrangeiros vindos de países sul americanos, como Argentina¹⁷. Também é possível notar um número crescente de agências de viagens especializadas no público judaico-messiânico, além da publicação de revistas, livros, *sites* das várias congregações e das associações representativas do judaísmo messiânico no Brasil e no mundo.

A modo de conclusão, podemos afirmar que é impossível determinar qual é o número de judeus messiânicos no Brasil, se a religião vem apresentando uma tendência de elevação ou queda em termos de números de fiéis, qual sua distribuição espacial no país, qual a posição social de seus frequentadores, etc. A análise acaba se restringindo à observação, a entrevistas e à análise do material produzido pelas diferentes sinagogas messiânicas, do qual se destacam os *sites* da *internet*, geralmente muito bem feitos, com bastante informação. Caminhando um passo além, é possível afirmar que as lacunas mencionadas não constituem um fenômeno exclusivo do Brasil, mas em resultado da dificuldade inerente da construção identitária do judaísmo messiânico que se observa em outras regiões e países.

¹⁷ No capítulo II será feita uma análise desse evento.

Capítulo II- As sinagogas messiânicas no Brasil

2.1- Conhecendo de perto as sinagogas Messiânicas no Brasil: locais que foram visitados pessoalmente

Dentre as cidades brasileiras em que foram encontradas sinagogas messiânicas, citamos: São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Curitiba (PR), Belo Horizonte (MG), Manaus (AM), Salvador (BA), Itabuna (BA) e Vitória (ES). As sinagogas messiânicas Beit Massiach, Beit Sar Shalom, ambas localizadas na cidade de São Paulo, Beit Tefilá Yeshua, na cidade do Rio de Janeiro, e Har Tzion, em Belo Horizonte, foram visitadas pessoalmente.

2.1-1- Estado de São Paulo

No estado de São Paulo existem quatro representantes: a sinagoga Beit Massiach, localizada do bairro do Bom Retiro, a Beit Sar Shalom, no bairro de Higienópolis, a Shear Yaacov, que conta com um *site* muito bem organizado, que trata de todos os aspectos referentes aos fiéis que participam dessa sinagoga messiânica; e no interior do estado de São Paulo, na cidade de Votorantim, a sinagoga messiânica Shema Israel.

Cidade de São Paulo

Beit Massiach (Casa do Messias)¹⁸

Em visita à Beit Massiach, em 17/09/2011, o *rosh* Gilberto Branco informou que a sinagoga foi fundada em 1996 por um grupo que não tinha espaço próprio para realizar seus encontros. Curiosamente, o espaço escolhido para fundar a sinagoga messiânica encontra-se no bairro do Bom Retiro, ocupado pelos primeiros judeus que chegaram a São Paulo. Atualmente o

¹⁸.Email: info@beitmashiach.org.br, <http://www.beitmashiach.org.br/>
Rosh Gilberto Branco
Filiada a UMJC

bairro conta com uma população judaica pequena, já que essa comunidade migrou para outros bairros, como Higienópolis e Jardim América.

Com o crescimento do grupo, fundou-se a Congregação Judaica Messiânica Beit Massiach, em 17 de janeiro de 1996. No dia da visita havia umas 50 pessoas presentes no serviço religioso.

O prédio da sinagoga, na sua fachada, em nada aparenta um edifício religioso, pois não há nenhum símbolo de identificação ou placa, de modo que apenas quem tem o endereço em mãos consegue localizar o prédio. Internamente, porém, verificam-se vários paramentos litúrgicos, tais como vitrais coloridos representando as 12 tribos de Israel, além das bandeiras de Israel e do Brasil em lugar de destaque. O significado da presença da bandeira de Israel será melhor explicado quando, neste capítulo, tratarmos a doutrina do dispensacionalismo.

O serviço religioso, ministrado pelo *rosh* Gilberto Branco durante a celebração do *shabat*, era acompanhado de música executada por dois cantores, teclado e violão. No local, ainda havia um projetor digital com *slides* das orações e das canções, o que permitia à congregação acompanhar o serviço religioso.

Segundo seus seguidores:

Um judeu que toma a decisão de dedicar a sua vida a Hashem e recebe Yeshua como korban¹⁹ costuma ser muito mais fiel à Torá²⁰ do que o era anteriormente, pois a sede de ter um relacionamento pessoal com D'us²¹ torna intenso o desejo de conhecer intimamente as Escrituras que formam o

¹⁹*Korban*- sacrifício

²⁰*Torá*- em hebraico, significa ensinamento, refere-se de maneira estrita ao Pentateuco, dividido em cinco livros: Gênesis, Êxodos, Levítico, Números e Deuteronômio. Também é conhecida na tradição judaica como Lei Escrita. Em hebraico, *Talmud* é a lei oral e significa estudo. Essa obra compila discussões rabínicas sobre as leis judaicas, costumes, tradições, lendas e histórias. Foi editada sob a forma de um longo comentário sobre as seções da *Mishná*. As seis divisões da *Mishná* tratam principalmente da *halachá* e incluem elementos de compilação da *Torá* oral. O *Talmud* é, em essência, um comentário ampliado da *Mishná*. UNTERMAN, Alan. Dicionário Judaico de lendas e tradições. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

²¹ D'us é a forma como judeus religiosos escrevem a palavra Deus, suprimindo uma letra, evita-se citar o nome de Deus em vão.

Tanach²², e estas passam a ter um significado mais vivo e completo. Cremos que a palavra de D'us, a Bíblia, é única e perfeita. Hashem²³ nos enviou a Torá e nos revelou o Tanach para que nosso povo pudesse andar sob sua santidade e direção. Em nossa sinagoga, a Brit Hadashá²⁴ tem a mesma importância da Torá e do Tanach, pois ela preserva as revelações, os ensinamentos e as profecias proferidas pelo messias durante sua primeira vinda. E juntas estas escrituras formam a completa revelação do coração de D'us ao homem.²⁵

No site oficial da sinagoga, encontra-se um claro posicionamento em relação à questão do proselitismo. Seus seguidores alegam que não tem o propósito de transformar gentios em judeus e dizem não fazer nenhuma discriminação quanto à pertença religiosa. Durante a observação na sinagoga, por seis vezes, sempre aos sábados, não foi possível verificar se há ou não algum tipo de hierarquização entre os frequentadores dessa sinagoga messiânica.

Na Beit Massiach não são realizadas conversões. Dizem não reconhecer a autoridade espiritual de nenhuma liderança religiosa que não reconheça *Yeshua* como messias, mas acreditam poder manter uma relação harmoniosa entre gentios e judeus.

Creem que os judeus possam professar a fé em Jesus e, ainda assim, viver plenamente o que eles chamam de vida judaica, mantendo as tradições do judaísmo. Segundo seus seguidores, o principal alvo da Beit Massiach é levar conhecimento do messias *Yeshua* aos judeus. Uma fala comum entre os líderes das congregações judaico-messiânicas é a alegação de que não fazem proselitismo da sua religião. No entanto, nesse discurso, há um paradoxo: os seguidores da Beit Massiach dizem que um de seus alvos principais é levar aos judeus o conhecimento de *Yeshua*, numa clara alusão à tentativa de conversão dos judeus não messiânicos ao judaísmo messiânico, que aceita *Yeshua* como o messias enviado por Deus. Há também uma sinagoga messiânica Beit

²² *Tanach*- Bíblia hebraica, equivalente ao denominado Antigo Testamento Cristão.

²³ *Hashem*- significa nome, é uma forma para designar Deus dentro do judaísmo, fora do contexto litúrgico.

²⁴ *Brit Hadashá*- Escrituras Cristãs, refere-se à Nova Aliança.

²⁵ <http://www.beitmashiach.org.br/> acesso em 02/07/2012.

Massiach²⁶, em Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo. Entretanto, nenhuma informação específica a respeito desse local será fornecida neste trabalho, já que a sinagoga messiânica não foi visitada por nós e, em 03 de julho de 2012, o *site* da congregação ainda estava em construção.

A foto abaixo foi retirada do *site* da sinagoga Beit Massiach, já que não foi permitido fotografar dentro da sinagoga. A imagem mostra o móvel onde ficam a *Torá* e o *Brit Hadashá* (O Pentateuco e as Escrituras Cristãs), ambas confeccionadas em rolos à maneira tradicional judaica. Veem-se ao fundo as bandeiras do Estado de Israel e do Brasil.

Diferentemente do que é costumeiro em templos religiosos no Brasil judaicos ou cristãos, em quase todas as sinagogas messiânicas notamos a presença das bandeiras de Israel e também a do Brasil. Há logicamente um jogo de simetria, pois as bandeiras costumam ficar cada uma ao lado de um objeto que as separa. Mas além dessa questão estética, há também uma marcação de identidade: se a presença do símbolo nacional de Israel teria como função demonstrar a lealdade ao Estado judeu, por outro lado é importante afirmar que a nacionalidade da sinagoga e de seus congregados é brasileira.



Sinagoga Beit Massiach em São Paulo em: www.judaismomessianico.com.br, acesso em 04/07/2012

²⁶ O *rosh* dessa sinagoga messiânica chama-se Efraim.

Beit Sar Shalom (Casa do Príncipe da Paz) ²⁷

A Beit Sar Shalom, localizada no bairro de Higienópolis, foi fundada em 1951 pelo norte-americano Emanuel Woods. O rabino messiânico, ao chegar ao Brasil, fundou sua sinagoga, primeiro em sua residência, localizada na Rua Estados Unidos, bairro do Jardim América. Somente mais tarde a sede da Beit Sar Shalom estaria localizada no bairro de Higienópolis, onde se encontra até hoje. O bairro de Higienópolis, atualmente, é o local onde se reúne grande parte da comunidade judaica paulistana, cumprindo um papel que anteriormente pertencia ao bairro do Bom Retiro, local da sede da Beit Massiach.

Ao contrário da Beit Massiach, que não apresenta qualquer sinal externo da atividade exercida ali, a Beit Sar Shalom deixa claro qual o uso do seu edifício. As cores de sua fachada, azul e branca, é uma clara alusão à bandeira do Estado de Israel. A placa em seu muro traz o nome da sinagoga em português e em hebraico.

A semelhança entre a Beit Sar Shalom e uma sinagoga tradicional é tal que, muitas vezes, judeus não messiânicos vão a esse local pensando tratar-se de uma sinagoga tradicional. Talvez essa afluência ocorra por conta da quantidade de judeus que circulam pelas ruas do bairro de Higienópolis (mesmo porque a sinagoga messiânica se encontra muito próxima ao Shopping Higienópolis, que é importante centro de compras frequentado pela comunidade judaica). Esse equívoco não ocorre na Beit Massiach, seja pela ausência de sinais externos na sua fachada, que mostrem de alguma forma tratar-se de uma sinagoga, seja pela baixa circulação de judeus pelas ruas do Bairro do Bom Retiro.

²⁷Beit Sar Shalom - Casa do Príncipe da Paz é uma referência ao livro de Isaías – 9:6, que cita o Príncipe da Paz. “Pai Eterno, Príncipe da Paz”. Rabino responsável: Daniel Woods. Não é filiada a nenhuma entidade.
Não possui *site* próprio

A Beit Sar Shalom, segundo Daniel Woods, é uma iniciativa independente, criada por seu pai e não filiada a nenhuma entidade judaico-messiânica. Nessa sinagoga os rituais foram desenvolvidos por Emanuel Woods de forma particularista. Embora os rituais sejam muito semelhantes entre as diversas sinagogas messiânicas visitadas, as músicas, por exemplo, da Beit Sar Shalom foram compostas ou adaptadas, por Woods e seu filho Daniel, do original das sinagogas tradicionais para o contexto messiânico.

Um exemplo de letra tradicional hebraica que foi adaptada para o contexto judaico-messiânico é: *David Melech Israel* (David Rei de Israel), que foi alterada para *Yeshua Melech Israel* (Jesus Rei de Israel). Nessas composições ou adaptações, é possível perceber que as recomendações de associações judaico-messiânicas, estabelecidas aqui no Brasil ou em outra parte do mundo, não foram consideradas (TRAVASSOS, 2008).

Assim como outros líderes de sinagogas messiânicas entrevistados, Daniel Woods constantemente faz questão de frisar sua origem judaica, legitimando assim a sua posição de representante da Beit Sar Shalom. Essa legitimação do poder, segundo Weber, parte do princípio de que toda ação, especialmente a que o autor chama de ação social e, particularmente, a relação social, podem ser orientadas pela “representação da existência de uma ordem legítima” (WEBER, 2003:19).

Quando Woods afirma ser um “judeu legítimo”, podemos analisar esse posicionamento do líder religioso através da abordagem de Berger (BERGER, 1985). O autor defende a tese de que a legitimidade, ou o reconhecimento da legitimidade, é exercida quando há uma autoridade moral, ou aquilo que Berger chama de reconhecimento pelos agentes da legitimidade. O discurso de Woods é construído em cima de sua judaicidade, o que lhe dá autoridade moral para exercer a liderança sobre a sua congregação.

Atualmente a sinagoga tem como rabino o filho de Emanuel, Daniel Woods, que teve a sua formação religiosa nos Estados Unidos em uma *Yeshivá* judaico-messiânica.

A quantidade de fiéis que frequentam essa sinagoga está em torno de cinquenta prosélitos (desde a última pesquisa feita para nossa dissertação mestrado em 2007).

A foto abaixo revela a fachada da Beit Sar Shalom, que, como foi comentado, exhibe as cores branca e azul e a placa de identificação grafada em português e em hebraico.



2.1-2- Cidade do Rio de Janeiro

Na cidade do Rio de Janeiro, existem duas sinagogas messiânicas, a Adonai Shamah, localizada no bairro Recreio dos Bandeirantes, e a Beit Tefilá Yeshua, no bairro do Humaitá.

Beit Tefilá Yeshua (Casa de Oração a Jesus)²⁸

A visita feita à sinagoga Beit Tefilá Yeshua, ocorrida em 25 de outubro de 2011, permitiu-nos saber que a congregação, segundo seu líder, é formada de cento e quarenta pessoas e, em média, setenta pessoas frequentam assiduamente a sinagoga. Acrescenta, ainda, que o número de frequentadores é estável.

²⁸ Site: www.beittefilahamashia.com.br
Rosh: Eduardo Stein Marioniene
Filada a UMJC e a CCJM

Em entrevista feita ao *rosh*, foi informado que a sinagoga Beit Tefilá Yeshua foi fundada oficialmente em dezembro de 2000, mas informalmente já funcionava desde 1998, nas casas das pessoas, que se alternavam para receber o serviço religioso em suas residências.

Sobre a questão da formação para exercer a função de *rosh*, Stein declarou na entrevista que a ideia de rabino ou *rosh* tem a ver com a questão de legitimidade.

“Em Israel, por exemplo, há uma divisão binária entre a ortodoxia e a laicidade, não tem espaço para o judaísmo messiânico. No Brasil e nos EUA há uma luta pela legitimação, uma esquizofrenia identitária. Sou rosh na minha comunidade, um líder da congregação e essa situação foi outorgada pela minha comunidade. Me sinto confortável como rosh, não tenho interesse pelo título de rabino, pelo menos por hora”.

Ainda sobre a questão da filiação religiosa como fator de legitimação, Eduardo Steiner informou ser filho e neto de judeus, ter sido circuncidado, feito *Bar Mitzvá*²⁹, ter se casado em uma sinagoga tradicional e exercido o cargo de diretor de um colégio judaico, na cidade do Rio de Janeiro, denominado Talmud Torá. A informação de ter sido diretor do colégio religioso Talmud Torá não foi confirmada na consulta ao currículo *lattes* do *rosh*, em que não há alusão alguma a esse cargo. Atualmente, o religioso é professor de Marketing e Gestão de Pessoas em uma faculdade do Rio de Janeiro, denominada Faculdade Wintterberg. Em contato por telefone, feito em dezembro de 2012, com a diretora pedagógica do Colégio Talmud Torá, Sra. Tânia Regina Fucks, fomos informados de que Eduardo Stein Marioniene foi membro do diretório de pais da escola, já que seu filho estudou no colégio entre a década de 1990 e o início dos anos 2000, mas nunca foi diretor da escola.

Além disso, contatamos pelas redes sociais uma comunidade de ex-alunos do colégio. Vários de seus membros responderam ao questionamento, dizendo que nunca souberam que Eduardo Stein tenha sido, em algum momento, diretor do colégio. Um ex-aluno respondeu que esse nome lhe parece de um ex-aluno que “resolveu montar uma igreja,... acho”.

²⁹ *Bar Mitzvá*- Filhos do mandamento. Cerimônia que insere o jovem judeu de 13 anos como um membro maduro da comunidade.

O que nos parece é que, ao passar uma informação que não se confirmou por nenhuma via, Marioniene quis alegar uma legitimidade de sua atual função, garantindo ter sido e permanecer um judeu fiel às suas raízes.

Segundo Eduardo Stein:

Lidero minha comunidade porque tenho legitimidade por ser de origem judaica. Isso não significa motivo de orgulho, não é uma etnolatria, mas também não nego a minha condição de judeu, sempre serei judeu. Não sou cristão. Vivo e pratico o judaísmo.

Segundo o *rosh*, o Novo Testamento é um livro judaico com personagens judaicos, sobre um judeu que não renunciou a sua religião. Enxerga nas Escrituras Cristãs um complemento da *Torá*. Segundo o religioso, existe uma agressividade da comunidade judaica em relação ao judaísmo messiânico, “que é considerado uma espécie de holocausto”. Mas essa repulsa, segundo o *rosh*, não se justifica, pois até o século I as comunidades eram mistas, entre judeus e gentios, que acreditavam ser *Yeshua* o messias. Para Stein, o judaísmo messiânico não é uma apostasia, ele não se considera um apóstata.

A sinagoga Beit Tefilá *Yeshua*, segundo seu líder, é frequentada por judeus que acreditam em *Yeshua*. Sobre sua congregação, em entrevista concedida por telefone, em agosto de 2011, afirmou:

“não é necessariamente judaica. Era em primeiro lugar um local onde o judeu pudesse expressar sua fé em seu ambiente, um ambiente que lhe fosse familiar, não é uma igreja, é uma sinagoga. Bateu na minha porta, entra, será bem-vindo, não perguntamos quem ele é, nós recebemos as pessoas, lógico que sempre tomando cuidado com os “malucos”. Aqui temos a cultura de uma casa judaica, aqui ele vai colocar kipá³⁰, talit³¹, etc”.

O que o *rosh* declara é justamente o contrário do que ocorre nas sinagogas tradicionais, onde as pessoas não conhecidas pela comunidade são vistas com desconfiança e, de maneira geral, não são bem recebidas. Essa

³⁰ *Kipá*- solidéu usado pelos homens.

³¹ *Talit*- xale de orações usado pelos homens.

mudança na forma de recepcionar as pessoas que chegam à sua sinagoga messiânica revela como elementos culturais são flexibilizados e ressignificados para atrair um maior número de frequentadores e, assim, aumentar o poder da congregação.

As festas Judaicas na Beit Tefilá Yeshua são comemoradas da mesma forma que nas sinagogas tradicionais. O *sidur*³² não é adaptado. A carga litúrgica é muito semelhante à de outras sinagogas messiânicas, mas como seu líder provém do judaísmo tradicional, os elementos cristãos ocorrem nos cultos de maneira discreta, às vezes imperceptível, a não ser pela presença do rolo das Escrituras ao lado da *Torá* e pela referência a *Yeshua* durante o serviço religioso.

As efemérides cívicas israelenses, como a celebração do dia da Independência de Israel ou a celebração pelas vítimas do holocausto não são comemoradas, pois, segundo Stein, não têm sentido espiritual. Mas há na sinagoga palestras, *workshops* em que se comenta sobre essas festas. É importante mencionar que, no judaísmo tradicional, não existe a possibilidade de se escolher o que comemorar. Assim tanto os ortodoxos como os judeus liberais estão atrelados ao calendário judaico e à ordem das preces e de outros rituais. Portanto, mais uma vez fica clara a flexibilização da religião, que propõe o judaísmo messiânico, em uma constante negociação com o judaísmo e com o cristianismo, elegendo os elementos a serem seguidos e os descartados.

Isso posto, é possível observar nessa escolha das festas que serão ou não comemoradas um componente de hibridismo. Segundo Gasbarro (GASBARRO, s.n.t.), o ritual é uma escolha de determinadas estratégias que serão usadas para resolver os problemas; se existe essa possibilidade de escolha, ela não será feita de maneira aleatória, mas, quando uma opção é feita, é porque de alguma maneira ela fará sentido naquela comunidade religiosa.

Os elementos usados para construir o ritual, ou as efemérides que serão ou não celebradas, são cuidadosamente escolhidos. Assim é difícil

³²*Sidur*- Livro de orações, é a ordem litúrgica.

compreender o judaísmo messiânico a partir do princípio de que haveria uma equivalência entre os ritos: a categoria de sincretismo, ou de hibridez, é um processo de comparação que se dá a partir de códigos de comunicação acionados pelos agentes religiosos. Na sinagoga Beit Tefilá Yeshua, não há a bandeira do Estado de Israel, mas segundo Stein, isso se dá não por alguma questão ideológica, mas sim por questões estéticas.

Ao ser questionado sobre as semelhanças e diferenças nos rituais das sinagogas messiânicas, a resposta foi que nem todas as sinagogas messiânicas têm a mesma liturgia, que o judaísmo messiânico é heterogêneo nos seus rituais. O serviço depende da formação de sua congregação, de seu líder. Apesar dessa informação, as sinagogas messiânicas vinculadas a UMJC³³ parecem manter uma sequência litúrgica muito semelhante, com variações, como por exemplo, presença de músicos, danças, etc., durante o serviço religioso, mais de teor estético do que de teor teológico.

Quanto à questão do proselitismo, o *rosh* declarou que não considera o proselitismo um “palavrão”, como muitos declaram. O judaísmo tradicional, por exemplo, ataca veementemente as práticas de tentativa de conversão daqueles que não pertencem à comunidade. Stein declarou achar normal compartilhar sua fé, sem ser insistente, acrescentando que a questão é de técnica, não se deve ser invasivo, deve-se instigar a curiosidade.

As regras do *kashrut*³⁴ são seguidas pelos membros dessa sinagoga messiânica, mas não segundo padrão dos ortodoxos. A carne de porco, por exemplo, é proibida, mas a proibição da mistura da carne e do leite na mesma refeição não é respeitada, pois, segundo o religioso, essa não é uma questão “bem resolvida” pela lei judaica. O *rosh* afirmou que a *kashrut* praticada por sua

³³ UMJC- Union Messianic Jewish Congregation - no capítulo III será feito um exame mais detalhado dessa associação.

³⁴ *Kashrut*- Leis dietéticas

congregação não é pautada pela *halachá*³⁵ ortodoxa e sim pela perspectiva da *Torá*³⁶.

Abaixo vemos a imagem de Stein ministrando o serviço religioso em sua sinagoga. Notam-se os homens usando *kipot*³⁷ e a presença de Estrelas de David, símbolo do judaísmo que se repete três vezes. Também é possível observar a presença do projetor digital de *slides*, como foi visto em todas as sinagogas messiânicas, o que não é usado em sinagogas tradicionais ou em igrejas católicas. A justificativa para o uso desse recurso é a de permitir que os fiéis acompanhem o ritual, que é celebrado em parte em hebraico. Assim, as pessoas podem ler as orações transliteradas do hebraico para o português e ainda acompanhar a tradução desses textos. Essa facilidade torna-se importante, pois é um meio eficaz de conquistar o público, que se sente capaz de acompanhar os rituais.



Serviço religioso ministrado por Eduardo Stein na sinagoga messiânica Beit Tefilá Yeshua, RJ, em

https://www.facebook.com/deborah.h.travassos?sk=wall&ref=notif¬if_t=wall#!/photo.php?fbid=244442172324569&set=t.506966742&type=3&theater, acesso em 03/07/2012.

³⁵ *Halachá*: tradição legalista do judaísmo, que se confronta com a teologia, a ética e o folclore. Decisões halachicas determinam a prática normativa e, onde há divergência, tais decisões, ao menos em teoria, seguem a opinião da maioria dos rabinos.

³⁶ Os judeus seguem as suas leis baseados na *Halachá*, que é parte do *Talmud* e não na *Torá* escrita, e vereditos como os dos codificadores medievais, como Maimônides e *Shulchán Aruch* de Yossef de Karo. Enciclopédia Judaica. Rio de Janeiro: Tradição S/A, 1967, Vol. M-Z, p. 1165

³⁷ *Kipot*- Plural de *kipá*

2.1-3- Cidade de Belo Horizonte

Har Tzion (Monte Sião)³⁸

Atualmente, a sinagoga judaico-messiânica mais atuante no Brasil e com maior número de fiéis é, sem dúvida alguma, a de Belo Horizonte, denominada Har Tzion. Seu líder é o mais atuante no Brasil, fundador da primeira associação judaico-messiânica brasileira CCJM.

A sinagoga messiânica conta com o apoio de uma associação denominada AMES (Associação Ministério Ensinando de Sião), que é filiada a *Netivyah*.³⁹

O endereço indicado no *site* existe, mas não há nenhuma placa ou indicação qualquer de tratar-se de uma sinagoga, ou de uma sinagoga messiânica. Em contato telefônico, em 21/11/2012, o atendente mencionou que ali era uma editora de livros judaico-messiânicos, disse que atendem também pelo nome de Instituto de Estudos de Livros Sagrados, demonstrando que há uma certa discricção em revelar sua identidade judaico-messiânica .

A Har Tzion fica localizada em um bairro nobre de Belo Horizonte, a Pampulha. Seu edifício foi a adaptação de um antigo restaurante com muito espaço, a fachada reproduz as muralhas de Jerusalém e há um *mikve*⁴⁰ na parte externa do edifício. As instalações são novas e muito bem conservadas.

³⁸Referência ao Monte Sião, em Israel, onde o Templo de Salomão estaria localizado. O termo também é usado como referência à Terra Prometida.

Email: <http://www.ensinandodesiao.org.br/>

Rabino Messiânico: Marcelo Miranda Guimarães - Presidente do Ministério Ensinando de Sião -Brasil.

Ordenado rabino pelo *Netivyah Bible Instruction Ministry* (Jerusalém, Israel), com a participação da *Union of Messianic Jewish Congregations* (EUA), do *Jewish Voice Ministries International* (EUA) e do *Messianic Jewish Bible Institute* (EUA).

Ordenado para o ministério apostolar pelo *Tikkun International Mission* (Israel e EUA).

Fundadora e Filada a CCJM

³⁹*Netiviah*- caminho sagrado. Bible Instruction Ministry (Jerusalem, Israel www.netivyah.org) e a Union of Messianic Jewish Congregations (UMJC, EUA www.umjc.org).

⁴⁰*Mikve*- casa de banhos rituais utilizada pelos judeus ortodoxos e suas mulheres para consumir diferentes rituais de purificação

A decoração interna conta com símbolos judaicos, como a *menorá*⁴¹, bandeira israelense, estrela de David, etc., não deixando dúvidas de que se trata de um templo judaico-messiânico. O único símbolo cristão é o peixe. Não foi permitido fotografar o ambiente interno, somente o externo.

O serviço religioso do *Shabat* ocorreu na manhã de um sábado. Nessa ocasião a sinagoga messiânica estava repleta, quase não havia lugares para todos os fiéis se acomodarem. O culto contava com danças israelenses, música ao vivo e a congregação mostrava-se muito participativa. Assim como em outras casas messiânicas, o recurso visual de *slides* transmitidos por um projetor é utilizado, possibilitando a participação dos fiéis.

Segundo seu líder, os principais objetivos da Ames, publicados em seu site⁴²:

- a) *Contribuir para difundir entre os cristãos a visão de sua reconexão com o povo judeu e com a nação de Israel, bem como a restauração das raízes bíblicas e judaicas da sua fé e seu papel espiritual em relação à redenção de Israel;*
- b) *Promover o ensino das Escrituras – Tanach e Brit Hadashá, comumente chamados Antigo e Novo Testamentos – no contexto judaico;*
- c) *Divulgar entre os povos o amor e a necessidade de oração a favor do povo judeu e sua terra;*
- d) *Abolir todo e qualquer tipo de antissemitismo, antijudaísmo e antissionismo;*
- e) *Tornar visíveis os possíveis erros históricos do cristianismo, não compactuando com os mesmos;*
- f) *Acompanhar e divulgar as profecias bíblicas relacionadas a Israel e seu povo;*
- g) *Incentivar os descendentes de judeus a restaurem suas raízes bíblicas e judaicas, crendo no Messias Yeshua e na sua iminente volta;*
- h) *Conscientizar os judeus de que são o povo escolhido por Deus, tendo um chamado que é irrevogável;*
- i) *Publicar literatura, promover seminários, cursos e conferências.*

Para cumprir esses objetivos, o Ministério Ensinando de Sião tem trabalhado em publicação de literatura e em promoção de seminários, cursos e conferências. Além disso, auxilia a Beit Har Tzion (Belo Horizonte, MG) e diversas atividades de assistência social e de promoção cultural, e

⁴¹ *Menorá*- candelabro de sete braços.

⁴² www.ensinandodesião.org.br

missionários, não apenas em Belo Horizonte, mas em outras cidades do Brasil e de outros países.

Dentro do estatuto do Ministério Ensinando de Sião está a seguinte declaração:

O Ministério Ensinando de Sião informa e declara a quem interessar possa:

1. Somos monoteístas e cremos que D'us um e único (Dt 6:4; Mc12:29) – criou todas as coisas (Gn 1:1) para o Seu louvor (Sl 148).

2. Creemos na plena divindade (Cl 2:9) de Yeshua haMashiach (Jesus, o Cristo), o Filho primogênito (Rm 8:29) e unigênito de D'us (Jo 3:16; Hb 11:17) e expressão máxima de Sua presença manifesta em forma plenamente humana (Rm 5:15).

3. Creemos no Espírito Santo de D'us e na manifestação e diversidade de dons e ministérios (Ex 31:3; At 2; 1Co 12).

4. Creemos na veracidade, na inspiração divina, na validade atual e na autoridade exclusiva e inquestionável das Escrituras Sagradas (2Tm 3:16), entendidas como o conjunto de todos os livros dos chamados Antigo e Novo Testamentos – Tanach e Brit Hadadashá. Fora estes, não há outro livro sagrado, canônico ou dotado de autoridade inquestionável.

5. Creemos que a redenção e salvação eterna somente podem ser alcançadas mediante o sacrifício vicário de Yeshua (At 4:12), independente de o indivíduo ser judeu ou não judeu. 6. Somos membros do Corpo de Cristo (1Co 12:12-27) – a Igreja – e, dessa forma, interagimos com os demais membros desse Corpo a favor do Corpo, procurando a unidade e a comunhão entre os seguidores de Yeshua, sejam judeus ou não.

7. Conforme as Escrituras, judeus e não judeus constituem a família de D'us em Cristo (Ef 2:19): os gentios crentes em Cristo são enxertados na “oliveira” – Israel – e os judeus crentes em Cristo são reenxertados em sua própria raiz (Rm 11). Assim, judeus e não judeus participam da “seiva” – bênçãos e promessas – da mesma “oliveira”.

8. No caso do Brasil e de outros países que receberam grande contingente imigratório de judeus do período da Inquisição (1492 a 1821), quer na condição de “Convertidos Forçados ao Catolicismo” (conhecidos como Anussim ou Marranos ou Cristãos-Novos), quer como Criptos-judeus faz-se necessário dar a esses que desejam restaurar as raízes judaicas de seus ancestrais uma condição especial de retorno. Hoje, Israel e várias entidades internacionais, já trabalham a favor da inclusão desses descendentes à Casa de Israel. Além de ser profético, nós do movimento Judaico-Messiânico lutamos que para não seja imposto a eles nenhum tipo de conversão ao judaísmo tradicional e que seu direito de crença em Yeshua como o Messias seja respeitado. Eles são judeus e tem direito ao retorno à sua terra.

9. A Igreja Cristã não substituiu o povo de Israel, como declara a falsa Teologia da Substituição, reforçada pelos concílios romanos. Israel, enquanto nação, possui sim um chamado ou vocação irrevogável (Ex 19:6; Jr 31:31,35-36; Rm 11:29).

10. Conforme as Escrituras, o judeu crente em Yeshua deve preservar sua identidade judaica (At 21:20;28:17, por exemplo).

11. Conforme as Escrituras, o gentio crente em Cristo, permanece gentio e está livre de qualquer imposição de tradições ou leis bíblicas específicas ao povo judeu, devendo também preservar sua identidade, sem se converter ao judaísmo e sem tornar-se judeu (At 15).

12. O movimento judaico-messiânico autêntico aproxima a Igreja ao povo de Israel, ensinando-a a amá-lo e a interceder por sua salvação, um dos pré-requisitos para a volta de Yeshua e de Seu Reino messiânico.

13. A maioria das congregações judaico-messiânicas reconhecidas é aberta a todos os interessados, judeus ou não, seguidores de Yeshua.
14. A liturgia de nossas celebrações inclui tradições muito antigas (2Te 2:15), algumas das quais remontam mesmo aos tempos de Esdras e Neemias e que foram praticadas por Yeshua, pelos apóstolos e pelos discípulos dos apóstolos – por exemplo, a leitura e explicação pública da Torá e dos profetas (Lc 4:16-17; At 13:15).
15. Todos os símbolos que usamos dentro de nossas sinagogas e de nossas casas são ordenados, sugeridos ou inspirados pelas Escrituras Sagradas. Contudo, nenhum objeto – rolos dos livros da Torá e dos profetas, talit, kipá, menorá, mezuzá, entre tantos outros – em nenhuma hipótese pode ser considerado amuleto e muito menos objeto de adoração, veneração ou idolatria, pois isso feriria todos os princípios do monoteísmo que professamos.
16. Ainda não existe uma federação judaico-messiânica brasileira. Assim, cada congregação judaico-messiânica brasileira responde por si mesma.
17. Apesar das diferenças de estilos existentes entre nossas congregações, elas buscam caminhar juntas em direção a um propósito maior.
18. Nossos rabinos messiânicos são judeus formados e ordenados por entidades ou federações de renome mundial como Netivyah, UMJC, Tikkun, MJBI.
19. Qualquer que se intitule “rabino messiânico” deve poder indicar a instituição reconhecida que o tenha ordenado.⁴³

Como se pode observar no item 8, há uma referência aos chamados cristãos-novos ou *bnei anussim*⁴⁴. Em sua dissertação de mestrado, Carlos Gutierrez⁴⁵ faz uma ligação entre os judeus messiânicos e os *bnei anussim* quando escreve: “Após a descoberta de sua suposta judaicidade, Marcos decidiu adotar o nome hebraico de Mordechai Moré⁴⁶. Entretanto, não abandonou a figura de Jesus Cristo, de imediato. Decidiu professar o judaísmo messiânico.” Percebe-se que, quando o estatuto do Ministério Ensinando de Sião faz essa alusão aos *bnei anussim*, ele aponta para a possibilidade de abarcar uma grande quantidade de possíveis seguidores, já que, apoiando-se nas pesquisas de Novinsky, boa parte da população brasileira teria como origem os novos cristãos que aqui chegaram com o início da colonização. Segundo a autora, indivíduos que foram forçados a adotar o cristianismo, nos primeiros tempos da colonização brasileira pelos portugueses, hoje buscam

⁴³<http://www.ensinandodesiao.org.br/>

⁴⁴ *Bnei Anussim*- filhos dos forçados. Judeus forçados a se converter durante a inquisição no Brasil.

⁴⁵ GUTIERREZ, Carlos. “*Bnei Anussim*”: Uma experiência de judaísmo na periferia paulistana. Dissertação de Mestrado, apresentada no programa de Antropologia da Universidade de São Paulo em 2011.

⁴⁶ Moré- Professor

uma conexão entre o seu passado judaico e a condição judaica na atualidade (NOVINSKY, 1983).

Os judeus messiânicos que se consideram *Bnei Anussim*, ou filhos dos forçados, percebem-se como judeus e não como convertidos como podemos verificar na fala do antropólogo Wagner Lins:

Os grupos de novos-judeus unanimemente não aceitam o termo conversão, pois entendem que a conversão é aplicada a um não judeu que quer adentrar no judaísmo. Já os novos-judeus, ou Bnei Anussim/os filhos dos forçados, como preferem ser denominados, alegam que seus ancestrais não tiveram culpa de sua conversão forçada ao cristianismo, e portanto, não aceitam o mesmo tratamento destinado a um não judeu, preferindo a utilização do termo retorno, ao termo conversão.(LINS,2013:78).

A categoria *bnei anussim* pode ser considerada como êmica e começa a ser usada por grupos que querem se legitimar, como é o caso dos judeus messiânicos na década de 1990, caracterizando um importante recurso de legitimação usado por vários membros das congregações judaico messiânicas.

Em julho de 2011, na visita realizada a essa sinagoga, foi realizada uma entrevista com seu líder. As principais informações dadas nesses encontros com Marcelo Guimarães serão aqui reproduzidas, a fim de melhor compreender o estatuto da Ensinando de Sião e suas diretrizes.

Marcelo Guimarães iniciou a entrevista, discursando sobre a questão relativa à sua origem judaica. Relatou que viera de uma família de judeus assimilados que tinham vergonha de dizer que eram judeus, mas que ainda assim preservavam costumes judaicos como: lavar os defuntos, varrer a casa de fora para dentro, etc. Frequentara um seminário católico a partir dos 11 anos; aos 17 a sua mãe, segundo suas palavras, tivera “uma experiência com Yeshua”, mas nesse momento apenas uma tia de Marcelo a levava a sério. O relato de Guimarães sobre a confirmação de sua suposta ascendência judaica, através de costumes como a lavagem dos mortos, é confuso, pois os judeus não lavam os mortos, para isso há uma instituição denominada Chevra Kadisha⁴⁷. Por outro lado, varrer a casa de fora para dentro é costume dos anussim no Brasil para justificar sua suposta judaicidade. Apesar de não existir

⁴⁷<http://www.chevrakadisha.com.br/regras/regras.html#6>, acesso em 20/10/2012

tal costume entre os judeus na atualidade, existem algumas referências, segundo as quais essa seria uma prática trazida pelos cripto-judeus ao Brasil, entre os séculos XVI e XVII⁴⁸. Diante disso, a alegação de ascendência judaica baseada nesse elemento é muito frágil.

O rabino messiânico se diz pertencente ao grupo dos *bnei anussim*. Segundo ele, seus ascendentes vieram da Espanha, Itália, Portugal e sua origem judaica pode ser comprovada com um estudo de seu DNA como transcrito abaixo:

Não quero entrar nessa briga, mas quero citar o DNA, eu tenho me valido do DNA. Se minha família falou a verdade eu vou fazer o DNA. Eu sei que não é um exame ainda seguro, o que eu li no site Family Tree, você pode entrar lá e ler: 75% dos judeus que já fizeram essa amostra aparecem em um grupo J2. O J é semita, J1 é o árabe, não havia J1 quando comecei a estudar tudo era J. Isso é bíblico, Abraão é mesmo pai do povo árabe e judeu.

Agora lá em Netania já tem um J mais detalhado ainda. Eles falam que não se pode negar, embora Israel saiba que essa é uma faca de dois gumes. Imagine se um impostor, um tirano descobre essa ferramenta e sai catando judeus, fazendo um 2º holocausto, a coisa é perigosa.

Israel trata isso com muita seriedade, muita ética, muita precaução. A ciência tem crescido nessa área. Judeus da Rússia têm uma característica cromossômica um pouco diferente.

A grande verdade é que perto de 75% desse J2 aparece o cromossomo judaico, é um indicador para quem procura suas raízes. O Family Tree é feito para descobrir a família Travassos onde está no mundo, sai catando seus parentes por aí.

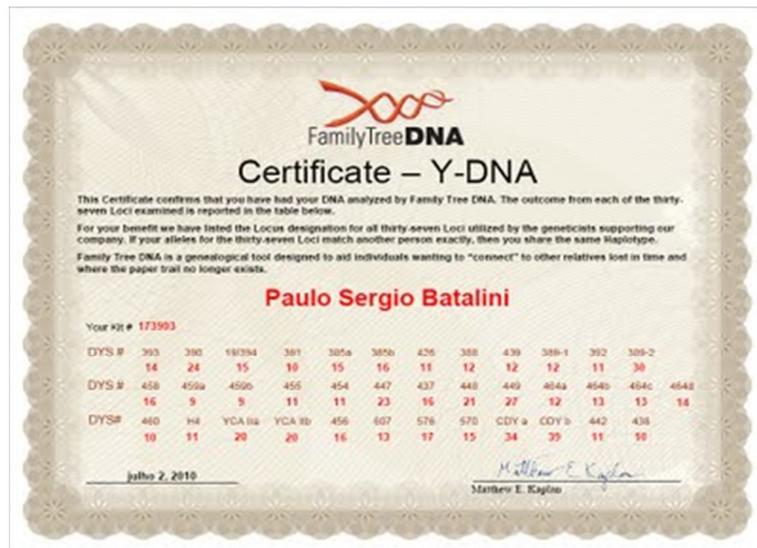
O Objetivo não é mostrar se é judeu ou não judeu é mostrar a genealogia, é mostrar seus ancestrais.

A casa é um fator que também ajuda, tem aqueles que são só pelo sobrenome, o que diz menos é o sobrenome, é claro que o sobrenome brasileiro não pode dizer muita coisa sobre o judaísmo. Sabemos que Pinto, Cardoso, Miranda, Rodrigues são sobrenomes muito judaicos. Quase todos os judeus que vêm dos processos de inquisição, das atas, vemos isso na congregação Sur Israel de Recife, têm esses sobrenomes. No Brasil são nomes típicos do judaísmo português.

⁴⁸“Quem nunca ouviu dizer que não se deve deixar sapato virado ao contrário, roupa pelo avesso, portas de armário abertas, varrer o lixo pela porta da frente de casa, dizer que alguém está “chorando a morte da bezerra” ou apontar a primeira estrela no céu? Estas e outras práticas do cotidiano de tantas famílias de Norte a Sul do país encontram, muitas vezes, associação no judaísmo oculto que era praticado na Colônia.”. <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/desde-o-inicio>, acesso em 26/11/2012. Segundo Lins (LINS, 2013) Câmara Cascudo folclorista brasileiro, o Brasil vê os judeus através de um olhar quinhentista, muitos dos costumes baseados na tradição, foram atribuídos aos judeus.

Como por exemplo: “Entrar e sair pela mesma porta traz felicidade” bem como o costume de varrer a casa da porta para dentro, costume arraigado até os dias de hoje, para “não jogar a sorte fora” é uma camuflagem do respeito pela *Mezuzá*, afixada nos portais de entrada, bem como aos dias de faxina obrigatória religiosa judaica, como antes do *Shabat* (Sábado, dia santo de descanso semanal) e de *Pessach*. <http://www.filologia.org.br/viiiifelin/39.htm>, acesso em 26/11/2012

Abaixo seguem interessantes imagens dos certificados de DNA obtidos no site da *Family Tree*⁴⁹:



Exemplo de exame de DNA que, em tese, comprova a ascendência judaica

⁴⁹<http://www.myheritage.com.br/family-tree-builder>, acesso em 26/10/2012

Como notamos através do *site* da *Family Tree* e da utilização desse recurso por Marcelo Guimarães, a religião muitas vezes procura o aval de outras esferas, como a ciência, para se legitimar. Porém entrar nessa discussão sobre a eficácia e validade de exames de DNA, que serviriam para demonstrar uma pressuposta ascendência judaica, seria inócuo, pois o judaísmo é uma simbiose de religião e etnia e não pode ser constituído dentro da categoria de raça (TOPEL,2005). Não podemos esquecer também que pessoas se tornam judias pelo processo de conversão religiosa, não deixando por isso de serem mais ou menos judias.

É preciso notar que, a exemplo de Marcelo Guimarães, muitos judeus messiânicos declaram ser descendentes de novos cristãos que chegaram ao Brasil quando a inquisição se instalou em Portugal. Nesse período, iniciou-se um controle da fé exigida pelos portugueses. Os judeus que em 1506 haviam sido obrigados a se converter ao cristianismo tornaram-se alvo de desconfiança e perseguição. Segundo Novinsky (1983) esses recém-conversos encontraram no Novo Mundo uma oportunidade de escapar de uma vida permeada por constante insegurança a que estavam submetidos em Portugal.

No Brasil, apesar das esporádicas visitas do Santo Ofício, esses novos cristãos encontraram uma maior liberdade de culto, pelo menos no espaço privado, já que no espaço público eram obrigados a declararem-se cristãos. Muitos dos descendentes desses conversos do século XVI declaram-se *bnei anussim*. Os judeus messiânicos utilizam-se dessa historiografia para legitimar-se hierarquicamente dentro de suas comunidades, tanto que negam a necessidade da matrilinearidade para se considerarem verdadeiros descendentes de judeus legítimos.

De todos esses dados pode-se concluir que os judeus messiânicos tentam se legitimar continuamente, seja através das ciências biológicas ou da História. Isso em si mesmo é um dado interessante da pesquisa, pois revela certa falta de segurança sobre o lugar que o judaísmo messiânico ocupa no campo religioso brasileiro e suas eventuais disputas com judeus, de um lado, e com cristãos, por outro.

Os judeus escolheram a matrilinearidade para estabelecer quem é ou não judeu, mas, para a maioria dos *bnei anussim*, é impossível comprovar sua judaicidade através do lado materno. Então eles se valem de seus sobrenomes, que seriam típicos de cristãos-novos, e de costumes familiares para se declararem como legítimos descendentes de judeus que chegaram ao Brasil no século XVI.

No caso dos judeus messiânicos, estes subvertem as regras do campo judaico (BOURDIEU, 2005) ao quebrar dentro de suas comunidades o monopólio rabínico que estabelece quem é ou não judeu. Os exames de DNA feitos pelos seus membros dariam a suposta confirmação, aparentemente incontestada, de sua ascendência judaica, já que seria em hipótese confirmada a sua ascendência judaica por um exame de caráter científico, estabelecendo assim uma hierarquização dentro de sua comunidade.

Nesse sentido, poderíamos dizer que existem nas sinagogas messiânicas dois campos com diferentes regras, um está em permanente luta com o outro para contornar seus limites e se apresentar as outras religiões como uma religião legítima. É importante salientar que, devido ao alto preço cobrado pela empresa norte-americana Family Tree por uma pesquisa preliminar genética, boa parte da congregação não possui poder aquisitivo para pagar pelo serviço.

O rabino messiânico Marcelo Guimarães teve sua conversão ao judaísmo messiânico em 1987 e declarou em entrevista: “aquilo que para mim era opróbrio, era vergonha, passou a ser glória”. A partir desse momento percebeu que o que havia aprendido no catolicismo não correspondia à sua fé. E a partir desse momento passou a descobrir sua identidade judaica. Nessa época Guimarães se converteu à Igreja Batista, onde fez seminário teológico, pois segundo ele não havia outro lugar em Belo Horizonte para manifestar sua fé, e a Igreja Batista era aquela que mais se aproximava de sua crença.

Em uma ocasião um colega de serviço lhe emprestou a revista *News Week*, em que havia um retrato de Joseph Shulam, dizendo: “Pode um Judeu crer em *Yeshua?*, somos judeus messiânicos”. Essa reportagem o marcou profundamente e ele decidiu encontrar esse rabino messiânico em Israel.

De acordo com informações levantadas por intermédio do *site* da Sinagoga Messiânica Netiviah (sinagoga israelense, da qual Shulam é líder), das entrevistas feitas com Marcelo Guimarães e com Eduardo Steiner, a origem de Joseph Shulam parece-nos nebulosa. Conta-se que Joseph Shulam teria, em 1946, nascido em Sofia, na Bulgária, oriundo de uma família judia. Aos dezesseis anos, por ter se convertido ao cristianismo, sua família o teria rejeitado; por tal razão, teria ele ido estudar nos EUA. No entanto, nesse relato de vida, não há detalhes de como esse jovem de 16 anos teria tido condições financeiras de ir aos EUA, sustentar-se sozinho e, ainda, lá estudar.

Na América do Norte, segundo informação contida no *site*, ele estudou no Michigan Christian College e, depois, na David Lipscomb University em Nashville, Tennessee (essa é uma Universidade Cristã). Voltando a Israel, em 1972, o religioso afirma ter estudado por três anos e meio em uma *Yeshivá* ortodoxa de Jerusalém, mas não diz qual seria essa instituição.⁵⁰

Em 1993, Marcelo Guimarães, em uma viagem a Israel, encontrou-se com o rabino Shulam, que o recebeu e lhe deu algumas publicações, dentre elas várias revistas denominadas *Teaching from Sion*, daí o nome Ensinando de Sião que recebeu sua Congregação. A partir desse momento, o rabino Shulam tornou-se seu professor. A formação de Guimarães durou 10 anos, segundo seu relato, na época de sua formação não havia nenhuma *yeshivá* messiânica como há hoje em dia, a UMJC, por exemplo, que mantém uma *yeshivá* messiânica no Novo México (EUA). O filho de Marcelo Guimarães faz mestrado a distância com eles.

⁵⁰www.netivyah.org, acesso em 28/10/2012

Em 1996, Guimarães fundou a *HarTzion* e, um ano depois, foi criada a AMES (Associação Ministério Ensinando de Sião). Em 09 de fevereiro de 2003, Marcelo Guimarães foi ordenado rabino messiânico por Shulam.

Atualmente a Har Tzion conta com mais de quinhentos membros, sem incluir as crianças com menos de 13 anos. Os frequentadores, segundo seu líder, são formados por três tipos de pessoas: os judeus por nascimento, que são poucas famílias, os *anussim* e os membros que não são judeus. Segundo Guimarães, a Har Tzion não tem uma postura proselitista, no sentido de aumentar a quantidade de membros que frequentam a comunidade.

Uma das questões mais instigantes que permeiam a identidade das sinagogas messiânicas é a sua constante defesa de Israel e sua ligação com esse Estado. Sobre esse assunto, Marcelo Guimarães discorreu longamente, esclarecendo vários pontos que até então haviam ficado obscuros durante esta pesquisa.

Para o rabino messiânico, Deus está mandando pegar armas, Israel, como Estado político, secular, tem seu direito de defesa. Declara-se sionista e acredita que é um dever de todo judeu messiânico defender o Estado de Israel. Ainda, segundo o religioso, não precisa ser judeu, um sionista pode ser cristão, pois no dia em que o messias voltar, fará isso em Israel, especificamente em Jerusalém e não em outra localidade. Guimarães afirma que o sionismo secular não deve ser separado do sionismo bíblico. Alega que sua congregação é “100% bíblicos”, e que é dever da congregação ajudar a restaurar o judaísmo, pois só assim, com a restauração do judaísmo, o messias renascerá. O judaísmo messiânico é visto como uma ponte entre Israel e a Igreja e entre o judaísmo e o cristianismo. Para o rabino messiânico, o judeu vai ter que cumprir todas as profecias, voltar para a Israel, restaurar as 12 tribos, restaurar a língua, restaurar os cultos, e todo esse resgate é que irá proporcionar a volta de *Yeshua*.

Nas palavras de Marcelo Guimarães esse posicionamento fica claro:

Não é só fazer caravana para Israel e tirar retrato no Muro das lamentações, tem que ter algo mais. Têm que se comprometer com a fé, têm que sustentar financeiramente Israel, eles têm que ser um contribuinte do sionismo, têm que acreditar nisso.

Se um cristão crê nas profecias dos Profetas e eles creem que Deus irá restaurar o que está separado no mundo, que será juntado em Ezequiel, em Zacarias. Se os cristãos creem nas profecias como nós cremos, eles têm que entender que Deus espalhou e vai juntar esse povo.

Não vai voltar para São Paulo, vai voltar para a Terra de Israel, está escrito em Ezequiel 36, “voltará para a terra de vossos pais”. Os montes floresceram lá, haverá o renovo, lá haverá a terra que corre leite e mel, a redenção do mundo.

Se isso, se o cristão quer realmente trazer o Messias de volta, tem que assumir Israel e se aproximar dele, tem que ser um cristão sionista, estou inventando termos.

Para entender o posicionamento dos judeus messiânicos quanto à volta do messias e como esse retorno se relaciona com o Estado de Israel, uma resposta possível se encontra na doutrina teológica e escatológica. Segundo essa doutrina, conhecida como dispensacionalismo (TOPEL, 2011), afirma-se que a segunda vinda do messias, no caso Jesus ou *Yeshua* como dizem os judeus messiânicos, será um acontecimento que se dará em Jerusalém, em Israel.

A palavra dispensação⁵¹ deriva-se de um termo latino que significa administração ou gerência e refere-se ao método divino de lidar com a humanidade através de alianças e de administrar suas promessas.

O dispensacionalismo é um sistema teológico que apresenta duas distinções básicas: a distinção entre Israel e a Igreja. Segundo essa doutrina, a Igreja não substituiu Israel no programa de Deus. Porém, no pensamento dispensacionalista, no final dos tempos, os judeus irão afluir para o cristianismo, aceitando Jesus como o messias. As promessas realizadas por Deus, constantes nas Escrituras Hebraicas, não foram transferidas à Igreja.

A outra distinção é a interpretação literal das Escrituras, todas as palavras contidas nas Escrituras são interpretadas de maneira simples. Assim toda a profecia da vinda do messias, constante na bíblia hebraica, teria sido

⁵¹<http://pt.wikipedia.org/wiki/dispensacionalismo>, acesso em 26/11/2012

cumprida. A vinda de Jesus ocorreu em Israel assim como ocorrerá o seu retorno. Consequentemente, Deus cumprirá a sua promessa, feita aos israelitas, do restabelecimento do reinado davídico em Jerusalém, através do messias Jesus Cristo.

Os dispensacionalistas entendem que a bíblia seja organizada em sete dispensações, que não são caminhos para salvação, trata-se das maneiras pelas quais Deus interage com os homens, são elas: Inocência ou Edênico (Gênesis 1:1-3-7), Consciência ou Antidiluviano (Gênesis 3:8-8:22), Governo Humano (Gênesis 9:1-11:32); Promessa ou Patriarcal (Gênesis 12:1- Êxodo 19:25), Lei (Êxodo 20:1- Atos 2:4),; Graça (Atos 2:4- Apocalipse 20:3) e o Reino Milenar (Apocalipse 20:4-20:7).

Segundo a teoria sobre as sete dispensações, cinco já foram cumpridas, Inocência, Governo Humano, Patriarcal e Lei. Os homens estariam vivendo agora na Graça, que dará lugar ao Reino Milenar. Dois eventos marcarão o fim da dispensação: o arrebatamento da Igreja e a volta de Jesus.

Podemos concluir, então, que, para os judeus messiânicos da Har Tzion, e de outras sinagogas messiânicas analisadas, os judeus não messiânicos necessitam aceitar Jesus como o messias, pois essa é maneira de garantir o seu retorno, ou seja, é fundamental a aceitação de *Yeshua* pelos judeus. A volta do messias será em Jerusalém; isso significa que proteger Israel e permitir que essa terra permaneça um Estado judaico, é dever de todo judeu messiânico. Assim, a postura sionista de seus seguidores fica esclarecida e consubstancia-se na presença de símbolos israelenses, notadamente a bandeira nacional desse Estado.

As imagens abaixo mostram o *mikve*, que fica no pátio interno da Har Tzion, e o muro externo, que remete às muralhas da cidade de Jerusalém.



Mikve e porta principal da Sinagoga Har Tzion de Belo Horizonte - arquivo pessoal

2.2- As sinagogas messiânicas brasileiras visitadas virtualmente

2.2.1- São Paulo – São Paulo

Shear Yaacov (Portão de Jacó)⁵²

⁵² Segundo consta no *site* dessa sinagoga, a referência ao nome vem de Isaías 10:21- “os restantes se converterão ao Deus forte, sim os restantes de Jacó”

Segundo os organizadores do site, Shear Yaacov é uma casa judaica, uma casa para judeus, uma casa dirigida por judeus. Ainda, afirmam que essa sinagoga se diz compromissada com o Estado de Israel. Em seus escritos, dizem se identificar como discípulos, não como meros “simpatizantes de Yeshua”. O Shear Yaacov é uma casa de ensino, educação e instrução bíblica, “onde além da mera transmissão de informações, se ensina pelo exemplo de vida e pelo testemunho para formar verdadeiros discipulados de Yeshua”.

Essa postura mostra um distanciamento dos serviços religiosos das sinagogas não messiânicas e uma aproximação com os cultos neopentecostais, em que o testemunho de fé é algo extremamente valorizado entre seus fiéis.

A sinagoga conta com discipulado para crianças e adultos, visando o ensinamento da Torá e do judaísmo, além de educação musical, ensino do hebraico, história de Israel, cultura e tradição judaicas.

Seus organizadores consideram viver o que denominam de judaísmo autêntico fundamentado nos ensinamentos da *Torá*. Seus seguidores se declaram parte integrante do povo de Israel, dizendo que esse comportamento não é apenas no momento em que frequentam a sinagoga, mas atinge todo o seu cotidiano, em seu trabalho, nas suas casas, no seu estilo de vida. Consideram a liturgia e tradições judaicas canais de manifestação e apreensão do poder de Deus.

Uma importante informação sobre identidade dessa sinagoga se dá na seguinte expressão: “Não vivemos como judeus para sermos judeus, mas vivemos como judeus porque somos judeus, e o somos não por decreto humano, mas porque D-us assim o quis.”⁵³

Apesar das várias tentativas de falar com os líderes dessa sinagoga, a fim de obter dados como endereço, *rosh* responsável ou filiação, não houve nenhum tipo de resposta, portanto o que consta nessa análise é tão somente dados que foram adquiridos no *site* da sinagoga.

⁵³<http://www.shearyaakov.org/visao.html>, acesso em 10/07/2012

Votorantim- SP

Congregação Shema Israel⁵⁴ (ouve Israel)

De acordo com as informações contidas no *site* da Shema Israel, da cidade de Votorantim, no estado de São Paulo, a sinagoga messiânica foi fundada há 20 anos (não há uma data precisa):

*Nos últimos vinte anos temos trabalhado de tal forma que possamos contribuir para que Israel reconheça ser o “irmão mais velho” dos crentes em Yeshua (Igreja); e também mostrar à Igreja que Israel é aquele que tem em si mesmo não somente a promessa do Eterno, mas carrega consigo os ensinamentos e tradições que foram-lhe dadas pelo Eterno.*⁵⁵

Para seus seguidores, os judeus messiânicos constituem uma ponte entre dois povos: Israel e os cristãos, mas concluem que esse não é um caminho fácil, consideram que é seu dever mostrar *Yeshua* aos judeus, não o Jesus romano, mas o Jesus judeu.

Dizem trabalhar em parceria com Igreja (essa igreja a que se referem sem dizer qual, provavelmente diz respeito não a uma igreja em particular, mas ao cristianismo como um todo, não levando em conta as inúmeras denominações cristãs) e com todos aqueles que pretendem resgatar as raízes judaicas. Segundo suas palavras:

*Chegará o dia em que nosso trabalho findará e isso acontecerá quando a nação Igreja reconhecer seu irmão Israel como parte de si mesma e como parceiro em sua caminhada rumo à “plenitude dos tempos” quando juntos participaremos do momento da volta do Ungido Yeshua! Mas, até que este momento chegue, continuaremos trabalhando dia após dia para juntos com a Igreja e com Israel buscarmos viver de tal forma que, quando o Ungido vier possamos todos ir ao seu encontro*⁵⁶.

⁵⁴Shemá Israel é uma das mais importantes orações judaicas que declara que Deus é um só, ou seja, o principal pressuposto monoteísta e o primeiro Mandamento descrito nas tábuas da Lei. “*Shemá Israel Adonai Eloheinu Adonai echad*”.” Ouve Israel o Eterno é nosso Deus, o Eterno é um”

Email: <http://www.shemaysrael.com/home.html>

Rosh: Marcelo Moreno

⁵⁵<http://www.shemaysrael.com/home.html>, acesso em 18/07/2012

⁵⁶<http://www.shemaysrael.com/home.html>, acesso em 18/07/2012

Consideram como missão: conscientizar a igreja de suas raízes judaicas; ajudar com contribuições no repatriamento dos judeus, o que, para os crentes, significa convencer os judeus não messiânicos que o messias é Jesus Cristo, que já veio e um dia voltará, e que os judeus messiânicos devem levantar socorro material e financeiro a Israel, trabalhar pelo abandono de ideias, teologias e ações antissemitas, apoiar outros ministérios pró-Israel.

É comum entre os seguidores, mas principalmente entre os representantes do judaísmo messiânico, declararem sua possível judaicidade através do rastreamento de antepassados que teriam origem judaica. Vimos essa preocupação em todas as lideranças entrevistadas. Com o *rosh* Marcelo Moreno, da Shema Israel, essa preocupação também é manifestada, como mostra o trecho abaixo, retirado do *site* de sua sinagoga:

De um lado descendo da família Moreno que é uma família tradicional de judeus que trabalharam intensamente no ensino das Escrituras. Somos uma família hispano-portuguesa e no Marrocos a família "Tobelem" usa o sobrenome "Moreno". Havi Moreno foi o representante dos judeus de Haro (Faro) perante o rei Fernando IV em 1294, para apoiar a sua reclamação relativamente a certos privilégios que lhes tinham sido concedidos; Gabriel Moreno era membro da "Academia de los Floridos", fundada em Amsterdam em 1685.

Issac e Jacob Moreno, filhos de Mathatias Moreno, eram membros da Sociedade Filantrópica "Maskil Ha-Dal" de Amsterdam, no século XVII.

Jacques Moreno foi Tesoureiro-Adjunto do Comitê da Comunidade de Casablanca em 1967.

Moreno - de *moreh nu* = "nosso professor", indicando a qualidade de *melamed* do fundador da família. Manuel da Costa Moreno, comerciante no Espírito Santo é citado por SALVADOR; WIZNITZER dá notícia de um Mathatias Moreno que fazia parte do *ishuv* pernambucano no Brasil Holandês, e GONSALVES DE MELLO dá uma extensa lista de portadores deste patronímico.

De outro, da família Ulbrecht Mayer, de origem alemã e possivelmente tcheco-eslovaca com ascendência na família Separovic Scerbom, isso pelo lado materno.

Alguns de nossos "ascendentes" por parte de mãe:

Walter Ulbricht (Leipzig, 30 de junho de 1893 – Berlim Oriental, 1 de agosto de 1973) foi um político alemão, membro do Partido Comunista da Alemanha (KPD) e depois secretário-geral do Partido Socialista Unificado (SED). Ocupou o cargo de Presidente do Conselho de Estado da República Democrática Alemã entre 12 de setembro de 1960 e 1 de agosto de 1973.

Os "Mayer" têm uma enorme influência nos EUA, inclusive fundando cidades naquele país. Este sobrenome poder ser grafado também como "Majer" que tem a pronúncia como "Mayer"; esta mudança pode ter ocorrido pelo fato de o registro civil ter sido feito com base no "som" falado pela pessoa que estava informando o sobrenome, portanto este sobrenome "Majer" também faz parte da mesma família.

Somos judeus, de família sefardita e asquenazita, numa “mistura” inusitada, porém muito bem arquitetada pelo Criador.⁵⁷

No trecho acima, é evidente a tentativa do *rosh* da sinagoga Shema Israel de provar suas origens judaicas. Isso legitima seu poder como líder da congregação, já que fica provada sua ascendência judaica, o que o torna legítimo representante do poder da sinagoga.

As imagens abaixo mostram o *rosh* Moreno celebrando as festas de *Purim*⁵⁸ e *Chanucá*⁵⁹, nas dependências de sua sinagoga. Como nas outras sinagogas messiânicas, percebe-se a constante presença das cores branca e azul, além da bandeira de Israel ao fundo.



⁵⁷<http://www.shemaysrael.com/home.html>, acesso 13/07/2012

⁵⁸ *Purim*- Festa que celebra a salvação dos judeus do plano de Hamã para exterminá-los, tal como está escrito no Livro de Ester (Bíblia Hebraica). Os judeus estavam exilados na Babilônia desde a destruição do Templo de Salomão pelos babilônios e a dispersão do reino de Judá. A Babilônia, por sua vez, havia sido conquistada pela Pérsia. A festa de *Purim* é caracterizada pela recitação do Livro de Ester, distribuição de alimentos e dinheiro aos pobres. A festa é tradicionalmente celebrada com fantasias.

⁵⁹ *Chanucá*- Festa das Luzes. Celebra a vitória de Judas, o Macabeu sobre Antíoco Epífano e a recuperação do templo de Jerusalém.



Festas de *Purim* e *Chanucá* na sinagoga messiânica Shemá Israel- Votorantim- SP em:
<http://www.shemaysrael.com/images/fotos/purim/DSC03880.jpg> acesso em 03/07/2012
<http://www.shemaysrael.com/images/fotos/chanuca/DSC03755.jpg> acesso em 03/07/2012

2.2-2-Rio de Janeiro- Rio de Janeiro

Sinagoga Adonai Shamah (Deus Ouviu)⁶⁰

A sinagoga Adonai Shemá localizada na cidade do Rio de Janeiro não está vinculada a nenhuma entidade ou associação, mantendo-se independente. Repele com veemência a UMJC, como diz em seu *blog*: “*UMJC- não é judaísmo de verdade. A convenção Americana que reúne adeptos do judaísmo messiânico, creem na Trindade, ou seja, são contrários a própria Torá e contra todo judaísmo. A UMJC é cristianismo*”. Assim, a congregação declara ter certos objetivos fundamentais, que explanaremos a seguir.

No *site* da sinagoga os autores declaram que pretendem fazer saber que *Yeshua* é o messias ao povo de Israel e, ainda, anunciar a todos os povos que *Yeshua* é o filho de Deus. Sobre esses aspectos, acreditam que todos os gentios devem aceitar o que chamam de “lei noética”⁶¹, descrita no Livro dos

⁶⁰E-mail: contato@judaismomessianicobrasil.com.br
Rosh- Marcos Andrade Abrão

⁶¹ As leis noéticas, também chamadas de *Brit Noah* (Pacto de Noé), são os mandamentos que, de acordo com o judaísmo, foram dados a Noé após o dilúvio como regras para serem seguidas por toda humanidade. Os judeus são obrigados a submeterem-se a todos os 613 mandamentos da *Torá*, os não judeus seriam obrigados a seguir apenas as sete leis de Noé.

Atos dos Apóstolos, e que não precisam se circuncidar, pois a circuncisão é uma atitude reservada ao povo judeu, mas precisam respeitar a *Torá*.

Para esses fiéis outro objetivo de sua congregação é o ensino da *Torá*, que consiste no ensinamento dos preceitos e das instruções de Deus, como declaram:

“dados originalmente ao nosso povo no Sinai e registrados nos cinco primeiros livros da Bíblia”. Estes preceitos não foram anulados, como já falamos, e esta doutrina equivocada teve origem no desvio da igreja que ocorreu em especial a partir do terceiro século. Acerca disto, Yeshua se pronunciou de forma muito clara quando disse: “Não pensem que vim abolir a Torá (Lei) ou os profetas”. Não vim abolir, mas completar (tornar pleno). Amém!⁶²

Conforme seus seguidores, as Escrituras Hebraicas e as Cristãs são complementares e inseparáveis.

O *site* fala também da necessidade de transmitir aos fiéis a restauração das raízes bíblicas judaicas e não praticar os preceitos da Igreja católica de Roma, que estaria mais interessada em adeptos do que em crentes *“ocasionando na contaminação da Igreja por costumes e formas de pensar pagãos”*(sic). A Igreja Católica teria, segundo informações do *site* da sinagoga Adonai Shamah, se contaminado de paganismo a partir do terceiro século e nem mesmo a Reforma Protestante de Martinho Lutero, que tinha como uma das proposições fundamentais retornar às raízes bíblicas, conseguiu livrá-la da contaminação pagã.

Como vemos no trecho abaixo, os elaboradores dos conceitos religiosos da Adonai Shamah manifestam-se mais simpáticos com denominações evangélicas modernas, mas ainda assim continua a crítica de contaminação por ideias não bíblicas:

As leis são, genericamente: Não cometer idolatria, não matar, não roubar, não cometer imoralidades sexuais, não blasfemar, não maltratar animais, estabelecer leis de honestidade e justiça.

⁶²contato@judaismomessianicobrasil.com.br, acesso em 01/07/2012.

*“Certamente a reforma protestante e posteriormente o movimento evangélico, tiveram aspectos positivos, pois a boas novas da salvação em Yeshua, o Messias, desde então tem sido anunciada em todo o mundo. Podemos ressaltar outro importante aspecto do movimento evangélico, que é o fato de ter abolido completamente a idolatria e a veneração às estátuas e imagens de escultura, que segundo a Bíblia, são uma prática abominável para D’us. Contudo, por não ter havido um retorno às raízes bíblicas judaicas, que era o padrão referencial da Igreja do primeiro século, houve uma proliferação de teologias diversas e divergentes, que impulsionaram o mundo cristão evangélico, a uma multiplicação de doutrinas, costumes, métodos e formas de culto, que trazem nos nossos dias uma crescente divisão entre as igrejas. (Obs.: Mais sobre este assunto na apostila do nosso seminário: “A Restauração das Raízes Bíblicas Judaicas no Cristianismo”).”*⁶³

Assim, a única maneira de um retorno a práticas e à fé religiosa, consideradas legítimas, seria através do resgate dos rituais judaicos, pois sua crença se ancora no princípio de que *Yeshua* só voltará quando houver a restauração da fé, dos rituais e do reconhecimento por parte do povo de Israel de que o messias é *Yeshua*.

Novamente vemos que a doutrina do dispensacionalismo é utilizada para entender o porquê da necessidade do retorno das práticas judaicas, só assim serão cumpridas as profecias. O fato de os fiéis messiânicos procurarem uma conscientização entre os judeus da importância de aceitarem Jesus como messias, através de uma prática proselitista, é parte constitutiva do judaísmo messiânico, a cujas questões teológicas a doutrina dispensacionalista se adapta perfeitamente.

⁶³contato@judaismomessianicobrasil.com.br, acesso em 01/07/2012.

2.2-3-Salvador- Bahia

Sinagoga Beit Moreshet (Casa da Tradição)⁶⁴

O ano de fundação da sinagoga messiânica foi 2000, realizada por José Heleno e Silva, já falecido.

No *site* da congregação judaico-messiânica, seus autores se dizem descendentes de judeus e não judeus (gentios) e que todos membros da congregação creem ser *Yeshua* o messias de Israel e o salvador da humanidade.

A exemplo da sinagoga messiânica Sar-El de Curitiba, recebem apoio do Ministério Ensinando de Sião – Brasil, comandado por Marcelo Guimarães, que por sua vez é filiado ao Netivyah Bible Instruction Ministry, com sede em Jerusalém – Israel. Ambos reconhecidos pela UMJC.

De acordo com informações do *site*, fica evidente uma hierarquia entre os frequentadores judeus e não judeus, como mostra o trecho abaixo:

*“A Congregação Moreshet Yeshua propõe-se a anunciar a todos as Boas Novas do Messias, primeiramente aos judeus e descendentes de judeus, e depois aos gentios. Encara também como parte integrante de seu chamado auxiliar a parte gentílica da Congregação extensiva do Messias na restauração das raízes bíblico-judaicas de sua fé”.*⁶⁵

Essa hierarquização é comum dentro das sinagogas messiânicas, judeus e gentios ocupam categorias diferentes dentro do mesmo espaço. Essa nítida separação funciona como um marcador de identidade, os chamados judeus de nascimento ou por ascendência ocupam um lugar de destaque no *ethos* social. Assim verifica-se uma busca constante por uma pretensa

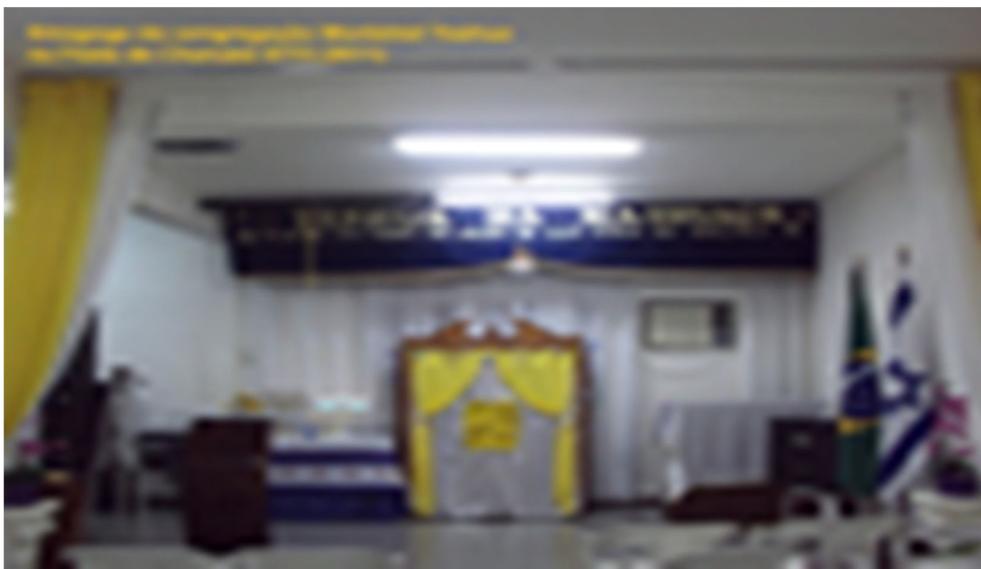
⁶⁴Email: <http://www.moreshetyeshua.org.br>
Filiada a UMJC e a CCJM.

⁶⁵http://www.moreshetyeshua.org.br/quem_somos.htm, acesso em 03/07/2012

judaicidade de seus membros, com o intuito de alcançar uma posição de mais prestígio dentre da sua congregação.

Para Bourdieu (BOURDIEU, 1983) um campo pode ser definido como uma rede de relações entre as posições que os agentes ocupam em determinado espaço. Essas posições são definidas objetivamente e criam imposições aos seus ocupantes através do poder pelo qual estão instituídas. Esse poder proporciona acesso a troféus (lucros). Esses espaços são assimétricos, já que os agentes, apesar de compartilharem interesses comuns, travam lutas pelo poder. Mas nem todos possuem os mesmos recursos para esse embate. Assim aquele que estiver mais equipado para vencer essa batalha alcançará mais rápido e eficientemente o troféu desejado. Essa luta é presenciada constantemente nas sinagogas messiânicas, em que o poder é alcançado por aqueles que, por algum tipo de estratégia, conseguem comprovar, por exemplo, uma ascendência judaica direta, ou no mínimo ser um descendente dos *bnei anussim*, nem que para isso tenha que lançar mão de alterar um pressuposto judaico aceito universalmente pelos judeus de nascimento de que a matrilinearidade é a que define quem é ou não judeu. Como vimos, os *bnei anussim* se valem de seus sobrenomes que, pretensamente, pertenceriam aos judeus convertidos, que chegaram ao Brasil a partir do século XVI.

Assim como nas outras sinagogas messiânicas, a Beit Moreshet conta com a bandeira do Estado de Israel e do Brasil na sala do serviço religioso, como podemos perceber na imagem abaixo:



Ambiente interno da Sinagoga Bet Moreshet em Salvador- BA

<http://www.moreshetyeshua.org.br/fotos.htm>, acesso em 03/07/2012

2.2-4-Manaus- Amazonas

Sinagoga Bet Shalom Amazônia (Casa da Paz Amazônia)⁶⁶

Conforme consta no *site* da congregação, a fundação da sinagoga ocorreu em 02 de fevereiro de 2001, embora seus seguidores já estivessem organizados como grupo desde 1996. Declaram ser a primeira congregação judaico-messiânica da Amazônia.

Os principais objetivos da congregação, segundo seus líderes, são proclamar *Yeshua* o messias, difundir e ensinar a *Torá*.

Na imagem abaixo, vemos que o serviço religioso está sendo ministrado por uma mulher, o que não é comum em sinagogas tradicionais, mesmo as mais liberais:

⁶⁶Email: <http://www.betshalomamazonia.com/>
Rosh: Shaliach Roe Icaro



Serviço religioso na sinagoga Bet Shalom Amazônia em <http://www.betshalomamazonia.com/.em03/07/2012>

2.2-5- Vitória- Espírito Santo

Congregação Judaico-Messiânica Beit Tefila Rechovot (Casa de Oração Rechovot)⁶⁷

A sinagoga Beit Tefila Rechovot diz ter como tema central tornar conhecidas as raízes bíblicas judaicas da fé. E declara que seus objetivos principais são: retorno à palavra de Deus e aos princípios da Igreja do I século em seu contexto original.⁶⁸

Essa sinagoga messiânica teve o apoio, para sua fundação, de Marcelo Guimarães, da Har Tzion de Belo Horizonte, assim como da Beit Tefilá Yeshua, do Rio de Janeiro.

⁶⁷ *Rechovot* provavelmente refere-se ao poço que Isaque abriu no Vale de Gerar em Genesis 26:22 “Isaque mudou-se dali e cavou outro poço, e ninguém discutiu por causa dele”. Deu-lhe o nome de *Rechovot*, dizendo: “Agora o Senhor nos abriu espaço e prosperaram na terra”. Assim o termo *Rechovot* pode referir-se ao poder de alargar, aumentar. Ou pode se referir à cidade de Rechovot em Israel, que possui uma sinagoga messiânica denominada Beit Rechovot Messianic Congregation. Em contato com a Beit Tefilá Rechovot (Vitória- ES), para questionar a origem do nome, não obtive nenhuma resposta.

email: secretaria@rechovot.org.br | faleconosco@rechovot.org.br

Filiada a UMJC e a CCJM

⁶⁸secretaria@rechovot.org.br

Abaixo segue um exemplo de uma oração em prol do Estado de Israel constante no *síte* dessa sinagoga messiânica:

Avinu shebashamayim, Tsur Yisrael vegalo, barech et Medinat Yisrael, reshit tsemichat gueulatenu. Haguen alecha beevrat chasdecha ufros aleha sucat shelomecha ushelach orchah vaamitecha lerasheha, sareha veioatseha, vetakenem beetsa tova milefanecha. Chazec et iede meguine erets codshenu, vehanchilem Elohenu yeshua vaateret nitsachon teaterem, venatata shalom baarets vesimchat olam leioshveha. Veet achenu col bet Yisrael, pecod na bechol artsot pezurehem, vetolichem mehera comemiyut letsion irecha velirushalayim mishcan shemecha, cacatuv betorat Moshe avdecha, im yihie nidachacha biketse hashamayim, misham iecabets'cha Adonai Elohecha umisham yicachecha. Veheviacha Adonai Elohecha el haarets asher iarshu avotecha virishta, vehetivcha vehirbecha meavotecha. Hofa bahadar gueon uzecha al col ioshve tevel artsecha, veiomar col asher neshama veapo, Adonai Elohe Yisrael melech umalchuto bacol mashala. Amen.

Tradução

Nosso Pai que estás (sic) no céu, Rocha (Forte) de Israel e seu Redentor! Abençoa o Estado de Israel, princípio do crescimento da nossa redenção. Ampara com a tua benevolência e estende sobre ele a tenda da tua paz; envia a tua luz e a tua verdade aos seus dirigentes, ministros e conselheiros, encaminhando-os com os teus bons conselhos. Fortifica as mãos dos defensores da nossa santa terra e faze-os herdar, ó nosso *Elohim*⁶⁹, a salvação, coroando-os com a coroa da glória; proporciona paz na terra e alegria eterna aos seus moradores. E a nossos irmãos que compõe toda a Casa de Israel visita-os em todas as terras da sua dispersão e encaminha-os pronto de cabeça erguida, a *Tzion*⁷⁰, tua cidade, e a Jerusalém, morada do teu glorioso Nome, conforme está escrito na *Torá* de Moisés, teu servo: "Ainda que o teu desterro esteja na extremidade dos céus, dali te ajuntará o Eterno, teu *Elohim*, e dali te tomará; e te trará o Eterno, teu *Elohim*, à terra que herdaram teus pais, e a herdarás". Une nossos corações para amar e temer o teu nome e guardar todas as palavras da tua *Torá*. Aparece com a formosura da glória da tua força sobre todos os moradores do universo, para que todo aquele que tem fôlego em seu nariz diga: "O Eterno *Elohim* de Israel é o Rei e Seu Reino estende-se por tudo". Amém.⁷¹

Nota-se nessa oração a mesma preocupação encontrada nas outras sinagogas messiânicas pesquisadas, que é a de procurar legitimação a partir da ideia de pertencimento, no caso, fazer parte do Estado de Israel. Há aqui uma clara contradição com a postura dos judeus ortodoxos que esperam o

⁶⁹ *Elohim*- elevadíssimo, altíssimo. Refere-se a Deus em um contexto litúrgico.

⁷⁰ *Tzion*- Originalmente era o nome dado especificamente à fortaleza jebusita próxima a atual Jerusalém, que foi conquistada por David. A fortaleza ficava na colina a sudeste de Jerusalém, chamada Monte Tzion.

⁷¹ <http://www.rechovot.org.br>, acesso em 03/07/2012

Messias, na Terra de Israel. Para esse grupo o Estado de Israel é uma blasfêmia e constantemente o boicotam e o ignoram, pois consideram que a verdadeira Terra de Israel deverá ser resgatada somente com a vinda do Messias.

Na fotografia abaixo, podemos ver a fachada da sinagoga messiânica Rechovot, com a presença da Estrela de David e a *Menorá* estilizada em sua placa.



Fachada da sinagoga messiânica de Vitória-ES em <http://www.rechovot.org.br/web/multimedia/fotos/> acesso em 03/07/2012

2.2-6- Curitiba- Paraná

SINAGOGA SAR- EL (PRÍNCIPE DE DEUS)⁷²

A sinagoga foi fundada em 2002, na cidade de Curitiba, sob a orientação de Joseph Shulam (Netivyah Bible Instruction Ministry - Jerusalém) e de Marcelo Miranda Guimarães (Associação Ministério Ensinando de Sião - Belo Horizonte), sob a liderança de Jair do Amaral e Silva. A congregação irá completar 12 anos em fevereiro de 2014.

⁷² Príncipe de Deus- referência a Isaías 9:6.
Email: kehilat_sarel@hotmail.com e <http://sarel.org.br/>
Rosh: Jair Amaral da Silva
Filiada a UMJC

No *síte* da congregação, seus líderes declaram a necessidade do resgate das raízes judaicas, principalmente por aqueles cuja ascendência judaica esteve encoberta no decorrer dos séculos pós-inquisição.

Nas suas palavras:

*Ensinamentos bíblicos fora de seu contexto judaico produziram uma doutrina antibíblica, segundo a qual se diz que a Igreja substituiu Israel e que os primeiros discípulos converteram-se da religião judaica ao cristianismo. Acaso aqueles que creem num único D'us – o Eterno de Israel – necessitam de conversão? Ou tornam-se completos quando reconhecem seu Messias?*⁷³

Notamos que os crentes messiânicos rejeitam a hipótese de conversão forçada ao judaísmo, uma vez que alegam que seus antepassados, muitos dos quais *anussim*, ocultaram seu judaísmo durante muito tempo, desde a sua vinda para o Brasil da Europa, durante o período da colonização. Sua memória acabou se perdendo devido à perseguição inquisitória na Espanha, em Portugal e no Brasil. Muitos cresceram no cristianismo. Por isso, defendem a ideia de que têm o direito de retorno às raízes bíblicas e judaicas da fé, sem negar *Yeshua*.

Entre os objetivos principais dessa sinagoga destacam: orar pela paz em Jerusalém, manter o elo entre a Igreja e Israel. Existe, entretanto, algo confuso quando se referem a Israel: apesar de imaginarem estar falando do Estado de Israel, existe uma mítica em seu discurso, pois sempre que se referem ao Estado Judaico, falam da volta do messias (Jesus) e daí a necessidade de preservar o país para que o retorno do seu salvador se dê na Terra de Israel, ou seja, uma Israel espiritual e não ao Estado moderno. Como no trecho abaixo:

*Incentivar a Igreja a cumprir o seu papel em relação a Israel, buscar ovelhas perdidas da casa de Israel e acolhê-las, dentre elas os assimilados, celebrar as festas bíblicas, observar o shabat.*⁷⁴

⁷³<http://sarel.org.br/> acesso em 01/07/2012

⁷⁴<http://sarel.org.br/> acesso em 10/07/2012

É fundamental salientar que a empatia com Israel refere-se mais a Terra de Israel, lugar considerado santo e que aguarda o retorno do Messias, e não propriamente ao Estado de Israel, laico e moderno.

No caso das sinagogas messiânicas, a proximidade com o Estado de Israel é manifestada através de uma atitude de empatia e da perspectiva de se sentir judeu através da utilização e da apropriação de seus símbolos. Apesar de não fazerem nenhum esforço no sentido de se aproximarem da comunidade judaica tradicional.

Segundo Barth (BARTH, 1997), a proximidade com o outro leva a exacerbação de certos traços da tradição cultural, no caso, aqui estudados, símbolos do Estado de Israel presentes nas sinagogas messiânicas. O autor acrescenta que a cultura pode ser manipulada pelo grupo, movido por seus interesses, no caso, provar sua ideia de pertencimento ao povo judeu.

A imagem abaixo mostra o momento do serviço religioso, quando um dos fiéis carrega os rolos da *Torá*. Na fotografia, podemos ver que homens e mulheres estão misturados (essa não é a prática comum nas sinagogas ortodoxas) e vários homens não usam a *kipá* (que é de uso obrigatório pelos homens em todas as sinagogas durante o serviço religioso). Já o *rosh* (que carrega a *Torá*) usa, além da *kipá*, o *talit*. Não se observa rigor na consumação do ritual.



Serviço religioso da Sinagoga Messiânica Sar-El Curitiba- PR em <http://sarel.org.br/index.php>, acesso em 03/07/2012

Congregação Nova Aliança de Curitiba⁷⁵

Não é filiada a nenhuma associação judaico-messiânica, declaram-se independentes, negando qualquer filiação a alguma associação ligada ao judaísmo messiânico. Dizem ser um *Kehilá*, ou seja, uma congregação de judeus e gentios que aceitam *Yeshua* como messias. Para seus líderes, *“Teshuvá⁷⁶ para nós, nada mais é que assumirmos as características que tínhamos nos dias de Yeshua”*.

Contam com inúmeras pequenas sinagogas espalhadas pelo país, por vezes instaladas em residências particulares, às quais só têm acesso pessoas previamente conhecidas pelos proprietários.

O *rosh* Yishai Ben Yehuda declara que judeus messiânicos, em sua maioria, provêm de alguma denominação protestante com alguma liturgia judaica, preservando, muitas vezes, liturgia como o batismo Além disso,

⁷⁵Rosh Yishai Bem Yehuda

⁷⁶*Teshuvá*- retorno. Voltar às práticas do judaísmo.

sustentam uma separação interna entre os que chama de judeus naturais e gentios convertidos, e estes últimos são discriminados. O *rosh* discorda dessa postura discriminatória sobre aqueles que não têm origem judaica.

O *rosh* mostra certa animosidade com as sinagogas messiânicas brasileiras ao declarar que:

*“Nenhum grupo judeu-messiânico que conhecemos manifestou o menor interesse em nos conhecer ou trabalhar juntos, quando por algum motivo nos conhecemos ou deles nos aproximamos, mostram certa arrogância. Como somos um povo único em todo Brasil e operamos centralizados em Curitiba, talvez o temor injustificável em perder poder, tenha influenciado”.*⁷⁷

De fato, em nenhum momento, as sinagogas messiânicas ligadas às associações UMJC, ou à mais recente CCJM (Conselho das Congregações Judaico-Messiânicas do Brasil), chegaram a mencionar esse grupo. Durante esta pesquisa, verificamos que, apesar da atomização de seu grupo, cada um sempre bem pequeno, há um esforço da sinagoga Israelita Nova Aliança para se espalhar pelo país e assim conseguir novos adeptos.

Apesar da animosidade presente entre esses dois grupos, seja qual for, os filiados a UMJC e a CCJM e os não filiados a nenhuma entidade estabelecida legalmente, grandes diferenças teológicas de culto ou mesmo identitárias entre elas não existem.

A maior diferença observada foi justamente a existência de uma postura mais tolerante em relação aos gentios das sinagogas messiânicas que pertencem ou estão ligadas à Congregação Israelita da Nova Aliança. É provável que essa postura mais condescendente esteja relacionada à captação de fiéis em localidades do país onde a presença judaica é bastante remota.

⁷⁷<http://www.kehilah.com.br>, acesso 13/07/2012

A congregação Nova Aliança realiza anualmente um evento denominado Congresso Israelita. No ano de 2013 ocorreu a sua décima versão, entre os dias 26 e 29 de dezembro, na cidade paulista de Sumaré, em uma estância especializada em eventos religiosos evangélicos denominada Árvore da Vida. Essa estância possui a capacidade de receber até 10 mil visitantes, com opção de hospedagem que variam de R\$ 179,00 a R\$ 200,00 por pessoa durante os três dias. A inscrição para o congresso foi de R\$ 230,00. Há restaurante e um pavilhão para realização de eventos no local.

Ao chegar ao local, percebemos que as ruas que formam o complexo possuem nomes bíblicos, deixando claro que se trata de um local destinado a eventos religiosos. O pavilhão de encontros é muito grande e bem estruturado. No dia visitado (sábado dia 28/12/2013), havia vários ônibus e carros estacionados no local provenientes de vários estados brasileiros, como Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo, além de placas de carros da Argentina. No pavilhão principal o *rosh* realizava o culto *shabat*. Verificamos que, como ocorre nas outras sinagogas messiânicas, homens e meninos vestiam calça preta e camisa branca, todos usavam *kipá* e alguns poucos o *talit*. Já as mulheres e meninas usavam roupas discretas, com saias e blusas de mangas compridas (apesar de um intenso calor). Todas as mulheres (inclusive as crianças) portavam véus longos amarrados na cabeça. A maioria dos homens e mulheres estavam separados, mas alguns sentavam juntos. Havia pelo menos duas mil pessoas no auditório, algumas poucas falando espanhol, outras, inglês.

A celebração do *Shabat* foi realizada nos mesmos moldes do que foi visto em outras congregações judaico-messiânicas, com a leitura de trechos bíblicos, música ao vivo, danças, e a homilia do *rosh*. E como em todas as outras sinagogas messiânicas visitadas, a cerimônia foi acompanhada da projeção de *slides*, com a transliteração das orações do hebraico para o português.

Ao terminar a cerimônia matutina, os fiéis foram convidados a dirigirem-se ao refeitório local. Ao ser questionado sobre o tipo de comida servida, o

gerente do restaurante relatou que foi instruído a não servir carne de porco ou frutos do mar e não poderia haver carne e leite servidos na mesma refeição. Essas regras seguem apenas em parte a *kashrut*, pois o gerente declarou que nenhum religioso supervisionou a preparação dos alimentos, a cozinha de carne e leite é a mesma (embora não servissem para esse evento os dois alimentos juntos), e a carne não tinha nenhuma procedência especial, fora adquirida em um açougue local.

No período vespertino os encontros continuaram com palestras e interpretação de trechos bíblicos à luz do judaísmo messiânico.

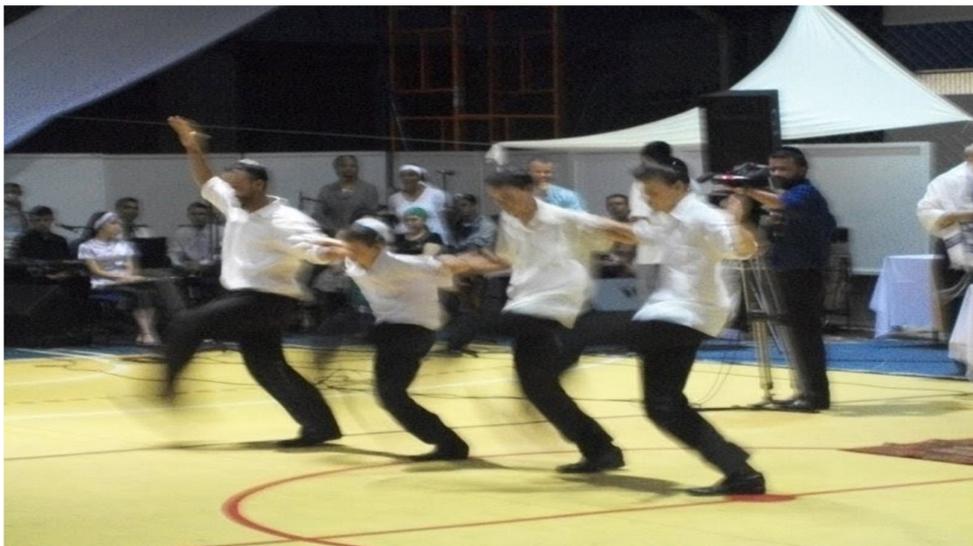
Abaixo foram reproduzidas algumas imagens do congresso. A primeira fotografia mostra o local da realização dos cultos; a segunda, o pavilhão pelo lado externo. As duas fotos que se seguem são de congressos anteriores e foram usadas para ilustrar a forma como se vestem homens e mulheres.

A última foto mostra a fachada da sinagoga messiânica Nova Aliança Kehilá Israel, que apresenta claros símbolos judaicos, como a presença da *menorá* e da Estrela de David.





Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=9o+congresso+israelita&sourceem> 04/01/2014



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=9o+congresso+israelita&sourceem>
04/01/2014



Fachada da Congregação israelita Nova Aliança Kehilá Israel em Curitiba em:
http://www.israelitas.com.br/perguntas/perguntasVer.php?id=32&ini=0&num_linhas=31, acesso em 13/10/2012.

Congregação Israelita da Nova Aliança de Itabuna- Bahia⁷⁸

A Congregação Israelita Nova Aliança, mantém também uma sede na Bahia, na cidade de Itabuna. O *rosh* dessa sinagoga *Kehilat⁷⁹ Israeli*, diz que sua congregação é formada por “Israelitas Naturais”, que abraçaram a Nova Aliança, e de gentios, que se converteram e uniram-se a Deus e ao povo de

⁷⁸<http://www.kehilah-itabunabahia.blogspot.com.br/>
Rosh: Daniel

⁷⁹ *Kehilat*- Congregação

Israel, crendo que *Yeshua* é o messias. Também declara que seus membros cultivam a tradição e a liturgia judaicas do século I.

Segundo o pensamento de seus líderes, a mescla dos costumes judaicos com práticas religiosas pagãs iniciou-se logo após a morte dos apóstolos e teve seu ápice no século IV, com Constantino. Dizem então que eles têm resgatado as raízes judaicas do 1º século, denominada por eles de *teshuvá*.

Em relação ao posicionamento quanto à Reforma Protestante do século XVI, percebe-se uma posição de negação, como mostra o trecho abaixo retirado do *site* da congregação messiânica em questão:

*A Kehilat Elohim não é uma Congregação envolvida com o paganismo da religião romana e com a reforma protestante do século 16. Por isso, o que antes tinha tomado emprestado do protestantismo, não lhe foi difícil abandonar. Teshuvá para nós, nada mais é que assumirmos as características que tínhamos nos dias de Yeshua.*⁸⁰

A exemplo de outras sinagogas messiânicas, oram em prol do Estado de Israel e de seu exército, a mesma oração feita pela sinagoga messiânica Beit Tefila Rechovot.

Como pudemos ver, nessa oração há uma clara postura de defesa ao Estado de Israel e a seu direito de defesa através de seu exército. A justificativa, como vimos, é religiosa e não ideológica, pois existe a crença fortemente estabelecida entre os judeus messiânicos de que a volta de *Yeshua* se dará no Estado de Israel, então essa nação precisa ser protegida e preservada para garantir o retorno do messias.

Analisando a postura das sinagogas messiânicas consideradas nesta pesquisa, percebe-se claramente que uma das questões mais prementes para essas instituições é a possibilidade de legitimar-se de maneira a alcançar

⁸⁰<http://www.kehilah-itabunabahia.blogspot.com.br/> acesso em 04/07/2012

representatividade e, portanto, poder regulador frente à comunidade religiosa, cujos líderes pretendem representar. A legitimidade torna-se passível de ser mais eficaz, dependendo dos interesses e dos repertórios compartilhados pela comunidade (MONTERO, 2012).

É esclarecedora a análise de Paula Montero no que se refere aos processos legitimadores, pois as sinagogas messiânicas, ao lançarem mão de símbolos laicos judaicos, como a Bandeira do Estado de Israel, ou a apresentarem uma preocupação constante de procurarem uma ascendência judaica, tudo isso nos mostra a procura de algo que os torne mais visíveis tanto às congregações judaico-messiânicas, como às outras comunidades, inclusive a judaica tradicional.

Capítulo III: As associações judaico-messiânicas mundiais e sua presença no Brasil.

Neste capítulo será abordado o conceito de legitimação do poder, por intermédio da análise da doutrina contida nos textos divulgados pelas associações judaico-messiânicas. Para compreendermos melhor como essas associações estruturam sua influência perante a comunidade religiosa, será feita uma análise da legitimação do poder através da religião, com base nas teorias de Weber (WEBER, 2004), Peter Berger (BERGER, 1985) e Bourdieu (BOURDIEU, 2012).

No Brasil há uma instituição que pretende ocupar o papel normatizador do judaísmo messiânico no país. Trata-se do Conselho das Congregações Judaico-Messiânicas do Brasil (doravante CJMM), estabelecido na cidade de Belo Horizonte e ligado à sinagoga messiânica Har Tzion, cujo rabino messiânico, Marcelo Guimarães, é seu fundador e membro mais influente.

Além dessa instituição brasileira, o cerne de nossas investigações concentrou-se, especialmente, em associações judaico-messiânicas estabelecidas nos EUA, duas delas de maior importância, como a *Union Messianic Jewish Congregation* (doravante UMJC) e a *Messianic Jewish Alliance of America* (doravante MJAA), além de outras de menor importância no cenário religioso, mas ainda assim com poder de normatizar a religião.

Além dessas associações, há na América do Norte, e também no Brasil, cursos e escolas, que têm o papel de reforçar a ação legitimadora das associações religiosas. No Brasil existe até um curso de nível superior em Teologia Messiânica em Curitiba (PR).

Com exceção do CCJM, todas as outras instituições foram visitadas apenas virtualmente, mas como a abordagem deste capítulo não é etnográfica, não houve prejuízo das conclusões obtidas.

3.1- As associações religiosas como legitimadoras do poder

O surgimento de associações representativas dentro do nascente judaísmo messiânico moderno, no século XIX, era de fundamental importância para a construção de um poder legítimo. Essa nova religião necessitava conduzir seu corpo teológico e cultural de maneira a emanar credibilidade dentre seus seguidores e legitimidade diante de outros grupos tanto cristãos como judeus.

Weber (WEBER, 2004:310) afirma que uma comunidade religiosa, além da associação de vizinhança de natureza econômica ou fiscal ou por outros motivos políticos, não aparece exclusivamente em conexão com a profecia. Nasce como produto da cotidianização, ou seja, na necessidade que o novo grupo apresenta de se legitimar através das práticas cotidianas, por exemplo, da constituição de um ritual composto de escolhas que fazem sentido para seus seguidores ou membros. No caso do judaísmo messiânico, enquanto religião recente, na composição das práticas rituais, existe a necessidade de se escolher o que do ritual cristão ou o que do ritual judaico será aproveitado para compor seu próprio arcabouço. O encargo de fazer essas escolhas será das associações que surgem e angariam poder suficiente para normatizar e legitimar a nova religião.

Para Weber (WEBER, 2004), o poder é definido como a probabilidade de um ator situado dentro de uma relação social estar numa posição de facultar o outro a fazer sua própria vontade, apesar de comumente encontrar resistência. Já a autoridade é uma modalidade legítima de poder, é a habilidade de levar as pessoas a fazerem o que lhes é ordenado, imaginando que estão fazendo tal coisa por vontade própria.

Nas associações messiânicas, as formas de exercer poder sobre os outros estão baseadas no poder e na autoridade. A existência de um órgão legalmente constituído, como é o caso dessas associações, comprova a imposição de determinados preceitos e rituais que os judeus messiânicos devem seguir. No entanto, verificamos que há uma flexibilidade das

congregações messiânicas decidirem pelos seus rituais, como foi observado nas diferentes sinagogas messiânicas brasileiras, assim como há inúmeras associações representativas. Como não há uma organização piramidal no judaísmo messiânico, assim como há o Vaticano para o catolicismo, essa religião se aproxima em termos de organização das igrejas evangélicas, que mantêm certa autonomia em relação a sua organização hierárquica, de culto, etc.

Uma das características mais interessantes para o estudioso dos judeus messiânicos: eles creem que não são outra religião, alegam ser uma corrente dentro do judaísmo tradicional. A diferença em relação a este grupo reside na aceitação de Jesus como o messias. Esse pressuposto teológico levaria a pensar que, em princípio, não haveria necessidade de uma associação representativa do judaísmo messiânico, já que as associações judaicas existentes cumpririam esse papel e abraçariam todos os judeus, independentemente da corrente a que pertencessem.

No entanto, como a postura teológica do judaísmo messiânico não é aceita por nenhuma entidade judaica nem religiosa, nem secular, em um determinado momento, houve a necessidade de constituir-se como grupo organizado. Nesse ínterim, o fato de acreditar em Jesus como messias não é fator suficiente para a consolidação desse grupo, pois poderiam ser confundidos com cristãos. Para isso, foi necessário criar estratégias de se afirmar enquanto um grupo de judeus que acredita em Jesus como messias.

Weber, ao trabalhar com a ideia de poder legitimamente constituído, parte do princípio de que representação é a situação em que as ações de membros da associação são imputadas aos demais associados, ou essas ações devem, de algum modo, ser consideradas legítimas por esses membros (WEBER, 2004:193-195).

Dentro das dominações associativas, a representação assume várias formas típicas: as encontradas nas associações de cunho religioso costumam ser as que Weber denominou de Representação Apropriada, em que um

membro tem por apropriação o direito de representação. Esse poder está vinculado a uma dimensão tradicional.

Entretanto, as várias associações judaico-messiânicas continuam a ser modificadas, ou outras são fundadas, pois esse dinamismo insere-se nas novas realidades nas quais passam a fazer parte. Um exemplo disso é o caso do CCJM, fundado recentemente, em território nacional, por Marcelo Guimarães, da sinagoga messiânica Har Tzion, de Belo Horizonte (MG). Essas mudanças se tornam necessárias no processo legitimador de seu poder. Segundo Berger (BERGER, 1985: 42):

Empiricamente as instituições estão sempre mudando à medida que mudam as exigências da atividade humana sobre as quais elas se baseiam. As instituições estão sempre ameaçadas não só pelos estragos do tempo, como também pelos conflitos e discrepâncias entre os grupos cujas atividades elas pretendem regular. Por outro lado, graças às legitimações cósmicas, as instituições são magicamente guindadas acima dessas contingências humanas e históricas. Tornam-se inevitáveis, porque são aceitas como óbvias (BERGER, 1982, P.49).

Para Peter Berger (BERGER, 1985), a religião possui caráter de legitimação da ordem social, diferentemente da teoria de Bourdieu, (BOURDIEU, 1982) para quem a religião oculta o caráter de dominação social de uma classe sobre a outra e, portanto, é algo que emana dos seres humanos e não do sobrenatural. Para Berger, a religião não reconhece o caráter humano da criação da sociedade.

Berger afirma que a religião exerceria o papel de legitimadora do *nomos*. O mundo social é chamado por ele de *nomos*, que significa a construção social do ordenamento da experiência, não se refere somente às leis explícitas, mas sim a todo o comportamento humano em seu cotidiano da experiência. Ou seja, o *nomos* seria a função da sociedade em dar sentido à realidade humana.

O papel decisivo da religião como legitimação do mundo social é explicável por sua capacidade única de colocar os fenômenos humanos dentro

de um marco de referência não humana. A religião, para Berger, é uma empresa humana que pretende dar um significado humano ao sagrado.

Assim, a religião também tem sua base legitimadora. Ao longo da história, foi o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação, e isso se deve ao fato de que a legitimação religiosa fundamenta a ordem social em origens que transcendem a história e o homem.

Para Peter Berger, “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento.” (BERGER, 1985). Daí surge a necessidade de unir esforços para que se mantenha o mundo humano. Essa manutenção é realizada através de discursos legitimadores, sendo o discurso da religião o mais eficaz para tal tarefa. “A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguida pelas sociedades empíricas”. (BERGER, 1985).

As associações e seus discursos de cunho religioso, na interpretação de Berger, têm a função legitimadora de repetir as fórmulas para que não haja o perigo dos rituais serem esquecidos pela comunidade. Além disso, qualquer exercício de controle social exige algo que vai além dos dados meramente institucionais. Assim, quanto maior a resistência de um grupo em aceitar determinada regra, mais drásticos serão os meios empregados pela instituição para vencer essa resistência (BERGER, 1985:44).

A base para a aceitação social objetivada encontra-se na legitimação que, segundo Berger, serve para explicar e justificar a ordem social. Assim, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o porquê dos dispositivos institucionais.

Apesar dessa repetição das fórmulas estabelecidas ser instrumento fundamental na ação legitimadora, esses discursos, que são, dentro do contexto desta pesquisa, apropriados pelas associações que representam as sinagogas messiânicas, ajudam a sustentar o mundo, mas a legitimação só

terá validade se houver uma estrutura que Berger chama de plausibilidade, o que em última instância significa aceitação social.

Como explicar fenômenos anômicos dentro da teoria de Berger? A resposta que o autor nos dá é através do que ele denomina teodiceia. Para Berger, a teodiceia afeta de maneira direta o indivíduo e sua vida concreta dentro da sociedade, oferecendo-lhe a explicação do porquê das coisas. O autor afirma ainda que não devemos considerar as teodiceias somente em termos de seu potencial redentor. No entanto, em concordância com Weber e Bourdieu, afirma que “uma das funções sociais das teodiceias é, na verdade, sua explicação das desigualdades sociais prevalentes enquanto poder e privilégio” (BERGER, 1985).

Na teoria de Berger, a instituição é a estrutura social estabelecida, constituída na sociedade com caráter normativo, ou seja, ela define as regras e exerce formas de controle social. As instituições são formadas para atender as necessidades sociais, regular e controlar as relações sociais, utilizando-se de meios coercitivos aceitos pela maioria da sociedade.

Para Peter Berger (BERGER, 1985), as principais características das instituições sociais são a exterioridade, que significa o reconhecimento, por parte dos indivíduos, de que as instituições são legítimas; a coercitividade, que é o poder exercido sobre as pessoas; a autoridade moral, ou o reconhecimento das pessoas da legitimidade, permitindo às instituições agir e obrigar as pessoas a se comportar de acordo com as regras estabelecidas.

As instituições mudam à medida que as exigências da sociedade mudam, portanto, estão sempre em ameaça devido à dialética que compõe a realidade. Mas as legitimações, que Berger denomina de cósmicas, são aceitas como óbvias, permitindo ao indivíduo saber como deve proceder em sociedade.

No sentido dado por Bourdieu (BOURDIEU,1982:27), as religiões representadas por suas instituições integram um cenário pré-existente, há todo um *script* já estabelecido anteriormente, que é adaptado às necessidades da

associação religiosa que se organiza. Assim, as primeiras associações judaico-cristãs basearam-se nos estatutos de outras religiões, não criando nada de novo no cenário religioso enquanto associação legalmente constituída.

3.2- As associações judaico-messiânicas: um pequeno histórico e seus principais representantes no mundo

A primeira associação judaico-messiânica, provavelmente, foi a Aliança Cristã Hebraica, fundada por volta de 1866, na Grã-Bretanha. Em 1925, com a união com outras entidades messiânicas, surgiu a *Internacional Hebrew Christian Alliance*. Em 1997 a associação foi rebatizada de *International Messianic Jewish Alliance (IMJA)* ⁸¹.

A associação conta hoje com 19 afiliadas nos EUA, Canadá, França, Grã-Bretanha, Holanda, Israel e México, etc. No Brasil a associação tem pequena influência. Ao longo do trabalho de campo desenvolvido para esta pesquisa, foi identificada apenas uma sinagoga messiânica na cidade de São Paulo ⁸²,

Existem várias associações judaico-messiânicas, com sede nos EUA, que exercem influência na organização do judaísmo messiânico na atualidade; para este trabalho foram selecionadas algumas delas. Essas associações são muito semelhantes entre si, dividindo o poder através de diferenças como, por exemplo, a postura em relação à conversão de gentios e judeus ao judaísmo messiânico, ou a tolerância em relação a costumes cristãos e a aproximação com Igrejas Evangélicas, como é o caso da MJAA, fato este que é usado como fonte de crítica e ataque pela UMJC, que as considera mais cristãs do que judias.

⁸¹<http://imja.org>, acesso em 06/07/2012

⁸²No bairro de Moema.

3.3- As associações judaico-messiânicas com maior número de seguidores: A MJAA e a UMJC

No Brasil, as sinagogas messiânicas encontradas e pesquisadas ou são filiadas, em sua maioria, a UMJC ou declararam não ser filiadas a nenhuma entidade. Nos EUA, entretanto, tanto a UMJC quanto a MJAA são as que abarcam maior número de fiéis. Assim, é importante analisar um pouco de seus estatutos e pensamentos.

a) Messianic Jewish Alliance of America (MJAA)⁸³

De maior tamanho e importância no cenário internacional está a MJAA – Aliança Judaica Messiânica da América, fundada em 1915, em Springfield na Pensilvânia (EUA). O nome dessa congregação era Aliança entre Cristãos e Hebreus da América, até 1975, ano em que mudou seu nome para MJAA. Presente em quinze países, inclusive em Israel, não conta com nenhum representante no Brasil. Sua diretoria executiva é representada por Mr. Paul Liberman (presidente) e o rabino Dr. Charles Kluge (vice-presidente).

Segundo seu estatuto, a MJAA tem como objetivos principais: testemunhar o crescente número de judeus que acreditam que *Yeshua* é o prometido messias judeu; reunir judeus e não judeus que partilham da mesma visão e apresentar *Yeshua* e o Evangelho aos judeus.

Para MJAA, o fato de os judeus aceitarem Jesus e os evangelhos das Escrituras Cristãs não significa que eles deixaram de ser judeus, esse seria um equívoco que a associação pretende combater. O messias, *Yeshua*, segundo seus princípios, é um conceito completamente judaico e que séculos de perseguição e de má interpretação de quem teria sido Jesus por parte tanto de cristãos como de judeus, levou a separação entre essas duas religiões. *Yeshua* teria mantido a *Torá* e a Lei de Moisés, estudou e pregou as Escrituras Hebraicas.

⁸³www.mjaa.org, acesso em 07/07/2012

A MJAA assistiu diversas entidades no aconselhamento e treinamento de líderes de congregações judaico-messiânicas. Devido ao aumento do número de entidades assistidas pela MJAA, nasceu a IAMC (Aliança Internacional de Congregações Messiânicas e Sinagogas), a partir da década de 1970.

A MJAA é credenciada pelo Conselho Evangélico de Contabilidade, uma agência de credibilidade, fundada em 1979, em Vancouver, Canadá, dedicada a ajudar os ministérios cristãos a ganhar confiança do público. O fato de a MJAA ser credenciada por um Conselho Cristão mostra o quanto há de proximidade entre essa associação e o cristianismo, já que é referenciada por uma entidade evangélica e não por uma entidade judaica.

b) Union Messianic Jewish Congregation (UMJC)⁸⁴

A UMJC existe desde 1979 e mantém 80 congregações judaico-messiânicas no mundo. Seu secretário geral é Paul Liberman, que foi cofundador da instituição. É a associação mais presente no Brasil e tem como filiações as sinagogas messiânicas ligadas atualmente a CJMM. Declaram que têm como missão restaurar o contexto bíblico do 1º século, em que judeus e gentios aceitaram *Yeshua* como messias. Declaram também seu apoio incondicional ao Estado de Israel.

A associação conta com inúmeros afiliados em 26 estados norte-americanos, mas também tem força no Brasil, através das já citadas sinagogas messiânicas Har Tzion, Beit Tefilá Yeshua, Beit Mashiach, Sar-El, etc., e em outros países, como África do Sul, Canadá, Israel e Venezuela.

Como objetivos principais a associação lista:

a) *Promover o crescimento das congregação judaico-messiânicas em todo o mundo;*

⁸⁴www.umjc.org, acesso em 05/07/2012

- b) *Ser porta-voz para os judeus messiânicos e suas congregação em todo o mundo;*
- c) *Proporcionar um fórum de discussão de questões relevantes para o judaísmo messiânico.*
- d) *Auxiliar nas causas do povo judeu em todo o mundo, mas especialmente em Israel.*
- e) *Apoiar a formação de líderes messiânicos.*

A UMJC apoia a ideia de que o judaísmo messiânico é uma corrente dentro da religião judaica; *“além disso, como a maioria dos outros troncos do judaísmo, o judaísmo messiânico reconhece que a halachá deve ser dinâmica e fiel, pois implica na utilização da Torá”*.⁸⁵

O comitê teológico da UMJC define judaísmo messiânico como um movimento congregacional judeu pelo messias *Yeshua*, Esse movimento segue a responsabilidade pactual da vida judaica e possui identidade na *Torá*, aplicada no contexto da Nova Aliança.

Consideram o judaísmo a religião do povo judeu, mas a adesão ao judaísmo e práticas da sua doutrina não fazem alguém judeu. Para ser judeu, segundo a UMJC, há a necessidade de se ter essa condição por nascimento ou por conversão. Assim, para a associação existe uma condição intransponível do gentio. Um gentio sempre será um gentio dentro desse posicionamento, jamais será um judeu. Essa posição se consubstancia nas categorias sociais criadas dentro das sinagogas messiânicas, numa clara divisão entre aqueles que, de alguma forma, são considerados judeus, seja por nascimento, seja por origem de seus antepassados, daqueles que são considerados não judeus, o que acaba em uma busca de judaicidade, através, por exemplo, de exames de DNA (como foi analisado no capítulo anterior que trata das sinagogas messiânicas no Brasil), desses membros para alcançar maior status dentro de suas congregações.

Essa questão é extremamente paradoxal em todas as entidades judaico-messiânicas estudadas até agora, pois ao não se considerarem pertencentes a outra religião e sim à própria religião judaica, para ser um judeu messiânico deve-se ser judeu. Essa difícil questão será abordada no capítulo IV, em que trataremos do processo de conversão ao judaísmo messiânico.

⁸⁵www.umjc.org, acesso 07/07/2012

A definição do que é ser judeu seria então a seguinte para os membros e líderes da UMJ:

O Judaísmo não é um conjunto de crenças, não obstante esse termo seja assim amplamente interpretado. Uma definição completa de Judaísmo implica, é claro, um todo complexo de ideias, crenças, valores e obrigações atribuídas pelo Judaísmo... Mas, por mais decisivos que sejam, eles são, num sentido, mais uma superestrutura do que um alicerce. O alicerce do Judaísmo é a identidade de família do povo judeu como descendentes de Abraão, Isaque e Jacó. O significado principal da qualidade de ser judeu, então, é um nascimento judeu. Tradicionalmente, aquele que é nascido de mãe judia. O Judaísmo Messiânico decidiu concordar com a Reforma Judaica, que diz que aquele que descende tanto de pai ou mãe judia, é isso que faz alguém judeu, se alguém mantiver alguma conexão com a comunidade e prática judaicas. Esse tratamento, embora não seja oficialmente sancionado, parece ser quase universal em nosso meio, e está de acordo com os exemplos fornecidos pelas Escrituras.⁸⁶

Como a UMJC condena a ideia de raça, isso quer dizer que os exames de DNA não são aconselhados. Essa é uma prática usada por alguns membros e líderes messiânicos brasileiros, como é o caso de Marcelo Guimarães (Har Tzion), como vimos no capítulo II, que descreve as sinagogas messiânicas brasileiras.

As principais associações judaico-messiânicas como a MJAA e a UMJC têm pressupostos que pouco diferem entre si, mas notamos que a UMJC procura agir mais no sentido de promover o judaísmo messiânico e difundir sua crença pelo mundo, se autoproclamando porta-voz dos judeus messiânicos. Essa é a razão de encontrarmos sinagogas messiânicas filiadas a essa associação em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. A MJAA declara em seu estatuto, como vimos, que pretende promover uma união entre judeus e não judeus e convencer os judeus que Jesus é o messias enviado por Deus. Essa associação procura se aproximar mais das congregações cristãs, diferentemente da UMJC, que não declara esse objetivo em seu estatuto.

⁸⁶www.umjc.org, acesso em 12/07/2012

3.4 – As associações judaico-Messiânicas de menor porte: ⁸⁷

a) Chosen People Ministries⁸⁸

A associação foi fundada em 1894, por Leopold Cohn, em Nova York, EUA, onde até hoje está sua sede. Atualmente tem se concentrado na produção de material de divulgação do judaísmo messiânico, orientado principalmente na conversão de judeus ao judaísmo messiânico, condição *sine qua non* para o retorno do messias.

b) International Federation Messianic of Jews (IFMJ)⁸⁹

A IFMJ foi fundada em 1978, em Tampa, na Florida (EUA). A pessoa responsável pela associação é o Rabino Levi. Apesar de afirmarem ser a única associação messiânica que reúne judeus *sefaraditas*, mudaram recentemente seu nome para Federação Internacional de *sefaraditas*⁹⁰ e judeus *ashkenazitas*⁹¹.

A IFMJ mantém congregações na Argentina, Brasil, França, Israel, México, além dos Estados Unidos. Em seu *site*, afirmam ser independentes de qualquer organização cristã. Apesar de na página do *site* declararem ter representante no Brasil, em nossa pesquisa não conseguimos localizar nenhuma sinagoga filiada a essa entidade no país. Aliás, a maior dificuldade encontrada para obter maiores informações sobre essa organização se deu em função da reconstrução de sua página eletrônica, que ainda não está funcionando bem.

⁸⁷ Associações judaico-messiânicas de menor porte, no que se refere ao número de associados e influência no Brasil.

⁸⁸ www.chosenpeople.com, acesso em 13/07/2012

⁸⁹ www.ifmj.org, acesso 11/07/2012

⁹⁰ *Sefaraditas*- judeus provenientes da Península Ibérica.

⁹¹ *Ashquenazitas*- judeus provenientes da Europa Ocidental.

c) Messianic Bureau International (MBI)⁹²

A MBI foi fundada em 1994, por David Hargis, em Halifax, Nova Escócia, no Canadá. Atualmente seu líder é Avner Solomon. Não há registros de sinagogas messiânicas ligadas a MBI fora do Canadá.

Declaram como pilares fundamentais da sua fé: a preeminência do messias *Yeshua*, a permanência da *Torá* e que as promessas que Deus fez a Israel nas Escrituras serão cumpridas.

Apesar de se declararem uma organização pequena, a associação mantém uma *Yeshivá*, onde declaram que a ordenação ou licenciamento para se tornar o que eles denominam de ministro messiânico, é oferecido àqueles que atendem às qualificações. Esses ministros se tornam aptos a pregar, ensinar, realizar casamentos e funerais. Um rabino messiânico deve saber hebraico e conhecer a *Torá* com profundidade.

Para se tornar um aprendiz, o pretendente deve, segundo a MBI, ser seguidor de *Yeshua*, pelo menos há dois anos, e obter um certificado de estudos messiânicos por uma *Yeshivá* messiânica.

d) Word of Messiah Ministries⁹³

Fundada em 1996, em Charlotte, North Carolina (EUA), seu presidente é Sam Nadler. A Word of Messiah Ministries oferece formação para líderes messiânicos. Seu líder se utiliza de sua história pessoal para justificar sua fé. Na sua narrativa ele se diz um judeu que passou a crer em Jesus e se uniu, na cidade de São Francisco (EUA), e depois na cidade de Nova York (EUA), ao grupo denominado Jews for Jesus, em 1975. Nesse período relata ter concluído que “a evangelização de judeus não era suficiente, apenas um começo”. Assim fundou a WMM e afirma ter congregações na Alemanha, América do Sul (não diz em que país), Canadá, Israel, Rússia e Ucrânia. Em nossa pesquisa não conseguimos localizar nenhuma dessas congregações.

⁹²www.messianicbureau.org, acesso em 13/07/2012

⁹³<http://www.wordofmessiah.org>, acesso em 12/07/2012

e) Messianic Israel Alliance (MIA)⁹⁴

Fundada em 1999, na Florida, EUA, por Angus e Batya Wooten, está presente em vários estados norte-americanos, mas não tem filiais fora desse país.

f) Association Messianic Congregations (AMC)⁹⁵

Fundada em 2003, por Steve Shermet, em Nova Jersey (EUA), o líder da sinagoga messiânica Beth Sar Shalom, Tucson, Arizona (EUA), relata que “sentiu o chamado de Deus para fundar uma associação messiânica judaica”. Então foi elaborada uma lista com mais de 30 líderes messiânicos, que foram contatados e convidados a formar uma nova associação. Dentre esses convidados, 15 aceitaram participar dessa empreitada.

g) United messianic Jewish Alliance (UMJA)⁹⁶

Fundada em 2008, por Harold Workman, em Washington (EUA), mantém várias sinagogas messiânicas nos Estados Unidos. Fora desse país, apenas duas filiais foram encontradas, uma em Córdoba, na Argentina, e outra em Dalkeith, Escócia.

h) Southern Baptist Messianic Fellowship (SBMF)⁹⁷

Fundada em 2008, em Bessemer, Alabama (EUA), é a única congregação messiânica encontrada que se diz ligada a uma Igreja Cristã, no caso a Igreja Batista.

⁹⁴<http://www.messianicisrael.com>, acesso em 20/07/2012

⁹⁵<http://www.messianicassociation.org>, acesso 01/08/2012

⁹⁶www.umja.net, acesso em 02/08/2012

⁹⁷www.sbmessianic.net, acesso em 22/07/2012

Dentre seus objetivos, encontra-se: afirmar que *Yeshua* é o Messias; evangelizar a população judaica; incentivar a formação de congregações judaico-messiânicas; incentivar a Igreja Batista a manter uma parceria com sinagogas messiânicas a fim de evangelizar os judeus; seguir a fé Batista.

Como vimos ao longo dessas páginas, apesar do poder mais abrangente da UMJC e da MJAA, o panorama judaico-messiânico na América do Norte, fundamentalmente nos EUA, é repartido entre diversas associações que pretendem regulamentar o judaísmo messiânico. Isso nos dá importante pista sobre a divisão de poder que existe no judaísmo messiânico. Se não há uma entidade única que normatize a religião, a legitimação fica comprometida pelas diferenças de discurso e abordagens das diversas instituições representativas do judaísmo messiânico.

Apesar dessas diferenças, por vezes fundamentais, como é o caso da associação Southern Baptiste Messianic Fellowship, que se declara ligada a uma Igreja Cristã (Igreja Batista), enquanto todas outras sinagogas messiânicas pesquisadas declaram-se desvinculadas de qualquer entidade cristã, o discurso é muito semelhante entre elas, principalmente no que se refere à evangelização dos judeus. Essa conversão seria, em última instância, o papel fundamental do judaísmo messiânico, afinal sua teologia básica parte do princípio de que o Messias só voltará à Terra Santa no dia em que houver a sua aceitação universal (STERN, 1989). Nesse caso, como há coesão no discurso, o objetivo proselitista se torna muito claro na constituição da doutrina do judaísmo messiânico.

Abaixo segue quadro explicativo para melhor visualização das associações judaico-messiânicas:

Associação	Cidade/País	Ano de Fundação	Líder
Aliança Cristã Hebraica	Inglaterra	1866	
Chosen People Ministries	Nova York/EUA	1894	Leopold Cohn
MJAA	Springfield/EUA	1915	Paul Liberman
IFMJ	Tampa/EUA	1978	Rav. Levi
UMJC	Albuquerque/EUA	1979	Paul Liberman
MBI	Halifax/Canadá	1984	David Hargis
Word of Massiach	Charlote/EUA	1996	Sam Nadler
AMI	Saint Clous/EUA	1999	Angus e Batya Wooten
AMC	Nova Jersey/EUA	2003	Steve Shermet
SBMF	Alabama/EUA	2008	
UMJA	Washington/EUA	2009	Harold Workman
CCJM	Belo Horizonte/Brasil	2012	Marcelo Guimarães

No Brasil, o panorama é mais homogêneo, mostrando uma clara concentração de poder sob a influência da UMJC e da sua representação brasileira, a CCJM, que será analisada em seguida.

3.5- A associação judaico-messiânica brasileira: Conselho das Congregações judaico-messiânicas do Brasil- CCJM⁹⁸

Como fora mencionado, o Brasil tem seu primeiro representante institucionalizado na CCJM, fundada no ano de 2012 por Marcelo Guimarães, líder da Sinagoga Messiânica Har Tzion, de Belo Horizonte (MG).

Em entrevista com Guimarães, ele deixou claras as suas intenções de se estabelecer como líder do judaísmo messiânico no Brasil, através da fundação de CCJM e do museu da Inquisição. A segunda iniciativa do religioso foi colocada em prática em Belo Horizonte, em 2012, através de uma outra associação da qual Guimarães é líder, denominada ABRADJIN (Associação Brasileira dos Descendentes de Judeus da Inquisição). O museu pretende

⁹⁸www.ccjm.org.br, acesso em 20/07/2012

traçar um panorama iconográfico do período em que os novos cristãos, ou *bnei anussim*, foram perseguidos pelo tribunal da Inquisição no Brasil, no século XVI. Alguns objetos do acervo são: réplicas de instrumentos de tortura, réplicas de pinturas, como a de Goya (Tortura do Potro), alguns objetos judaicos, como *menorót*⁹⁹, lamparinas, *chanukiot*¹⁰⁰, etc. e vários painéis informativos sobre esse período da história brasileira¹⁰¹.

Através da criação de organismos e órgãos representativos, teto do judaísmo messiânico, o líder da sinagoga messiânica Har Tzion pretende em curto prazo alcançar o status de líder de, senão toda, grande parte da população judaico-messiânica brasileira. Ainda ligado diretamente a UMJC, Guimarães iniciou voos mais autônomos ao fundar, em 2004, uma editora (AMES-Associação Ministério Ensinando de Sião) e, em 2008, um curso de teologia judaico-messiânica, o CATES (Centro Avançado de Teologia Ensinando de Sião). A criação das instituições já mencionadas, o Museu da Inquisição e a CCJM, tem como objetivo outorgar uma autonomia maior ao judaísmo messiânico brasileiro em relação às associações messiânicas estabelecidas nos Estados Unidos. A observação participante na sinagoga messiânica Har Tzion, em julho de 2011, e uma leitura atenta das informações contidas nos *sítes* da *internet* permitiram verificar que essas instituições têm a marca da personalidade de seu empreendedor, criando o culto a uma personagem idealizada e impondo seu caráter pessoal a cada uma dessas instituições.

Em entrevista concedida, em julho de 2011, na sede da Har Tzion, Guimarães revelou sua trajetória ao relatar que tem sido ele o responsável pela fundação e organização de diversas sinagogas messiânicas pelo Brasil, segundo suas palavras:

⁹⁹ Plural de *menorá*.

¹⁰⁰ *chanukiá*- candelabro de nove braços aceso durante a celebração da festa de *chanucá*, evento que celebra o êxito dos judeus por vencerem o exército de Antioco, em 164 a.C., o que permitiu a libertação de Jerusalém.

¹⁰¹ www.museudainquisição.org.br, acesso em 07/11/2012.

Nós não temos rede. Eu fundo e emancipo, nós entendemos que pela bíblia, é um canal, ter filial é humano, não é bíblico. Deus se manifesta em soberania em qualquer lugar. Não temos o direito de controlar ninguém, eu não controlo, eu não dou regras. Me ensina a liturgia? Eu tenho a minha, você se quiser copiar...Por isso fiz meu "sidurzinho". As congregações começam o próprio "sidurzinho" assim para as crianças, que vai ajudando as comunidades a se estabelecer. Tem outras pequeninas nascendo, trabalhos caseiros, tem quem está conosco pela TV Sião, tem umas 10 comunidades, algumas em casa, em um local que não é uma sinagoga, um salão alugado, uma coisa assim e a gente dá acessoria, assim uma cobertura mais conceitual para que não se desvie, para que não vire uma seita.

As sinagogas messiânicas brasileiras filiadas a CJMM são: a Beit Tefilat Yeshua, no Rio de Janeiro (RJ), liderada pelo rosh Eduardo Steiner, a Beit Massiach, em São Paulo (SP), liderada pelo rosh Gilberto Branco, a Sar-El, em Curitiba (PR), liderada pelo rosh Jair do Amaral e Silva, Moreshet Yeshua, Salvador (BA), liderada pelo rosh Jaime C. S. Araújo, e Jose Edvaldo A Cerqueira e a Netiviah, em Vitória (ES), liderada por Sandra Oliveira.

É interessante notar que o rabino messiânico refere-se ao livro de orações judaico, o *Sidur*, no diminutivo: *sidurzinho*, nome apelativo, carinhoso, como se tratasse de um filho criado por ele. E de fato a AMES edita livros judaico-messiânicos, dentre eles o *Sidur*. No prefácio do livro há uma importante nota escrita por Guimarães:

O que vamos apresentar a seguir, sobre o modo de celebração do shabat, é uma sugestão de roteiro. Em hipótese alguma é uma obrigação ou imposição. Somos livres no Messias, e queremos usufruir desta liberdade.

Essa nota, escrita por Marcelo Guimarães na introdução do *Sidur* Judaico- Messiânico, aponta para como o rabino messiânico pretende regular a religião: ele indica, mostra o caminho que os fiéis devem seguir. Apesar de haver no seu conteúdo um pretenso consentimento à liberdade de ação, na realidade há de fato uma regra a ser seguida, como se vê na continuação da nota, que segue:

O apóstolo Paulo recomenda-nos seguir as boas tradições (II Tes. 2:15). Estes salmos são lidos e cantados há milênios pelo povo judeu

no dia de Shabat. Nossa reconexão com Israel espiritual de D-us capacita-nos a louvá-lo, usufruindo da graça da Torá.

Nota-se, no trecho acima, que, ao seguir a celebração do *shabat* como está descrito no *Sidur* messiânico, o fiel não só está corroborando as palavras do apóstolo Paulo como apressando o retorno do Messias, ao se reconectar ao que Guimarães denomina de “Israel espiritual”. Isso é, em última instância, a maior expectativa do judaísmo messiânico. Assim fica óbvio que não há uma liberdade de ação, pelo contrário, o fiel é instado a seguir à risca as recomendações litúrgicas.

Abaixo segue a foto do sidur judaico-messiânico publicado pela sinagoga messiânica Har Tzion:



A CCJM, aliada ao Museu da Inquisição, a ABRAJDIN, a AMES, além do CATES, que oferece cursos de teologia judaico-messiânica presenciais e a distância, são instituições dirigidas pessoalmente por Guimarães e seus familiares, incluindo sua esposa (que ministra aulas no curso do CATES) e seu filho, considerado braço direito pelo rabino messiânico. A exemplo de muitas

igrejas neopentecostais, por exemplo, a Renascer em Cristo¹⁰², uma das mais conhecidas do Brasil, são dirigidas por pessoas da mesma família, mostrando o caráter familiar desses empreendimentos.

É interessante notar um aviso na página do *site* da CCJM, no que se refere à sua filiação. Como segue abaixo:

OBservação IMPORTANTE: o Ministério Ensinando de Sião (Brasil) e todas as instituições internacionais que lhe dão o devido reconhecimento e legalidade não têm nenhum tipo de conexão ou contatos com o movimento Jews for Jesus (Judeus para Jesus).

Jews for Jesus é o nome de uma organização americana, fundada por Martin Rosen, em 1973, que era um pastor da Igreja Batista. Seu principal objetivo é a busca da conversão de membros da comunidade judaica para aceitação de Jesus como Messias enviado por Deus

O temor que têm os judeus messiânicos de serem confundidos com o movimento Jews for Jesus, como mostra o trecho acima, refere-se à origem desse movimento norte-americano, oriundo de uma igreja cristã, no caso a Igreja Batista. Se os judeus messiânicos se identificam como legítimos judeus e não como cristãos, a ideia de que sua gênese partiria de alguma igreja cristã teria como terrível consequência a provável perda de sua legitimidade enquanto parte do povo judeu.

Na época em que foi realizada a entrevista (julho de 2011) com o rabino Messiânico Marcelo Guimarães, o religioso afirmou já estar com o estatuto da CCJM pronto, e em 18 de fevereiro de 2012, foi fundada a associação CCJM.

O CCJM tem como conselho-diretor os seguintes líderes: rabino Joseph Baruch Shulan (Israel, fundador do Netiviah Bible Instruction Ministry), Dr. David Stern (Israel, escritor de livros judaico-messiânicos), rabino Daniel Juster (Israel, cofundador da Union os Messianic Jewish Congregations), rabino Russ

¹⁰² “Tudo começou na sala da casa do apóstolo Estevam Hernandes e da bispa Sonia Hernandes, onde iniciaram as primeiras reuniões com a família e alguns poucos amigos, em março de 1986. O jovem casal, que prosperava na vida profissional, não tinha naquele momento intenção de formar uma igreja”.<http://www.renascercristo.com.br/>, acesso em 06/12/2012.

Resnik (EUA, secretário geral da Union os Messianic Jewish Congregation-UMJC), rabino Jonathan Bernis (ex- presidente da MJAA). A diretoria é composta por: Marcelo Guimarães (fundador e presidente da Har Tzion- Belo Horizonte), *rosh* Eduardo Stein Maroniene, secretário (fundador e presidente da Beit Tefilá, no Rio de Janeiro), *rosh* Gilberto Branco, tesoureiro (fundador e presidente da Beit Massiach- São Paulo), além dos suplentes: *rosh* Matheus Zandona Guimarães (vice-presidente do Ministério Ensinando de Sião e da Congregação Har Tzion), Ludwig A. Goulart (vice-presidente da Beit Tefilah Yeshua) e *rosh* Jair do Amaral e Silva (fundador e presidente da Congregação Sar-El, em Curitiba).

Na carta de apresentação da nova associação se encontra o seguinte texto:

“Nosso objetivo não é dividir nem excluir, mas fortificar o movimento judaico-messiânico no Brasil. A idoneidade daqueles que exercem a função de rabinos ou a de líderes messiânicos, seu embasamento doutrinário nas Escrituras bem como as filiações que lhes dão o devido reconhecimento e legalidade, são aspectos importantíssimos para qualquer movimento judaico-messiânico ao redor do mundo. Por isso uma organização como o CCJM é de extrema importância. A criação do CCJM é a concretização de um antigo sonho, e há anos eu e meus colegas oramos e planejamos este conselho. Temos certeza que este é um grande passo não só para nós do movimento judaico-messiânico no Brasil, mas também para Israel”, afirmou o presidente do CCJM, rabino messiânico Marcelo Miranda Guimarães.

A criação das associações e instituições brasileiras por Marcelo Guimarães e seus seguidores se torna emblemática na constituição do poder pretendido para legitimar suas práticas. Recorrendo à teoria de Berger, em sua obra O Dossel Sagrado (BERGER, 1985), a constituição da legitimação ocorre em três níveis:

Nível pré-teórico: nessa fase a legitimação assume a forma de sabedoria tradicional. Com isso percebemos a importância que as associações judaico-messiânicas dão à repetição dos rituais e fórmulas seguidos pelo judaísmo tradicional, repetindo, por exemplo, frases em língua ídiche que, em teoria, não

fariam o menor sentido para as pessoas que frequentam as sinagogas messiânicas.

Nível teórico: nessa fase são explicados e justificados setores específicos do saber. Assim é possível explicar dentro da lógica doutrinária judaico-messiânica o porquê de manter ou abandonar determinados rituais.

Nível altamente teórico: as legitimações são integradas em uma visão que abrange todas as explicações do universo. Esse é o papel que as associações judaico-messiânicas procuram alcançar e, assim, adquirir a prerrogativa de normatizar a religião.

No nível altamente teórico, a ação normatizadora da religião judaísmo messiânico se torna paradoxal. Se os judeus messiânicos consideram-se completamente judeus, e não outra religião, no final das contas quem assume o terceiro nível aqui descrito são as instituições judaicas tradicionais, que rejeitam o judaísmo messiânico como parte de sua comunidade, colocando as instituições judaicas messiânicas em um dilema: ou se declarar como uma nova religião para que assim possam adquirir total poder normatizador da religião ou se afundar em paradoxos sem respostas, permanecendo eternamente no primeiro nível de Berger, o pré-teórico, enfraquecendo assim seu discurso de autolegitimação

Para finalizar a análise dos mecanismos legitimadores do poder é importante ao menos fazer uma pequena análise dos cursos e escolas judaico-messiânicos no Brasil.

3.6- Cursos e escolas judaico-messiânicas no Brasil

Além das associações judaico-messiânicas, no Brasil como em outros países, existem também escolas e institutos de educação para formar líderes messiânicos. A Har Tzion, em Belo Horizonte, conta com uma escola

denominada CATES (Centro Avançado de Teologia Ensinando de Sião), criada em 2008. Ali são oferecidos cursos sobre teologia judaico-messiânica, ministrados por professores da congregação, inclusive pelo próprio Marcelo Guimarães e seu filho, Matheus Zandona Guimarães. Os cursos são considerados livres, como mostra o aviso veiculado pela escola transcrito abaixo:

O CATES oferece cursos ditos "livres", com embasamento legal para seu funcionamento, conforme o Decreto-Lei N.º 1051/69 que autoriza a validação dos estudos "aos portadores de diploma de cursos realizados em Seminários Maiores, Faculdades Teológicas ou instituições equivalentes de qualquer confissão religiosa"(Art. 1º). "Como o ensino militar o ensino religioso foge as limitações dos sistemas vigentes" (Par. 286/81). Tais cursos são ditos "livres", não necessitando de prévia autorização para funcionamento nem de posterior reconhecimento do Conselho de Educação Competente. A jurisprudência do Conselho Federal de Educação tem sido no sentido de declarar-lhes a equivalência, de acordo com regras amplas e flexíveis, que se depreende da leitura da Lei de 1821/53, do Decreto 34.330/53, dos pareceres do CFE, nº 279-64 (doc. 31,p.69) e n.º 884/65 (doc.92, p. 60) e n.º 3174/77 (Doc. 204, p.17) entre outros¹⁰³

Segundo a sua diretoria, o curso da Cates é vinculado ao MJBI, Messianic Jewish Bible Institute, instituto fundado, curiosamente, em São Petersburgo, Rússia, em 1994, que oferece treinamento e estrutura às escolas judaico-messiânicas no Brasil, Estados Unidos, Israel, Rússia, Etiópia, Ucrânia, Argentina, México, Hungria e Coreia do Sul. No *site* dessa instituição não constam os endereços nas localidades que eles dizem manter sedes. Em Israel, foi identificado o endereço da sede do MJBI na Sinagoga Messiânica Netiviah, em Jerusalém, que, como foi visto no capítulo anterior, na rua e número indicado há um prédio (que é o mesmo que aparece no *site*), mas não há nenhuma placa indicativa sobre as atividades que ali são realizadas.

Para se matricular no curso oferecido pelo CATES, em Belo Horizonte, são necessárias as seguintes condições: possuir internet de banda larga, possuir computador com recursos multimídia de vídeo e áudio, comprovar que tem o ensino médio completo em instituição reconhecida pelo MEC, efetuar o pagamento de 15 mensalidades de R\$ 120,00.

¹⁰³<http://www.cates.com.br/moodle/mod/page/view.php?id=394>, acesso em 12/07/2012.

O curso é composto por 30 disciplinas de 6 horas/aula cada, totalizando 180 horas/aula. O aproveitamento mínimo é de 60 pontos em cada disciplina e de 70% na média global.

As disciplinas oferecidas são:

- a) Restaurando as raízes da fé cristã; Introdução a *Torá*, Jesus, Paulo e a *Torá*; Leitura Judaica de Romanos; As Festas Bíblicas, A *Torá* (III): Levítico (*Vaykrá*); O Retorno dos Judeus *Sefaraditas*, Gestão e Liderança Bíblica, disciplinas ministradas por Marcelo Guimarães.
- b) A verdadeira Identidade Cristã; A *Torá* (I): Gênesis (*Bereshit*); Raízes Judaicas dos evangelhos (I); Mateus e Marcos; Raízes Judaicas de Atos dos Apóstolos; O Chamado Irrevogável; A *Torá* (II): Êxodo (*Shemot*); A História de Israel, Teologia dos Profetas de Israel; A *Torá* (IV): Números (*Bemidbar*); A *Torá* (V): Deuteronômio (*Devarim*), disciplinas ministradas pelo professor Matheus Z. Guimarães.
- c) Leitura Judaica de Hebreus, Israel a Igreja e Escatologia, disciplinas ministradas pela professora Rosângela Z. Guimarães.
- d) Jesus, O Messias Judeu; *Midrash*: Hermenêutica Judaica; Leitura Judaica de Gálatas; Doutrinas Bíblicas, Leitura Judaica de Tiago, disciplinas ministradas pelo professor Joseph Shulan.
- e) Liderança Relacional (I e II), disciplinas ministradas pelo professor Daniel Juster.
- f) Adoração em Israel, disciplina ministrada pelo professor Willsterman Sottani.
- g) História da Igreja, disciplina ministrada pelo professor David Yong.

Em uma breve análise, percebemos que a maior parte das disciplinas oferecidas pelo curso é ministrada pela família Guimarães, reforçando o seu poder dentro da sua instituição. O outro professor com um grande acúmulo de disciplinas é Joseph Shulan, que, como vimos no capítulo anterior, tem uma relação próxima a Marcelo Guimarães.

Outro aspecto que vale ser mencionado são as disciplinas de *Torá*, em que os nomes dos livros são escritos tanto em português como em hebraico,

em uma clara tentativa de dar credibilidade ao professor que irá ministrar essas matérias e legitimar o curso como judaico.

No Brasil há também um curso a distância de Teologia judaico-messiânica, oferecido por Faculdades Shema Educacional, desde 2007, sediada em Curitiba (PR) ¹⁰⁴. Para se inscrever no curso é necessário certificado de conclusão do Ensino Médio, Testemunho de Vida (Conversão), que dizem não ser obrigatório, além do pagamento de uma taxa de R\$ 50,00 e a mensalidade de R\$ 160,00, as apostilas são cobradas à parte¹⁰⁵.

Os objetivos dos cursos são descritos como:

- a) Graduar líderes que desejem servir a um ministério;
- b) Contribuir para fé em *Yeshua*;
- c) Conhecer e entender a *Torá*, *Tanach* e a *Brit Hadashah* em seu contexto original. Esse item é curioso, pois na grade dos cursos oferecidos não há línguas como hebraico bíblico, aramaico ou grego, apenas no curso avançado são oferecidas noções básicas de “hebraico Pastoral” e noções básicas de Fenício (sic).

Além desses objetivos principais, o curso ainda justifica quais as vantagens de se escolher os cursos ministrados por eles, como por exemplo:

- a) Receber uma educação de qualidade através da sabedoria judaico-messiânica;
- b) Preparar-se profissionalmente para o ministério;
- c) Ter reconhecido e certificado seu ministério messiânico;
- d) Obter licenciatura messiânica nos graus básico, avançado, bacharelado, pós-graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

¹⁰⁴<http://200.175.3.57/shemaeducacional/> acesso em 12/08/2012.

¹⁰⁵Esses valores foram oferecidos por conversa telefônica em outubro de 2012.

As disciplinas oferecidas no curso básico são: Bibliologia – A Origem das Escrituras, Costumes Judaicos e Costumes Bíblicos, Hermenêutica e Exegese – A arte da compreensão das Escrituras, História de Israel, Metodologia de Pesquisa Científica, A Doutrina de D-us, Panorama e Teologia da *Brit Hadashá*, Evangelismo e Discipulado, Panorama e Teologia da *Tanach*, Homilética – A Arte da Pregação, Aconselhamento Pastoral e Ministerial, Epístolas Paulinas (Romanos a Tessalonicenses), Escatologia – O descortinar do fim, Análise de Atos, Messianismo – Nos passos de *Yeshua*, Louvor e Adoração, Livros Poéticos, Pneumatologia - A Doutrina de *Ruach Há Codesh*, História da Reforma e seus idealizadores, História da *Kehilat* (Igreja).

No bacharelado, além das disciplinas do básico, outras tantas são oferecidas como: A *Torá*, *Haftará*¹⁰⁶, Festas Bíblicas, Administração eclesiástica, Outros credos religiosos, Missões Urbanas, Rurais e Transculturais, Introdução à vida de oração e intercessão, Epístolas Pastorais, Sexualidade Humana/judaica (visão bíblica), Soteriologia e Harmatologia, Cura interior, Livros Proféticos, Batalha espiritual, Apologética, Eclesiologia, Arqueologia e Geografia Bíblica, Introdução ao judaísmo e suas ramificações, Introdução ao Judaísmo Messiânico e suas diferenças, Restauração das raízes bíblicas.

O curso avançado complementa a carga de disciplinas com: Bases da nossa fé, Bioética, Livros Apócrifos, ética Messiânica, A Vida do Servo de D'us, Ética Pastoral e Ministerial, correntes psicológicas e seus formadores, Antropologia Teológica e a Doutrina do Homem, Introdução a Dogmática, Ética Social e Pessoal, História da Filosofia, Pentecostalismo (diferentes correntes do Protestantismo), Educação em *Yeshua*, Angeologia e Demonologia, Satanologia (a Doutrina de Satã), Ortodoxia e Ritualística Judaica Messiânica, Noções Básicas da Língua Antiga (Fenício) e Noções Básicas do hebraico pastoral.

Percebemos que há uma clara tentativa de mostrar a complexidade do curso pela enorme quantidade de disciplinas oferecidas. Além disso,

¹⁰⁶ *Haftará*- conclusão, leitura do livro dos Profetas, realizada na sinagoga no sábado pela manhã.

observamos a existência de disciplinas que não constituem comumente a educação teológica neopentecostal nem o judaísmo tradicional, seja através de suas correntes ortodoxas ou liberais. Entre elas estão: Soteriologia e Harmatiologia, que significam, respectivamente, Doutrina da Salvação e Doutrina do Pecado.

Outra observação de grande importância é a quantidade de disciplinas oferecidas que têm como base não o judaísmo, mas sim o Pentecostalismo, mostrando uma aproximação dessas correntes religiosas e, portanto, um afastamento do judaísmo. Essas disciplinas são: Evangelismo e Discipulado, A Arte da Pregação, Aconselhamento Pastoral e Ministerial, História da Reforma e seus idealizadores, Administração eclesiástica, Missões Urbanas, Rurais e Transculturais, Cura interior, Batalha espiritual, A Vida do Servo de D'us, Ética Pastoral e Ministerial, correntes psicológicas e seus formadores, Pentecostalismo (diferentes correntes do Protestantismo), Educação em *Yeshua*, Angeologia e Demonologia, Satanologia (a Doutrina de Satã).

Diferentemente dos cursos oferecidos pela Cates, que se dizem livres, ou seja, se desvinculam da obrigatoriedade de registro no MEC, a Faculdade Shema Israel promete títulos acadêmicos reconhecidos. A faculdade em seu *site* anuncia cursos básico, avançado, bacharelado, licenciatura, pós-graduação, mestrado e doutorado nas áreas de Teologia judaico-messiânica. Segundo informações dadas pela Faculdade, os cursos oferecidos estão em processo de reconhecimento pelo MEC, mas uma consulta no *site* do Ministério da Educação, não nos forneceu nenhuma instituição reconhecida com o nome Shema Israel.

Não foi encontrada a entidade messiânica à qual a Faculdade Shema Israel está vinculada. Em seu *site* percebe-se um discurso independente e nenhuma sinagoga ou associação messiânica é citada.

Como pudemos ver neste capítulo, há uma clara tentativa de legitimação do poder pelas instituições judaico-messiânicas através de suas associações, cursos e escolas. Retomando Bourdieu, podemos afirmar que a batalha por essa legitimação se trava em um campo que pode ser compreendido como um

espaço estruturado de posições, em que os agentes envolvidos buscam recompensas (BARROS, 2003:120). Aqueles que disputam essas recompensas não possuem os mesmos recursos ou competências e procuram empregar estratégias para se manter no poder. Isso justifica, em parte, a grande divisão de poder do judaísmo messiânico nos Estados Unidos, através das inúmeras associações judaico-messiânicas identificadas por essa pesquisa. Mas, como foi verificado, há no Brasil uma tentativa de reunir as várias sinagogas messiânicas de pequeno porte, que ficariam sob a tutela da CCJM, dando maior poder a essa associação. Para isso o seu maior representante, Marcelo Guimarães, tem se esforçado no sentido de cooptar essas pequenas lideranças, oferecendo a elas, através de sua bem organizada estrutura, maior visibilidade e a possibilidade de atrair novos congregados.

A estruturação de sinagogas messiânicas norte-americanas foi adaptada à realidade brasileira. Assim, apesar de haver ainda um grande número de pequenas sinagogas messiânicas identificadas sem nenhuma filiação, como foi analisado, se observa um movimento de concentração de poder, através da fundação da CJMM e todas as instituições que são administradas por Marcelo Guimarães. Este, por sua vez, aparentemente pretende concentrar todo esse poder em suas mãos, usando, como dito acima, todos os recursos e competências das quais ele pode lançar mão.

No campo das associações messiânicas há um conjunto de interesses compartilhados que consegue garantir sua existência e funcionamento. Se há discordância em algumas questões, há também acordos implícitos ou explícitos. Para Bourdieu, todo poder simbólico é um poder capaz de se impor como legítimo, e só se exerce se for reconhecido. Consequentemente, para ser reconhecido, portanto, torna-se necessária a legitimação através das associações legalmente constituídas.

Capítulo IV- Rituais e símbolos judaico-messiânicos: uma questão de identidade

4.1- Os Rituais

É difícil para os judeus messiânicos definirem suas fronteiras identitárias, pois as congregações messiânicas são demarcadas socialmente e não territorialmente ou etnicamente. Para examinar essas fronteiras, devemos analisar as interações dentro do grupo, bem como aquelas que ocorrem entre membros e não membros e, especialmente, com a comunidade judaica oficial. Essas interações servem como medidas de pertencimento e, ao mesmo tempo, de exclusão (BARTH, 1997), pois a comunidade é o resultado de um processo interativo entre seus membros e outros grupos considerados significativos e toda a sociedade.

No caso dos judeus messiânicos, a análise dos dados colhidos ao longo da pesquisa permite esboçar a hipótese de que o seu discurso e outras estratégias estão destinados ao judaísmo tradicional e às Igrejas cristãs, sejam elas de denominação católica ou evangélica. Assim, o objetivo dos judeus messiânicos seria duplo: por um lado, separar-se desses grupos, por outro, legitimar-se como uma religião distinta no campo religioso brasileiro de bens religiosos. Dessa forma fica o seguinte questionamento: como constroem suas fronteiras socioculturais? Como separam (ou juntam) o judaísmo e o cristianismo? Levando em consideração a abordagem de Bourdieu, poderíamos investigar essa questão a partir das estratégias utilizadas pelos judeus messiânicos para delimitarem um campo religioso distinto dos outros e, ao mesmo tempo, legítimo.

Observamos que as congregações judaico-messiânicas se esforçam para construir uma identidade. Esse trabalho envolve uma constante negociação entre as culturas judaica e cristã e, portanto, resulta em ambiguidades. Aparentemente ao tentar destruir os muros que os separam dos dois grupos envolvidos nesse processo, judaísmo e cristianismo, o efeito é o contrário do esperado, pois os judeus messiânicos acabam por erguer fortes e

novas muralhas entre eles e os grupos envolvidos nessa negociação. Como resultado, os judeus messiânicos produzem um novo identificador étnico, religioso e novos conjuntos de normas que se traduzem em rituais e símbolos usados em seus cultos. Mais precisamente, como veremos, são esses rituais e esses símbolos que delimitam as fronteiras do judaísmo messiânico.

Como os frequentadores das congregações messiânicas provêm de diversas pertenças religiosas, como por exemplo, cristãos católicos, evangélicos tradicionais, pentecostais e neopentecostais, assim como judeus tradicionais, ainda que nesse caso em número muito pequeno, há uma constante negociação entre o individual e o comunitário, resultando em rituais híbridos, que misturam elementos de diversas origens.

Segundo Feher (1998) a criação de uma etnia judaica, através desses movimentos de negociação, cria o que a autora chama de etnia simbólica do judaísmo messiânico, que oferece aos fiéis um sentido poderoso de pertencimento. Entre os frequentadores das sinagogas messiânicas de origem judaica, ou seja, indivíduos que nasceram dentro de uma família judia, é muito comum, como foi observado nas diversas visitas e conversas informais, a declaração de que, ao se tornarem messiânicos, eles se sentem retornando ao judaísmo. Nas palavras de um fiel da sinagoga Beit Tefilá Yeshua, do Rio de Janeiro: “me sinto mais judeu do que nunca”.

Como foi citado no segundo capítulo deste trabalho, os judeus messiânicos, declarados descendentes de judeus que se tornaram cristãos à força, no período da colonização brasileira, os chamados *bonei anussim*, sentem-se como se estivessem retornando à verdadeira fé. Muitos vasculham seu passado, procurando antepassados judeus a fim de legitimar não só sua posição hierárquica dentro da sua congregação, mas também como justificação de sua fé, sentindo-se parte do que eles consideram o povo escolhido. Dentro dessa perspectiva, como afirma Bourdieu (BOURDIEU, 1980), essa procura de uma posição dentro do campo se entrelaça em uma rede que irá definir as posições de seus ocupantes, ou pela posição que esse agente ocupa, no momento ou futuramente, mediante um processo de legitimação na estrutura.

No caso dos judeus messiânicos, as sinagogas messiânicas ou as instituições reguladoras do judaísmo messiânico são instâncias que distribuem o poder e proporcionam a esse indivíduo (ou instituição) prestígio e status, além de lucros específicos. Assim é importante salientar que os judeus messiânicos das mais diferentes origens enfatizam sua origem judaica, criando uma hierarquia que coloca os judeus étnicos no topo. Já os fiéis gentios declararam, nas mais diversas ocasiões, que sentem ser o judaísmo uma religião mais autêntica que as várias denominações cristãs; os judeus messiânicos procuram em textos antigos e na justificativa histórica uma aproximação com o judaísmo.

Durante a pesquisa, a observação participante e as leituras das informações veiculadas pelas diferentes sinagogas messiânicas permitiu-nos observar que, embora a teologia messiânica, segundo Stern (1989), pregue que judeus permaneçam judeus e gentios permaneçam gentios, a distinção mencionada pelo autor não é tão clara, existindo uma justaposição de identidades judaico-cristãs, a exemplo dos *bnei anussim*, dos membros de origem judaica e de outros membros e frequentadores.

A luta pela apropriação de um espaço de prestígio, nas sinagogas messiânicas, utiliza um universo simbólico em que aqueles que se consideram, ou são considerados pelo grupo, judeus ou descendentes diretos de judeus alcançam uma posição mais alta dentro da sua congregação. Segundo a teoria de campo de Bourdieu (BORDIEU, 1980), o jogo de interesses dentro de um campo, neste caso, dentro das sinagogas messiânicas, é compartilhado por interesses que garantem o seu funcionamento e até mesmo sua existência, porém não é um jogo em que não haja disputas e acordos entre os membros. Assim, existe uma tendência para dificultar ou mesmo impedir a ação de agentes externos, no que se refere à normatização das regras dentro das instituições judaico-messiânicas; dentre esses agentes externos estão os próprios judeus tradicionais. Os agentes criam suas próprias regras através de disputas internas no campo e repudiam as interferências externas em seus processos legitimadores da religião.

Lembrando Hobsbawn, verificamos que o judaísmo messiânico se reinventa a partir de diferentes mecanismos e estratégias. Porque se é impossível verificar a sua suposta origem neotestamentária, a partir dos pontos de vista histórico e arqueológico, é necessário um mito fundamental do grupo. Nesse caso observamos diversos mitos fundacionais que se caracterizam por colocar o Antigo Israel, e não o judaísmo rabínico, como o lugar, o espaço, no qual tudo começou.

Para Hobsbawn, aquelas tradições que são consideradas muito antigas ou históricas, na realidade, podem muito bem ter sido inventadas. Isso é feito com a intenção de legitimar suas práticas e de ativarem o sentido de pertencimento a um grupo ou a uma etnia (HOBSBAWN, 1983).

4.1-1- A celebração do Shabat

A celebração do *shabat* é um exemplo emblemático dessa flexibilidade na construção do ritual. Nas diversas sinagogas messiânicas visitadas durante o processo de elaboração desta pesquisa, observamos que cada rabino messiânico faz os rituais, de uma maneira geral, muito semelhantes, mas com algumas diferenças que indicam uma certa liberdade das lideranças religiosas para criar os rituais mais importantes de suas sinagogas. Isso se deve, entre outros, à falta de uma liderança última no judaísmo messiânico, como a que existe na Igreja Católica ou em algumas denominações neopentecostais.

Na sinagoga messiânica Beit Sar Shalom, localizada no bairro de Higienópolis, em São Paulo, a celebração do *shabat* não é rigorosa quanto ao horário (diferentemente das sinagogas ortodoxas, que seguem com absoluto rigor o horário em que se inicia o serviço religioso do *shabat*). Nessa sinagoga messiânica, o serviço religioso inicia-se entre 20:00 horas e 20:30 horas. Essa flexibilidade no horário também foi notada nas outras sinagogas messiânicas visitadas.

A cerimônia inicia-se com orações em hebraico lidas no *sidur*. No caso da Har Tzion e das sinagogas messiânicas que estão sob a tutela da CCJM, o *sidur* foi produzido pela editora da associação. No caso da Beit Sar Shalom, o livro de orações é o usado pelas sinagogas tradicionais, porém algumas orações foram alteradas, simplesmente com um papel colado por cima da oração original. Percebe-se não haver nenhum esforço para esconder a mudança.

Temos como exemplo dessas mudanças, o *Kadish*¹⁰⁷ que passa a ter novo título, *Kadish* Messiânico. A transcrição dessa oração modificada segue abaixo:

Kadish Messiânico:

*“Exaltado e santificado seja o seu grande Nome (AMEM), no mundo que Ele criou por Sua vontade. Já brotou a salvação, e aproximará a **volta do Messias** e estabelecerá seu reino milenar (AMEM), no decurso da vossa vida, nos vossos dias e no decurso da vida toda. Casa de Israel, prontamente e em tempo próximo; e dizei AMEM. Seja o seu grande Nome bendito eternamente e para todo sempre; seja bendito, louvado, glorificado, exaltado, engrandecido, honrado, elevado excelentemente adorado o Nome do Sagrado, bendito seja Ele (AMEM), acima de todas as bênçãos, hinos, louvores e consolações que possam ser proferidos no mundo; e dizei AMEM. Que haja uma paz abundante emanado do céu, e vida boa para nós e para todo povo de Israel; e dizei AMEM. Aquele que firma a paz nas alturas com Sua Misericórdia, conceda sobre nós e sobre todo povo de Israel e dizei AMEM.”*

O *Kadish* tradicional não cita o messias, ao contrário do *Kadish* messiânico, como foi por nós assinalado em negrito. Um outro exemplo das modificações introduzidas no livro de orações é a tradicional canção do *shabat* *Lechá Dodi*, que é cantada pelos judeus messiânicos da seguinte maneira:

¹⁰⁷ *Kadish*- oração recitada para marcar o fim da liturgia.

Lechá Dodi Im Hacialá Pene Mashiach Nifgoshá (Vem amado junto com a noiva encontrarmos o Messias)¹⁰⁸.

Na Har Tzion, assim como na Beit Massiach, diferentemente do que ocorre na Beit Sar Shalom, mulheres e homens se sentam juntos, mas é comum o capricho com as roupas usadas pelos homens, pelas mulheres e também pelas crianças. As mulheres usam saias compridas e blusas discretas, sem decotes e de mangas normalmente compridas; os homens se vestem com calças pretas e camisas brancas, às vezes usam ternos; já as crianças, em particular as meninas usam vestidos de festa, e os meninos reproduzem as roupas dos pais, com calças pretas e camisas brancas. Todos os homens, inclusive os meninos, usam *kipot* e alguns homens usam o *talit*.

Outro instrumento em comum nas sinagogas messiânicas é o uso do recurso visual dos *slides* mostrados por um projetor digital, com as orações e canções entoadas durante toda a cerimônia. Essas letras são grafadas em hebraico, transliteradas para caracteres latinos e traduzidas para o português.

Nas sinagogas messiânicas Beit Massiach e na sinagoga messiânica Har Tzion são apresentadas músicas tradicionais em hebraico ao vivo, e no caso da Har Tzion, aos sábados, um grupo de danças folclóricas judaicas costuma se apresentar no palco da sinagoga messiânica. As moças e rapazes que compõem esse grupo pertencem à própria congregação e para a apresentação se vestem com roupas típicas do folclore israelense. Nas sinagogas ortodoxas não existem apresentações de danças folclóricas, pois esse tipo de manifestação cultural é vista como secular e não possui aspectos religiosos.

Outro aspecto comum observado no ritual do *shabat* nas sinagogas messiânicas é a estrutura do ritual, bem diferente das sinagogas

¹⁰⁸ No original: *Lechá Dodi Licrat cala Penê shabat Necabelá*: Venha meu amado ao encontro da noiva, vamos dar boas vindas ao *Shabat*.

tradicionais/ortodoxas. A *parashá*¹⁰⁹ do dia (que é a mesma das sinagogas tradicionais), além de ser seguida pela *haftará*¹¹⁰ (como nas sinagogas tradicionais), é complementada por uma porção do *Brit Hadashá*, Escrituras Cristãs, que são lidas na tentativa de confirmação da *haftará* do dia. Por exemplo se: a *parashá* da semana é *Haazinu (Deem ouvidos)*, Deuteronômio 32:1-52, a *haftará II Samuel 22:1-51*, e a *haftará* do *Brit Hadashá* é Romanos 10:17; 11:12; 12:19; 15:9-10, respectivamente. O uso da leitura de trechos das Escrituras Cristãs tem o poder de reforçar a identidade judaico-messiânica, separando-a do judaísmo tradicional.

Fazendo uma pequena análise dessa sequência:

Assim, Deuteronômio traz uma canção que Moisés recitou em louvor a Deus: 1:4:

“Escutem, ó céus, e eu falarei; ouça, ó terra, as palavras da minha boca. Que meu ensino caia como chuva e as minhas palavras desçam como orvalho, como chuva branda sobre o pasto novo, como garoa sobre tenras plantas. Proclamarei o nome do Senhor. Louvem a grandeza do nosso Deus! Ele é a rocha, as suas obras são perfeitas, e todos os seus caminhos são justos. É Deus fiel, que não comete erros; justo e reto ele é”.

Em II Samuel 22: 1-4, foi encontrado o seguinte:

“Davi cantou ao Senhor este cântico, quando ele o livrou das mãos de todos os seus inimigos e das mãos de sal dizendo: O Senhor é minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador; o meu Deus é a minha rocha, em que me refugio; o meu escudo e o meu poderoso salvador. Ele é a minha torre alta, o meu abrigo seguro. Tu Senhor, és o meu salvador e me salvas dos violentos. Clamo ao Senhor, que é digno de louvor e sou salvo dos meus inimigos”.

O trecho acrescentado de Romanos 10:17, afirma: “Consequentemente, a fé vem por se ouvir à mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo”.

¹⁰⁹ *Parashá*- Seção- diz-se das passagens da bíblia que tratam de um tema específico.

¹¹⁰ *Haftará*- conclusão- leitura do livro dos Profetas, que segue à do *sefer Torá*, no *shabat*, festas e dias de jejum. A *haftará* hoje em dia é fixada pelo costume comunitário, e reflete em geral um dos temas abordados na leitura da *Torá*, ou é associada a algum caráter especial daquele dia.

É possível observar, na comparação dessas três passagens bíblicas, que a primeira (Deuteronômio) e a segunda (II Samuel) têm praticamente o mesmo teor; já a terceira passagem, em Romanos, é taxativa ao afirmar que a fé só se consolidará na crença em Jesus. Daí a enorme importância que os judeus messiânicos atribuem à *haftará* das Escrituras Cristãs, pois para eles essas escrituras têm o poder de corroborar sua doutrina específica. Em outras palavras, o ritual da *haftará* é um componente fundamental na criação de uma doutrina própria que, por sua vez, outorga uma identidade específica ao judaísmo messiânico.

Também é comum o pedido de doações após o culto e as orações feitas pela cura dos doentes. O ato de recolhimento de ofertas não é realizado em sinagogas tradicionais, sendo mais comum ver esse tipo de ação em igrejas evangélicas. Devemos observar que nas sinagogas, tanto tradicionais como nas ortodoxas, não se pode mexer com dinheiro durante o *shabat*.

Outro fator importante observado durante o serviço religioso do *shabat* é uma linguagem que se aproxima da evangélica e se afasta da judaica. Assim, fala-se de louvar e de aceitar a Deus no coração dos fiéis; as interjeições como "aleluia" são proferidas a todo o momento, tanto pela congregação como pelo rabino messiânico ou pelo *rosh* que estiver comandando a cerimônia; outras expressões muito usadas são *Yeshua*, *Massiach*, e *Ruach*¹¹¹; pai ou senhor tornam-se *Aba*¹¹². A estratégia de mencionar certas palavras em hebraico, como o nome de Jesus (*Yeshua*) e o termo Espírito Santo (*Ruach*), revela claramente a tentativa de retirar do culto os componentes cristãos do modo como são utilizados pelas Igrejas Católicas e Protestantes, pois, caso assim não o fosse, poderiam fazer crer que se trata de uma igreja cristã, sem relação alguma com o judaísmo.

O judaísmo messiânico combina religião e etnicidade de uma nova maneira. Em geral, a capacidade de um grupo étnico de manter a sua

¹¹¹ *Ruach*- espírito- refere-se ao espírito santo.

¹¹² *Aba*- pai em hebraico.

identidade e sobreviver como grupo distinto depende, dentre outros pré-requisitos, da sua capacidade de desenvolver símbolos significativos. Construções culturais auxiliam na construção do sentido de identidade coletiva. Quando o grupo estabelece critérios de adesão e define um propósito comum, essa experiência torna-se bem sucedida (BARTH, 1997). Também é importante, ainda de acordo com Barth, salientar o passado que os judeus messiânicos afirmam ter. Os judeus messiânicos constroem sua identidade dessa forma, utilizando símbolos constituídos a partir de suas diversas origens étnico-religiosas.

4.1-2- A celebração do *Pessach*

Em seu livro *Passing Over Easter*, a antropóloga norte-americana Shoshanah Feher (FEHER, 1998:15) descreve o ritual de *pessach* em uma sinagoga judaico-messiânica de Santa Bárbara, Califórnia (EUA), denominada *Adat haRuach*. Em seguida, expomos as explicações adotadas pelo seu rabino messiânico Jason sobre o significado da celebração da Páscoa judaica, segundo a autora.

Na descrição do ritual, Feher menciona que, para o rabino messiânico, o *matzá*¹¹³ é um símbolo de *Yeshua* e o pão ázimo, ao ser quebrado, teria o significado do rompimento do corpo de Jesus. O envolvimento desse pedaço quebrado do *matzá* em tecido corresponderia à lembrança do corpo de Cristo coberto de linho, após a crucificação. Quando os fiéis comem esse pedaço do pão, a simbologia seria a ingestão do pão da vida, numa clara referência à eucaristia cristã.

A celebração da Páscoa judaica, ou o *Pessach*¹¹⁴, celebra a saída dos judeus do cativeiro no Egito, é uma das três festas de peregrinação. Durante a sua celebração não se come nenhum tipo de alimento que contenha levedo, daí o surgimento do pão ázimo (*matzá*), que é um pão assado sem fermento.

¹¹³*Matzá*- pão ázimo, ou seja, sem fermento. Consumido durante a festa de *Pessach*.

¹¹⁴*Pessach*- significa, em hebraico, "passar sobre". É a celebração da saída dos judeus do cativeiro no Egito.

No judaísmo a proibição da ingestão do levedo tem o significado da abstenção das paixões humanas.

A festa tem duração de sete dias (oito dias na diáspora) e começa ao anoitecer da véspera de *nissan*¹¹⁵, noite do Êxodo, com a refeição ritual familiar do *seder*¹¹⁶. A refeição é acompanhada do relato da história do Êxodo na *Hagadá*, cujo texto contém a liturgia que se recita durante a refeição familiar. A *Hagadá* foi construída a partir de textos da bíblia sobre a saída dos judeus do Êxodo, Salmos de louvor, homilias rabínicas, hinos e canções entoadas ao fim das refeições.

Tipos especiais de comidas e bebidas que seguem esse ritual complexo são arrumados na mesa e incluídos nessa refeição, sendo os mais importantes o ovo (*beitsá*), mergulhado em água e sal, lembrando aos participantes as lágrimas e sofrimento dos hebreus no Egito. Também são servidos quatro cálices de vinho, o pão ázimo (*matzá*) e as ervas amargas (*maror*), que são mergulhadas em *charosset*¹¹⁷

Ao fim da refeição, o último alimento que se come é um pedaço de *matzá*, ato que simboliza a oferenda pascal. A noite termina com salmos e canções e a declaração dos judeus que estão na diáspora: “No próximo ano em Jerusalém”.

A Páscoa cristã tem significado diverso do *Pessach*. A festa cristã assinala a ressurreição de Jesus. No Concílio de Niceia, em 325 d.C., a Igreja Católica estabeleceu que a Páscoa cristã fosse celebrada no domingo que segue a lua cheia (14 *nissan*), depois do equinócio da primavera. A Sexta-Feira Santa é aquela que antecede o domingo de Páscoa. É a data em que os

¹¹⁵*Nissan*- primeiro mês lunar do calendário hebraico, contando a partir do êxodo do Egito, ou o sétimo mês contando com a festa de ano-novo.

¹¹⁶*Seder*- significa ordem. Refeição de *Pessach*.

¹¹⁷*Charosset* - em hebraico, simboliza a argamassa usada pelos escravos hebreus no Egito, ou a argila que tinham para moldar os tijolos; em geral é feito de frutas e nozes amassadas, misturadas para formar uma pasta e são adoçadas com vinho ou tâmaras.

cristãos celebram a morte de Jesus através de diversos tipos de ritos religiosos.

Na Igreja Católica, esse dia pertence ao mais importante período do ano litúrgico, pois não se celebra a eucaristia nem há missa. A igreja exorta os fiéis nesse dia a observarem alguns sinais de penitência, em respeito à morte de Jesus, assim pregam a prática do jejum e da abstinência de carne.

Os judeus messiânicos não seguem a Páscoa cristã, alegando que a festa é uma invenção do IV século da era comum, quando Roma foi cristianizada. Argumentam que a Igreja de Roma, ao rejeitar a Páscoa judaica, cometeu um engano, pois segundo a doutrina judaico-messiânica, essa é a verdadeira festa e não a inventada posteriormente. Segundo David Stern, no seu Manifesto Judeu-Messiânico (1989), a celebração do *Pessach* é um mandamento bíblico, enquanto que a Páscoa cristã é uma invenção humana. Segundo o autor, uma das mais antigas expressões de antijudaísmo foi justamente o Decreto de Niceia, segundo o qual a data para celebração e morte de Jesus não deveria ser estabelecida pela data do calendário judaico. É importante esclarecer que os judeus messiânicos não celebram nenhuma festa cristã.

Entretanto, ao dar nova interpretação ao consumo do *matzá*, os fiéis messiânicos oferecem um novo significado à festa judaica, injetando um símbolo cristão a elementos judaicos. A comunhão cristã, que não pode ser associada à Páscoa judaica, é inserida no ritual como justificativa da presença de *Yeshua* nessa celebração.

Assim, o *Pessach* torna-se um exemplo de decodificação do ritual judaico pelo judaísmo messiânico, um exemplo emblemático de como a sinagoga messiânica recria e define continuamente o ritual judaico em termos cristãos.

Os fiéis das sinagogas messiânicas celebram o *Pessach*, considerando a Páscoa cristã, uma festividade de sentido duplo. Os frequentadores das

congregações judaico-cristãs se reúnem para o primeiro *seder* e celebram, nesse dia, à maneira judaica tradicional, mas a morte e ressurreição de Jesus são lembradas durante o evento.

4.1-3- A celebração do *Yom Kipur* e do *Rosh Hashaná*

Essa aparente contradição se consubstancia na manutenção, por exemplo, do jejum na festa de *Yom Kipur*¹¹⁸, e a observação das leis dietéticas do judaísmo, a *kashrut*.

Assim como os judeus tradicionais, os judeus messiânicos dão grande importância à celebração do Dia do Perdão. A maioria dos fiéis faz jejum, vai à sua sinagoga messiânica, não calça sapatos de couro e recita o *Kol Nidrei*¹¹⁹, além de fazer a purificação em um *mikve*. A sinagoga messiânica de Belo Horizonte, a Har Tzion, conta com um *mikve* em suas dependências. Outras sinagogas, por não contarem com essa facilidade, procuram rios ou alguma fonte de água natural de fácil acesso para que seus frequentadores possam proceder ao ritual de purificação.

Mas, há exceções. Assim, Daniel Woods, líder da sinagoga messiânica Bet Sar Shalom, de São Paulo, disse em entrevista que o jejum não é obrigatório durante a celebração do *Yom Kipur*, pois, segundo suas palavras, nem todos estão preparados para esse sacrifício.

Outra festa judaica seguida pelos judeus-messiânicos é o *Rosh Hashaná*¹²⁰, a celebração do ano novo judaico. Em uma celebração de *Rosh Hashaná*, para a qual fomos convidados, na Sinagoga Messiânica Bet Sar Shalom, de São Paulo, os alimentos servidos não eram étnicos nem de origem *ashkenazitas* (europeus) nem *sefaraditas*, mas a mesa principal contava com

¹¹⁸*Yom Kipur*- dia do perdão é o dia mais sagrado do calendário judaico.

¹¹⁹*Kol Nidrei*- todos os votos ou todos os juramentos

¹²⁰*Rosh Hashaná*- cabeça do ano. É a celebração do ano novo judaico.

os alimentos simbólicos como o mel, a maçã, o pão (*chalá*¹²¹), romã, as ervas amargas e a cabeça de peixe. Foram servidos alimentos comuns à mesa dos brasileiros, como carnes assadas, arroz, saladas, batatas, massas. Segundo Marta Topel, os alimentos são parte estrutural do seder, a comida é a identidade de um grupo, como podemos ver no texto abaixo:

No que diz respeito à comida, uma de suas características distintivas é a capacidade simbólica para expressar relações e pertenças grupais. Assim, a comida é uma construção cultural consumida por indivíduos; e o ato de comer envolve a escolha do sujeito em relação a um grupo específico. É nesse sentido que as comidas étnicas oferecem um rico jogo de metáforas através das quais se expressam as relações dos sujeitos com um grupo particular. Esse processo fica mais evidente em comunidades novas, pequenas, minoritárias, ou nas quais há um significativo número de novos adeptos, a exemplo das comunidades religiosas que perseguem, de uma forma ou de outra, a incorporação de novos membros. E se bem o que distingue as leis alimentares judaicas é formar parte de um sistema simbólico-ritual que constrói o mundo cotidiano dos atores sociais, em marcada oposição aos costumes e leis que em outras culturas regem os jejuns e as comidas prescritos para celebrações extraordinárias, ainda assim podemos afirmar que de forma similar a estes, as leis alimentares judaicas fazem públicas filiações religiosas e culturais. De fato, na sua mais singela modalidade, as leis de pureza e impureza que prescrevem a dieta dos judeus ortodoxos constituem um exemplo de como o ato mais mundano e rotineiro, como o de comer, torna-se parte medular da experiência religiosa.¹²²

Entre os judeus há diferenças entre os alimentos consumidos por *ashkenazitas* e *sefaraditas* durante a celebração do seder. Entre os judeus de origem europeia é comum durante a celebração do *Pessach* encontrar alimentos como: arenque marinado, *guefilte fish* (uma espécie de bolinho de peixe), *vareniques* (pastel cozido de batata). Já para os *sefaraditas* são servidos grãos, berinjelas, tamarindos, *couscouz*, azeitonas, etc¹²³. Essas diferenças produzem estranhamento entre os dois grupos e servem para delimitar a identidade de cada membro.

¹²¹ *Chalá*- pão trançado que se come especialmente aos sábados.

¹²² <http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n19/v9n19a08.pdf>, acesso em 17/02/2014

¹²³ <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/ashkenazi-sefaradi-cinco-mil-anos-mesa-435394.shtml>, acesso em 17/02/2014

A razão pela qual os judeus messiânicos não têm incorporado os costumes *ashkenazitas* ou *sefaraditas* está no fato de que a maioria de seus membros não tem origem judaica. Dessa forma eles não conseguem incorporar os costumes europeus ou orientais. Como não possuem uma tradição judaica, que vai além da religião, como memória, história e folclore, eles seguem apenas as Escrituras Hebraicas.

Os judeus messiânicos dizem seguir os rituais, porém, como vimos anteriormente, seus seguidores provêm das mais diversas origens étnico-religiosas, não há o cultivo de uma longa tradição, como no caso dos *ashkenazitas* e *sefaraditas*, que ao longo da história receberam influências externas ao contexto de origem para preparar seus alimentos. Assim os *ashkenazitas* preparam o *charosset* com maçã, canela, cravo e vinho, e os *sefaraditas* usam tâmaras (*tamar*) e romãs (*rimon*) na *seder* de *Rosh Hashaná*.

Nesse ritual de *Rosh Hashaná*, foi possível observar a clara ausência do fator étnico, revelando a consumação de um ritual que segue, de modo flexível, o que está escrito na bíblia hebraica, mas que não é observado desse modo por nenhum grupo judaico. Poderíamos pensar em um “esqueleto” de ritual, ao qual falta a densidade da tradição. Nesse ritual de celebração do ano novo judaico, *oshofar*¹²⁴ foi soprado durante a liturgia, os convidados desejavam uns aos outros feliz ano novo em hebraico (*shaná tová*) e, por vezes, em *ídiche* (*a gut yohr*). Para a celebração dessa festa, Mário Moreno, *rosh* da congregação judaico-messiânica Shemá Israel, de Votorantim (São Paulo), estimula seus fiéis a celebrarem esse dia sagrado com capricho:

“...a mesa deve ser posta com o melhor aparelho de jantar, toalha de mesa e dois candelabros...é tradição acender as velas com uma bênção de nossa pureza em Yeshua! . Depois do jantar é tempo de celebrar com adoração e meditação.” (GUIMARÃES, M. em *Temas Judaicos Messiânicos*, 2005:151).

¹²⁴ *Shofar*- trompa, chifre de carneiro.

4.2- Como os judeus messiânicos pensam os rituais judaicos e os rituais cristãos e os marcadores de identidade

Se pensarmos o ritual como importante transmissor de cultura e, portanto, como um meio de comunicação social, podemos concluir que ele também reafirma a ordem social e renova sentimentos coletivos (TURNER, 1977). Assim, é possível afirmar que o ritual é um mecanismo pelo qual novas formas culturais são criadas, o que foi observado nos rituais das sinagogas messiânicas.

Como fora mencionado, a maioria dos fiéis messiânicos tem abandonado as festas e rituais cristãos, como o Natal e Páscoa cristã, muitos dizem que são festas pagãs, outros simplesmente mudam sua atenção para as festas judaicas.

Ao tentar retirar o fator pagão das festas cristãs tradicionais e celebrar alguns dos feriados judaicos, os judeus messiânicos parecem estar tentando uma conciliação entre as duas religiões. Os feriados judaicos ocorrem, de uma maneira geral, em datas coincidentes com as festas cristãs, como é o caso da festa de Chanucá, que costuma cair na mesma época do Natal. No caso da Pessach, costuma haver coincidência com a data de celebração da Páscoa cristã

Segundo Zerubavel (1982), no século IV, a Igreja separou a observância entre a Páscoa judaica (*Pessach*) e a Páscoa cristã, a fim de estabelecer sua própria identidade distinta da sinagoga. A ideia é que calendários diferentes ajudam na construção de identidades diferentes. Partindo dessa premissa, a doutrina judaico-messiânica busca apagar a distinção entre os dois modos de celebrar determinadas festas, fundindo elementos cristãos e judaicos. No entanto, essa fusão não é equilibrada, já que, no caso dos rituais judaico-messiânicos, ela pende para o judaísmo. De fato, foi possível constatar que os elementos cristãos aparecem em número muito menor na celebração, como o caso citado do significado cristão atribuído ao *matzá*.

Como foi observado na visita às diferentes sinagogas messiânicas, cada uma delas tem particularidades que são o reflexo da origem de seu líder. Assim, por exemplo, na Beit Sar Shalom (São Paulo), há elementos das religiões evangélicas, como o testemunho de fé e a oração aos doentes (embora seja costume nas sinagogas judaicas ortodoxas e liberais, no *shabat*, fazer uma oração aos doentes, que não foi observada na Beit Mashiach de São Paulo ou na Har Tzion de Belo Horizonte).

Essa liberdade de criar rituais tem gerado dúvida, por parte dos judeus tradicionais, quanto à identidade judaica dos judeus messiânicos. Para o judaísmo tradicional, os judeus messiânicos transgridem a religião ao romper a fronteira entre judaísmo e cristianismo, que para os judeus é clara e infranqueável. Ao não reconhecerem as fronteiras entre o judaísmo e o cristianismo, os judeus messiânicos colocam as coisas fora de ordem, causando imenso desconforto tanto para judeus como para cristãos.

As congregações judaico-messiânicas podem ser caracterizadas pelas sobreposições: judeus messiânicos se apropriam de elementos do cristianismo e cristãos se apropriam de elementos da cultura judaica. Desse modo, é possível concluir que, no caso estudado, e como afirma Bourdieu, essas apropriações são feitas de forma consciente, pois elas só se processam se os agentes envolvidos virem alguma vantagem nessas ações (BOURDIEU, 1980).

Como fora mencionado, os judeus messiânicos usam a ideia de uma igreja primitiva para tentar reconciliar o judaísmo com os símbolos cristãos e também para dar à doutrina um sentido de continuidade histórica. Assim, costumam fazer uso de textos antigos, leem os evangelhos e explicam que o antijudaísmo encontrado nesses textos deve-se a problemas nas suas traduções. O ritual nas sinagogas messiânicas é usado para dar sentido de continuidade, alegando que os rituais são herdados desde a época neotestamentária, mas a evidência histórica dessa afirmação é imprecisa. De fato, não há documentos que confirmem de alguma forma essa teoria da continuidade.

Os judeus messiânicos, assim como os judeus que se juntam a novos movimentos religiosos, são comumente rejeitados pelo judaísmo tradicional. Tal afirmação encontra respaldo na *Halachá*, cuja tradição legalista determina que só serão considerados judeus o (a) filho (a) de mãe judia, aquele que se converteu ao judaísmo e aquele que, mesmo nascido de ventre judeu, não tenha optado por outra religião. Segundo a teoria das fronteiras étnicas, de Fredrik Barth (BARTH, 1997), não basta só a autoidentificação - para pertencer a um grupo, é necessário também que haja a aceitação desse indivíduo por parte do grupo étnico e, ainda, essa pessoa tem que ser também reconhecida pelos de fora da fronteira étnica como pertencente a essa etnia. As dimensões endôgenas e exôgenas da identidade judaica são complementares. (SORJ, 1997).

Os judeus messiânicos entendem que o uso de imagens cristãs é problemática para a maioria dos judeus. Essas imagens, tais como crucifixos, costumam remeter à perseguição a que os judeus foram submetidos por séculos. Maneiras de transpor essa dificuldade são, por exemplo, abandonar o nome helenizado Jesus e adotar o nome judaico *Yeshua*; o Novo Testamento receber o nome de Nova Aliança; e a cruz ser representada pela árvore, uma oliveira. De acordo com a interpretação dos judeus messiânicos, o que está escrito em Romanos 11,17-22, essa árvore foi enxertada para garantir sua força, esse enxerto representa os gentios, e a árvore original são os judeus messiânicos.

Ao tentar limpar o ritual de elementos cristãos helênicos e ao afirmar sua identidade como a dos fundadores da doutrina judaico-cristã, os judeus messiânicos assumem uma conexão com a igreja gentia que os sucedeu. Entretanto, como já foi afirmado, os judeus messiânicos não querem ser vistos ou chamados de cristãos, querem preservar o que eles dizem ser uma identidade judaica.

A doutrina judaico-messiânica é repelida por grupos cristãos, por acreditarem que os judeus, ao rejeitar Jesus, teriam ofendido Deus. Por isso Deus teria transferido sua escolha para os cristãos, criando assim uma Israel

espiritual. Esse é um importante ponto de tensão entre os judeus messiânicos e os membros das comunidades cristãs (STERN, 1988).

Essa “descristianização” de símbolos, feita pelas congregações judaico-messiânicas, é um dos motivos que as levam a não querer ser confundidas com o movimento Jews for Jesus, que se utiliza de elementos cristãos, sem judaizá-los. Esse movimento existe no Brasil desde 2002, com sede no Rio de Janeiro¹²⁵, e é liderado por Sergio Danon.

O movimento judaico-messiânico tem obviamente uma forte identificação com o judaísmo. Durante a visita à sinagoga messiânica Har Tzion, de Belo Horizonte, e em conversa com seu líder Marcelo Guimarães e com vários membros, observamos que, dentro das sinagogas messiânicas, há uma forte reivindicação no sentido de se mostrarem mais “judeus”, reconhecendo que a identidade judaica traz consigo uma forte bagagem cultural. Isso se observa, por exemplo, na alegação de serem descendentes dos chamados cristãos-novos, ou *bnei anussim*, no uso de termos da língua *íídiche* nas conversas, ou na simpatia que nutrem pelo Estado de Israel.

Ao usarem termos do *íídiche*, os membros não se identificam com o judaísmo em geral, mas com aspectos culturais de judeus da Europa oriental. Ao se declararem *bnei anussim*, têm sua provável origem na Península Ibérica, portanto, não seriam conhecedores dessa língua. Essa contradição e/ou falta de precisão na incorporação de símbolos judaicos revela, mais uma vez, tratar-se de rituais novos, talvez em processo de elaboração final, nos quais aleatoriamente são utilizados símbolos judaicos que, descontextualizados, desembocam em um judaísmo *sui generis*.

No jantar de *Rosh Hashaná* (analisado anteriormente), os alimentos servidos não tinham qualquer origem étnica, entretanto, no que diz respeito à língua, ao usarem (mesmo que eventualmente e em poucas frases ou expressões) a língua dos judeus da Europa oriental, o *íídiche*, os judeus

¹²⁵<http://www.jewsforjesus.org/branches/brazil>.

messiânicos se apropriam de uma característica étnica que não faz parte da maioria de seus frequentadores, tentando aproximar-se do grupo judeu. Essa apropriação de aspectos étnicos através da língua é provavelmente reconhecida como legítima apenas pelos judeus messiânicos e não pelos judeus de nascimento, particularmente os de origem *ashkenazita*, que rejeitam e acham no mínimo estranha essa apropriação.

Outro aspecto marcador de identidade, no que se refere à língua, é o uso do hebraico, tido pelos judeus messiânicos como uma língua sagrada. Assim, eles defendem o uso do hebraico mesmo quando são confrontados com a argumentação de que as Escrituras Cristãs não foram escritas nessa língua e sim em grego. Dizem que, apesar disso, o hebraico é a língua escolhida por Deus para escrever Suas leis. Marcelo Guimarães, rabino messiânico da Har Tzion, de Belo Horizonte, escreve:

Quem tem acesso a esta língua, sabe o que eu estou querendo dizer. Há algo divino em suas frases e expressões... Afinal, foi a língua que D'us escolheu e nela escreveu Sua Lei. Seria isso por acaso? Yeshua falava hebraico e aramaico, e lia as escrituras nas sinagogas. Seria errado o gentio crente cantar em hebraico, louvando a D-us na língua de Jesus? Se por acaso Yeshua fosse francês, não seria natural para os crentes cantar em francês, conhecer comidas francesas, suas roupas, saber seus costumes e recitar suas bênçãos? Mas Yeshua não é francês, ele é judeu! (GUIMARÃES, M. 2005, 182).

Outro aspecto de profundo interesse é o fato de que todos os judeus messiânicos entrevistados declararam-se sionistas, assim se alinham à comunidade judaica em geral. As sinagogas messiânicas têm símbolos israelenses, como a constante presença da bandeira do estado de Israel em todas as sinagogas messiânicas visitadas e outras pesquisadas via *internet*.

Nos *sites* de compras de produtos messiânicos ligados às suas respectivas congregações, existe toda a sorte de produtos relacionados ao Estado de Israel. Joias, como Estrelas de David, a letra *Hai* (vida), que é muito

usada como adorno pessoal, *Mezuzot*¹²⁶, *Kipot*, *Talit*, que também remetem ao judaísmo, e mapas de Israel. As cores azul e branca (cores da bandeira de Israel) é uma constante em seus produtos. Além disso, há camisetas com dizeres a favor do sionismo, frases em hebraico, o nome *Yeshua* transcrito em hebraico, dentre outros itens.

Abaixo seguem imagens de alguns desses itens: a primeira abaixo é de um pingente com a estrela de David e o candelabro de sete braços, oferecido na loja virtual do *site* da sinagoga messiânica Nova Aliança:



<http://www.israelitas.com.br/loja/detalhesVer.php?id=134>, aceso em 17/02/2014

O *site* da sinagoga messiânica brasileira Nova Aliança oferece bandeiras de Israel, como mostra a figura abaixo:



¹²⁶ *Mezuzot*- palavra hebraica que significa umbral consiste em um pequeno rolo de pergaminho que contem passagens bíblicas

<http://www.israelitas.com.br/loja/detalhesCategorias.php?categorialD=9>, acesso em 17/02/2014.

Ou ainda um curso rápido para se converter ao judaísmo messiânico, por R\$ 15,00, vendido na loja virtual do *site* da sinagoga messiânica Nova Aliança, como vemos abaixo:



<http://www.israelitas.com.br/loja/detalhesCategorias.php?categorialD=9>, acesso em 17/02/2014.

Os judeus permaneceram em diáspora desde a destruição do Segundo templo no ano 70 da era comum; entretanto essa situação se modificou quando, em 1948, foi fundado o moderno Estado de Israel. Sem querermos entrar em questões sobre o surgimento e o significado do sionismo, pois se trata de tema muito amplo e complexo, é fundamental lembrar que Israel é um referencial identitário para a grande maioria dos judeus, com exceção dos ortodoxos.

Nos rituais realizados nas sinagogas messiânicas, é comum seus fiéis entoarem o Hino de Israel, assim como a quase onipresente bandeira do estado de Israel nas dependências das sinagogas messiânicas. Sobre essa

questão, a pergunta que fica é: que Israel é esse? O país moderno, fundado em 1948, ou o Israel espiritual? A Terra Prometida por Deus ao povo judeu e o local de onde o Messias veio e aonde voltará?

Os judeus messiânicos consideram o Estado de Israel a pátria por direito dos judeus. Esse direito, segundo eles, seria confirmado pela narrativa bíblica. Ao se identificarem como judeus, os judeus messiânicos têm a mesma relação com Israel que a dos judeus tradicionais. Portanto, se indignam ao não serem bem recebidos pelos judeus que vivem em Israel, pois se consideram herdeiros da Terra Santa, da mesma forma que os judeus não messiânicos

Algumas respostas dadas pelos judeus messiânicos ao serem questionados sobre o significado de Israel, confirmaram que se tratava do Israel espiritual: “Jesus nasceu, morreu e ressucitou em Israel”; “Onde acontecerá a segunda vinda do Messias? Em Israel”; a segunda vinda do Messias será em Israel ¹²⁷.

As regras dietéticas também tornam-se temas de negociação para os judeus messiânicos. Segundo seus seguidores, há uma procura em seguir as recomendações alimentares, que eles denominam de cardápio bíblico. Os judeus messiânicos se restringem apenas a essas recomendações e não àquelas previstas pela lei oral descrita no *Talmud*¹²⁸.

Em relação à decisão dos judeus messiânicos de seguir ou não as regras dietéticas, podemos retomar a teoria de Bordieu (BOURDIEU, 2012). O autor afirma que as escolhas são feitas dentro das necessidades de confirmação identitária e de apropriação do poder. Dessa forma, a escolha de quais alimentos são ou não apropriados para o consumo faz parte desse processo de construção do poder dentro das congregações judaico-messiânicas. A justificativa pode se basear em elementos cotidianos, que criam motivações de ordem não religiosa ou étnica, como por exemplo, a fala de

¹²⁷ Entrevistas realizadas na sinagoga messiânica Beit Sar Shalom em 2008.

¹²⁸ *Talmud*- Lei Oral significa estudo. Essa obra compila discussões rabínicas e as leis judaicas, costumes, tradições, lendas e histórias.

Marcelo Guimarães, quando entrevistado: “se um gentio quiser comer a comida de Levítico 11, eu pergunto: quem sai ganhando? A saúde, é claro”. Devemos lembrar que para a *halachá* a *kashrut* não é uma questão de saúde.

Como foi possível observar, os judeus messiânicos utilizam-se de vários elementos da cultura judaica tradicional, incluindo o idioma *íídiche*, o idioma hebraico, o sionismo, partes das regras alimentares e outras conexões culturais para forjar uma identidade judaica. Usam também esses elementos para distinguirem-se dos cristãos e não serem assim confundidos com gentios.

É possível afirmar que a identidade dos judeus messiânicos é resultado da transição entre os mundos cristão e judaico. Por viverem nesse limiar, os judeus messiânicos são unidos por um sentido de congregação em categorias que necessitam assumir novos significados. Esses membros são considerados subversivos e, muitas vezes, até perigosos por membros dos grupos com os quais fazem fronteira étnica e os quais desafiam, ao rompê-la, como ocorre entre judeus e cristãos (TURNER, 1977). Mas os judeus messiânicos, apesar de perceberem essa rejeição, insistem em alegar que são judeus e não uma outra religião.

Ao examinar os pontos de contato com o mundo exterior, torna-se claro que os judeus messiânicos lutam o tempo todo contra a percepção que os judeus não messiânicos têm de seu grupo. A congregação messiânica recebe uma rejeição maior dos grupos judeus do que das comunidades cristãs, que não os percebe como um grupo ameaçador.

O atual imaginário do pensamento judaico-cristão, existente na doutrina judaico-messiânica, compara-os (os judeus messiânicos) a uma oliveira, que teria sido enxertada para garantir sua força; consideram-se parte do tronco principal. Essa visão de mundo tem como consequência a criação de uma hierarquia dentro das congregações judaico-messiânicas. Como foi reiterado ao longo deste capítulo, aqueles que, dentro do grupo, dizem ser descendentes de judeus ou judeus de nascimento ocupam posição de destaque dentro da sua congregação, pois segundo a visão do enxerto, gentios são apenas

enxertados, sendo assim considerados como membros de menos importância. (GUIMARÃES,2005).

Outro aspecto importante que separa os dois grupos é a escolha feita pelos judeus messiânicos de não acatar a Lei Oral (*Talmud*). Essa obra compila discussões rabínicas sobre as leis judaicas, costumes, tradições, lendas e história e constitui o cerne do judaísmo religioso (UNTERMAN, 1992).

Em seu livro, David Stern (STERN, 1989:129-131) argumenta que, quando a Lei Oral era apenas oral, os julgamentos tendiam a ser mais espontâneos e as tomadas de decisões mais flexíveis, adaptando-se a situações particulares e específicas. Após a destruição do Segundo Templo, porém, a Lei Oral foi compilada e escrita, tornando-se mais rígida, muitas vezes não se ajustando adequadamente à determinada situação. Ainda segundo Stern, a Lei Oral pode ser substituída por uma *Halachá* messiânica, que é capaz de proporcionar uma orientação específica, composta de normas capazes de fornecer uma base para o debate dentro do grupo. Essa escolha do que pode ou não fazer parte do corpo doutrinário-teológico é algo que não faz parte da religião judaica tradicional, principalmente entre as correntes ortodoxas, mostrando, a partir de outra perspectiva, o modo singular como o judaísmo messiânico adapta o judaísmo tradicional.

4.3- A conversão

Uma das questões mais controversas e difíceis de compreender nas congregações judaico-messiânicas é o ritual de conversão. Essa dificuldade de compreensão do processo se dá, fundamentalmente, porque os judeus messiânicos não se veem como uma outra religião, mas pertencentes à religião judaica tradicional. Assim, para maioria das lideranças messiânicas, existe a crença de que aqueles que já são judeus por nascimento, ou por opção (desde que tenham passado pela conversão ao judaísmo tradicional), não necessitam passar pelo ritual de conversão ao judaísmo messiânico.

A conversão religiosa pode ser estudada dentro de uma perspectiva multidisciplinar - a psicologia, a sociologia e a antropologia. Para compreendermos de maneira mais profunda o processo de conversão, teremos como base a teoria de Berger (BERGER, 1985). A alternância ou transformação exige, em termos de condições sociais e conceituais, a possibilidade de dispor de uma estrutura de plausibilidade, isto é, de uma base social que permita essa transformação e lhe sirva de local. A conversão ocupa, para Berger, um lugar decisivo na plausibilidade do mundo socialmente construído, já que é através dela que o indivíduo se sente seguro e pertencente a um mundo constituído de forma real.

Berger também afirma que o mais importante no processo de conversão é a manutenção da plausibilidade no decorrer do tempo. Assim são acionados pela instituição promotora dos processos de conversão elementos legitimadores, de forma constante, a fim de oferecer ao sujeito a sensação de plausibilidade que, como vimos, é constantemente procurada.

Para haver uma estrutura de plausibilidade, o sistema religioso procura manter-se em um processo contínuo e coerente, pois, se houver alguma ruptura, isso pode ocasionar uma ameaça aos seus princípios e aos seus membros. A conversão religiosa implica mudanças de um estado de relações para outro, levando à desintegração do sistema anterior e a integração do indivíduo a um novo sistema simbólico. Berger chama esse processo de alternância, que significa a possibilidade que os indivíduos têm de escolhas entre diversos sistemas de significados. A cada alternância entre sistemas de significados, é proporcionada ao indivíduo uma explicação do mundo e da sua própria existência. A conversão também indica um processo, uma força mais dinâmica, móvel, do que um conceito estático e pontual, em que o indivíduo:

[...] precisa, assim, desligar-se daqueles indivíduos ou grupos que constituem a estrutura de plausibilidade da sua antiga realidade religiosa, e assim associar-se tanto mais intensamente e (se possível) exclusivamente àqueles que servem para manter a sua nova realidade religiosa. Numa palavra, a migração entre mundos religiosos significa migração entre suas respectivas estruturas de plausibilidade (BERGER, 1985:64).

Um desses mecanismos utilizados por essas instituições, no caso estudado, as sinagogas messiânicas, é afirmar constantemente que eles detêm a verdade religiosa e que fora de seus muros “não há salvação”. A questão é como manter essas verdades absolutas dentro do contexto mundial atual de globalização da religião, de constantes mudanças e de um verdadeiro bombardeio de informações, que atingem o sujeito e permitem um questionamento mais constante por parte do indivíduo inserido em uma comunidade religiosa.

Sentir-se pertencente a uma comunidade (nova ou não) fará com que o convertido mantenha o sentimento de plausibilidade, pois é importante conservar a nova identidade e isso se dará na comunidade à qual o indivíduo pertence, ou irá pertencer através da conversão. Para que a conversão (ou alternância) seja executada com êxito, o indivíduo tende a separar-se do mundo anterior e para isso existe a necessidade de uma instituição que legitime e estimule essa separação. Dessa forma, a conversão representa a transformação de um mundo para outro (BERGER, 1985).

As sinagogas messiânicas se tornam esse agente transformador através da conversão, estipulando regras de aceitação que separam o convertido de seu mundo anterior, muitas vezes, estimulando-o a renegá-lo e atacá-lo como inadequado.

Segundo Rambo (RAMBO, 1993), a conversão é um processo altamente complexo, difícil de definir. O autor analisa a conversão como um processo de mudança religiosa, afetado por vários elementos que interagem entre si como: eventos, pessoas, instituições, ideologias. Assim, a conversão se dá em várias etapas: a fase da crise, que pode ser de cunho social e/ou pessoal; o questionamento, ação marcada pela intencionalidade; o encontro da opção desejada; o engajamento, que se trata da identificação com a nova realidade; e, finalmente, pela transformação da crença pelo prosélito.

Diante do exposto, observamos que esse processo é complexo e cheio de nuances. Ainda, a alternância não se dá de maneira diacrônica, fase após

fase, mas em uma mistura de momentos que se entrelaçam, criando uma trama complexa. Além disso, existe, no caso da conversão ao judaísmo messiânico, um elemento que torna a questão ainda mais complexa: qual o significado de pertencer ao judaísmo tradicional?

Para entender a posição dos judeus messiânicos quanto ao processo de inclusão em sua religião, deparamo-nos, inicialmente, com a necessidade de definir o que é ser judeu. Responder a essa questão requer um esforço que vai além do pretendido por este trabalho, pois se trata de uma questão para a qual não há uma resposta unívoca.

As definições de judaísmo vão além da questão religiosa e incluem questões relativas à tradição, à etnia, além da diáspora por que passou a comunidade judaica. Dentro desse contexto, as diversas correntes do judaísmo adquirem, em cada situação, novos sentidos (SORJ, 2003).

Para os judeus messiânicos, o princípio de matrilinearidade não é genuíno, já que a bíblia, segundo Stern, “situa geneticamente a judaicidade através do pai” (STERN, 1988:15). Para o autor messiânico, “a judaicidade passou a ser delineada através da mãe em tempos de agitação histórica, quando as mulheres judias eram vendidas como concubinas aos gentios, de modo que pudesse haver dúvida quanto a ser ou não judeu o pai da criança” (STERN, 1988:16).

É interessante notar a classificação de Stern para quem judeu messiânico é a pessoa que nasceu judia ou que se converteu ao judaísmo e que acredite ser *Yeshua* o messias e reconheça a sua judaicidade. Ainda segundo Stern, o gentio que crê em *Yeshua* não é judeu messiânico, esse fiel até pode nutrir simpatia pelo judaísmo, mas não pode ser, em hipótese alguma, considerado um verdadeiro judeu messiânico. O autor sugere denominar esses fiéis de gentios-messiânicos. Existe, ainda, para o autor aquele tipo que ele denomina “judeu sub-messiânico”, que seria, por exemplo, aquele que é judeu e está disposto a ouvir o Evangelho Cristão, mas não realiza um verdadeiro ato de fé, aceitando *Yeshua* perante uma comunidade. Outro tipo, na classificação

de Stern, são os chamados “crentes secretos”, isto é, pessoas que permanecem na comunidade judaica sem confessar sua fé em *Yeshua*. Por último, encontramos os judeus que se gentilizaram em igrejas cristãs, fazendo todo o possível para ocultar a sua judaicidade e passar por gentios. (STERN, 1988:20-21).

A UMJC que, como vimos, é uma das mais importantes associações representativas do judaísmo messiânico mundial, declara seu posicionamento quanto a ser judeu e à questão da conversão. Judeu é aquele nascido de pai ou mãe judia, mesmo que essa ascendência tenha se perdido através do tempo. No entanto, descobrir ancestrais judeus não garante total judaicidade, já que a identidade judaica não é racial. Porém se alguém, de alguma forma, identificar-se com o judaísmo e seu povo, deve ser encorajado a se tornar judeu. Para isso, entretanto, não basta uma mera identificação com o judaísmo, é preciso alguma forma de ritual e de reconhecimento público. Para a UMJC, a conversão se dá, primordialmente, através da circuncisão, como vemos na citação abaixo:

[...] Se desenvolvemos ou não, tal ritual de circuncisão dentro de nossos próprios círculos, devemos reconhecer sua validade no mundo judaico mais amplo. Se buscamos fazer parte do povo judeu, devemos aceitar as normas gerais de conversão prevalentes dentro da comunidade judaica.¹²⁹

Devemos observar que nem mesmo dentro do judaísmo tradicional há concordância sobre o processo de conversão. Apenas duas fontes foram consultadas para entender essas diferenças: de um lado, a sinagoga da Congregação Israelita Paulista, CIP, considerada liberal; de outro, o Beit Chabad, movimento judaico considerado conservador.

O grupo Chabad, fundado há cerca de 200 anos, é atualmente uma linha bastante popular, principalmente quando passou a ser liderado pelo rabino Menachem Mendel Schneerson. Com sua visão místico-escatológica do

¹²⁹www.umjc.org, acesso em 11/01/2013.

judaísmo, o ucraniano, radicado em Nova York (EUA) no século XX, atraiu centenas de milhares de fiéis pelo mundo, inclusive do Brasil.¹³⁰

A posição do Chabad sobre a conversão parte do princípio de que uma pessoa só poderá abraçar o judaísmo por ideologia, sem segundas intenções, ou seja, não se deve proceder a conversão com o objetivo de casamento, enriquecimento ou de se tornar eminente dentro da sua comunidade. Dessa forma, antes de um indivíduo se converter, ele deve ser avaliado pelo rabinato. Além disso, o postulante deve seguir os intrincados rituais do judaísmo, cumprindo suas leis básicas. Antes de se converter, a pessoa deve já estar seguindo os preceitos do judaísmo “para comprovar que as seguirá também posteriormente”¹³¹.

Com relação ao próprio processo de conversão, segundo o Chabad, este deve ser feito por um *Beit Din*¹³², composto por três rabinos. Segundo a instituição, uma pessoa que passe por esse processo será considerada judia em todos os aspectos. Segundo o *Chabad*, a conversão deve ser realizada sob a orientação de um rabino ortodoxo, além disso, as conversões foram proibidas de ser realizadas no Brasil há vários anos pelo Supremo Tribunal Rabínico de Israel, pois alegam que eram realizadas sem nenhum critério “e muitas, por interesses alheios à prática sincera do judaísmo”¹³³. A conversão pode ser realizada em países da Europa, em Israel e Estados Unidos.

O judaísmo reformista caracteriza-se como uma corrente religiosa, segundo a qual a religião deve se adaptar ao contexto e à cultura local. Isso proporciona uma visão mais flexível da religião do que a das correntes conservadora e ortodoxa. Os reformistas acreditam que as dificuldades impostas pelos ortodoxos à prática dos preceitos judaicos têm o poder de afastar os judeus de sua comunidade e não de aglutiná-los. É importante

¹³⁰www.chabad.org.

¹³¹www.chabad.org.

¹³²*Beit Din*- Tribunal rabínico.

¹³³www.chabad.org.

salientar que os judeus de linha ortodoxa não aceitam a conversão realizada em sinagogas consideradas liberais.

Outra visão do processo foi descrita e publicada por Michel Schlesinger, rabino da Congregação Israelita Paulista desde 2005, na Revista WebMosaica do instituto cultural judaico Marc Chagall ¹³⁴. Nesse trabalho, em que se percebe uma clara defesa do processo de conversão, o autor expõe que, durante o período bíblico, converter-se ao judaísmo significava unir-se a um povo ou se tornar cidadão de um Estado e o aspecto religioso vinha como uma consequência natural de se pertencer a um grupo. O autor acrescenta que, modernamente, quando o povo judeu se encontrava em diáspora, tornar-se judeu não significava se unir a um grupo nacional, mas mudar de religião. Schlesinger informa que a exigência bíblica para permitir a adesão ao judaísmo era a circuncisão, primeiro provável ritual de conversão, já que nenhuma fonte do período do Segundo Templo refere-se a rituais de imersão ¹³⁵.

Para Schlesinger, as exigências para conversão se tornaram mais duras com o surgimento e desenvolvimento do cristianismo, pois os rabinos passaram, nesse período, a exigir um maior rigor no cumprimento da Lei, incluindo-se os rituais de circuncisão e imersão, além da constituição de um tribunal rabínico. Para Schlesinger, nunca houve uma única resposta à questão de qual seria o processo ideal de conversão ao judaísmo.

O rabino, então, faz um pequeno resumo sobre as exigências dos Movimentos Reformistas para se processar a conversão:

Para o Movimento Reformista, no século XIX, já foi considerado apropriado que qualquer rabino aceitasse para o judaísmo toda pessoa inteligente e honrada sem qualquer rito de iniciação, cerimônia ou cumprimento do que quer que fosse. Mais tarde, os rituais de circuncisão e de imersão foram retomados juntamente com os estudos de preparação do candidato. Finalmente, o Movimento Reformista recomendou que a conversão deveria incluir uma Corte rabínica,

¹³⁴ Revista Web Mosaica v.3 n.2 (jul-dez) 2011.

¹³⁵ Segundo Michel Schlesinger a imersão como ritual de conversão está conectada ao surgimento da possibilidade de que também as mulheres poderiam se converter ao judaísmo.

imersão ritual e circuncisão. Em algumas congregações reformistas, o filho de um pai judeu é considerado judeu, sem conversão formal, desde que estude em colégio judaico.

Essas exigências para se proceder à conversão são mais duras nas corrente ortodoxas. Nesse caso, em um processo de conversão, são necessários um período de profundos estudos sobre o judaísmo, imersão, circuncisão, aceitação dos mandamentos e a presença de um *Beit Din*. O Movimento Conservador reafirma a descendência matrilinear.

As rigorosas exigências para a conversão permitem-nos afirmar que o judaísmo tradicional, nas suas mais diversas correntes, não é uma religião proselitista. Essa postura marca uma profunda diferença entre o judaísmo messiânico e o judaísmo tradicional, como veremos na sequência.

De acordo com Marcelo Guimarães, rabino messiânico da Har Tzion, de Belo Horizonte, aqueles que não são judeus não podem ser judaizados, pois os não judeus não são circuncidados. Entretanto, o religioso afirmou que, se um membro não judeu ou sem ascendência judia quiser adquirir e usar símbolos judaicos, como por exemplo, colocar uma *mezuzá* no batente da porta de sua casa, isso é perfeitamente aceitável. Para o rabino messiânico, o judaísmo que ele pratica não é fechado, seria, segundo suas palavras, um judaísmo “voltado para as nações”, embora pondere que um *goi*¹³⁶ nunca será um judeu, pois “tem que ter sangue judeu”.

Guimarães, em entrevista, deixou claro que um gentio nunca será um judeu messiânico, pois ele não tem “sangue judaico”. Para ele, o gentio messiânico é aquele que crê em *Yeshua* e entende a bíblia em um contexto judaico. Nesse contexto, é um direito querer celebrar a Páscoa ou outra festa cristã. No entanto, Guimarães afirma que se esse gentio quiser se circuncidar para virar um judeu, isso não é recomendado, pois nas Escrituras Cristãs, em Paulo, um *goi* não deve se circuncidar e, se por acaso ele se circuncidar, que ele guarde toda a lei como qualquer outro judeu. Notamos, pela fala do rabino

¹³⁶ *Goi*- estrangeiro

messiânico, que ele desestimula a conversão, estabelecendo, dessa forma, uma hierarquia imutável dentro de sua congregação.

Se uma pessoa é judia de nascimento (minoridade absoluta na Har Tzion), essa condição é o que a coloca no patamar hierárquico mais alto no grupo judaico-messiânico. Assim como ocorre com aqueles que afirmam ser descendentes diretos dos cristãos-novos, portanto teriam antepassados judeus, também irão se estabelecer em uma hierarquia elevada nessa congregação. Já aqueles que são gentios têm uma posição hierárquica baixa dentro dessa estrutura, e essa condição é inegociável. Dessa forma, a composição de poder dentro da sinagoga messiânica Har Tzion torna-se extremamente rígida, favorecendo Marcelo Guimarães e seus familiares, colocando-os em um patamar alto e indiscutível dentro desses critérios em sua congregação.

Na Har Tzion não há ritual de conversão, como vemos na transcrição abaixo da fala de Marcelo Guimarães:

“[...] Ou seja, judeu messiânico é judeu, nessa casa aqui se é judeu é judeu, se é goi é goi, o nosso goi aqui é educado a ter orgulho goi, ele é goi messiânico, está atrelado à cultura judaica, ao contexto bíblico judaico”. Judeu messiânico é aquele que tem sangue judeu [...].”

Para poder alcançar uma posição maior dentro da sinagoga messiânica Har Tzion, percebe-se uma clara busca dos fiéis para provar a sua ascendência judaica, abandonando a sua posição menos favorável de gentio. Na entrevista concedida, Guimarães disse que aquele que quer provar ao grupo *bnei anussim* deve apresentar provas e será estimulado a isso, pois ele deve restaurar sua identidade.

Assim como Stern, Guimarães crê que a judaicidade deve ser passada pelo lado paterno, e não materno. Em suas palavras, no relato bíblico a descendência foi passada pelos patriarcas Abraão, Isaac e Jacó, e não pelas matriarcas, como vemos abaixo:

O verdadeiro judeu, pela bíblia mesmo, é paterno, Abraão, Isaac, Jacó, é o pai.

Na bíblia fulano é filho de tal, Yeshua era filho de Yosef, sempre filho do pai, agora a mãe também era considerada judia. Quando Ruth, que era moabita, entrou para a casa de Israel ela foi avó de David, então David não era judeu? O Rei David, David Ha Meler não era Judeu? Porque a família era moabita? Então por isso o judaísmo poderia até expurgar que David não é judeu porque tinha avó moabita.

Para os judeus messiânicos, então, a ascendência paterna pode também comprovar a judaicidade (ao contrário do judaísmo tradicional em que só a ascendência materna é levada em conta). Outra alegação dos judeus messiânicos sobre essa mudança de enfoque em relação à matrilinearidade ou patrilinearidade é que a quantidade de gerações que separa o judeu dos seus descendentes gentilizados não é importante, pois, como vimos, vários judeus messiânicos atualmente têm recorrido a polêmicos exames de DNA para tentar demonstrar, através de uma pseudo comprovação científica, a sua provável ascendência judaica. Essa postura contraria à da UMJC, que declara, literalmente, como vimos acima, que a categoria judeu não é racial. Apesar disso e de estar filiado à UMJC, Guimarães utiliza-se do recurso de exame de DNA para comprovar a sua judaicidade e a de membros de sua congregação.

Por outro lado, o rabino messiânico da Har Tzion tem uma posição bastante polêmica no que se refere à conversão. Segundo a interpretação de Guimarães, a tarefa dos judeus messiânicos é restaurar o cristianismo e não o judaísmo, ou seja, não é transformar os judeus em cristãos, mas sim fazer os cristãos entenderem que *Yeshua* era judeu e essa é a verdadeira religião.

Essa posição ambígua e pouco clara do rabino messiânico da Sinagoga de Belo Horizonte (MG) não é comum entre as diversas sinagogas messiânicas do Brasil e do mundo. O recorrente é a tentativa de converter judeus a Jesus e não cristãos ao judaísmo. Talvez essa postura de Guimarães se dê em função das poucas famílias judias de nascimento (segundo as palavras do rabino messiânico) que frequentam a sua congregação.

Outro rabino messiânico a quem questionamos sobre o processo de conversão foi Eduardo Stein, da sinagoga Beit Tefilá Yeshua, do Rio de

Janeiro. Perguntamos como uma pessoa pode pertencer a uma congregação judaico-messiânica. O *rosh* respondeu que a conversão formal é uma regalia ortodoxa em Israel e acrescentou:

“Nosso interesse não é fabricar judeus. Nós somos um centro de disseminação religiosa, não convertemos para o judaísmo. Não tenho autoridade para isso. Nenhuma sinagoga no Brasil tem autoridade para isso”.

Em entrevista, Stein declarou que a circuncisão é algo que todo menino judeu deve fazer. Mas, se o menino não for judeu e o pai achar que esse é um preceito a ser seguido, o próprio Stein colabora para que isso ocorra, em consonância com o desejo do pai. Stein acrescenta que o *moel*¹³⁷ responsável pelo ritual da circuncisão é o mesmo da comunidade judaica e, assim como no judaísmo tradicional, o ritual ocorre no 8º dia após o nascimento da criança.

Ainda segundo o religioso, o batismo é um conceito judaico, a imersão é feita no *mikve*: “*é um cerimonial para se purificar diante de Deus. Não é uma ruptura entre judaísmo e cristianismo*”. Na sinagoga Beit Tefilá Yeshua não há *mikve*, mas na Har Tzion há um *mikve*, como vimos no capítulo sobre as sinagogas messiânicas no Brasil.

Para Congregação Israelita Nova Aliança¹³⁸, para se tornar um judeu messiânico, deve-se viver de acordo com os ensinamentos da *Torá* e as palavras de *Yeshua*. Assim, os pré-requisitos, segundo essa congregação, para se fazer parte do grupo são: crer no Deus único de Israel; refutar a trindade; reconhecer a infabilidade da *Torá* e esta como a base de livros que compõem tanto as escrituras judaicas como a cristã; comprometer-se a seguir todos os mandamentos de Deus; reconhecer que Israel é o único povo de Deus.

¹³⁷ *Moel*- Pessoas que realiza o ritual da circuncisão dos meninos judeus no 8º dia após o nascimento

¹³⁸ www.israelitas.com.br/conversao/index.php.

Ainda de acordo com os preceitos dessa congregação, cabe ressaltar que, quanto ao cumprimento dos mandamentos de Deus, muitas leis contidas na *Torá* ficam abolidas, pois estavam condicionadas à existência do Templo e ao rito sacrificial. As demais têm que ser cumpridas, pois estão em vigor. Sobre a exaltação da Terra de Israel, os adeptos dessa congregação acreditam que, com a vinda de *Yeshua*, os gentios tiveram a oportunidade de se unir ao povo de Israel, mas isso não substitui esse Estado. Assim, para eles, os judeus que não aceitaram Jesus permanecem judeus e continuam a ser testemunhas da *Torá* às demais nações.

Para tornar-se judeu messiânico e assim pertencer à Congregação Israelita Nova Aliança, segundo o que seus líderes declaram, o prosélito deve, primeiramente, aceitar as condições acima descritas. Em seguida, fará um batismo por imersão, que chamam de *tevilá*¹³⁹, em nome de *Yeshua HaMashiach* e confessar os pecados. A partir desse momento o crente já será aceito por Deus de Israel como um filho e parte de seu povo. Esse batismo só será aceito se for feito em alguma das congregações filiadas à Congregação Israelita Nova Aliança e o prosélito desvincular-se de qualquer outra organização religiosa. Existe, ainda, a recomendação de se tornar um membro isolado se não houver nenhuma congregação na região do candidato, podendo, inclusive, assim formar o embrião de um novo grupo na região.

Outra sinagoga messiânica que fala sobre a conversão é a Sinagoga Adonai Shamah¹⁴⁰. A congregação declara ter como objetivos fundamentais, em primeiro lugar, revelar que Yeshua é o Messias ao povo de Israel; em segundo lugar, anunciar a todos os povos que Yeshua é o filho de Deus. Acreditam que todos os gentios devem aceitar o que chamam de "lei noética", descrita no Livro dos Atos dos Apóstolos, e que não precisam se circuncidar, pois a circuncisão é uma atitude reservada ao povo judeu, mas precisam respeitar a Torá. Isso significa afirmar que mesmo as leis restritas aos judeus precisam ser respeitadas pelos gentios. Acreditam que não há necessidade de uma pessoa mudar a sua pertença religiosa para aceitar Yeshua.

Já a Sinagoga Messiânica Sar-El¹⁴¹ rejeita a hipótese de conversão forçada ao judaísmo, uma vez que seus líderes alegam que seus antepassados, muitos dos quais *anussim*, ocultaram sua judaicidade durante

¹³⁹ *Tevilá*- Batismo por imersão. Termo em hebraico que designa a imersão no mikve para purificação ritual.

¹⁴⁰<http://www.ocaminhodevolta.com.br/2011/04/congregacao-judaico-messianica-adonai.html>.

¹⁴¹<http://sarel.org.br/>.

séculos. Sua memória acabou se perdendo devido à perseguição inquisitorial na Espanha, em Portugal e no Brasil. Muitos cresceram no cristianismo. Por isso, defendem a ideia de que tem o direito de retorno às raízes bíblicas e judaicas da fé, sem negar *Yeshua*.

A conversão, dentro das sinagogas messiânicas, assim como o fenômeno da *teshuvá* (retorno), que significa a adoção pelos judeus laicos das práticas religiosas dos judeus de linha ortodoxa, implica, como abordou Topel (TOPEL, 2005), um sentimento de pertencimento a uma comunidade singular. Essa comunidade, além de dotar de sentido a vida de seus membros, oferece segurança e uma forte identidade religiosa. É interessante notar que a conversão para os judeus messiânicos se aproxima muito mais da conversão ortodoxa do que da reformista. Essa afirmação se baseia no fato de que, como vimos, a prática do judaísmo para os reformistas é menos importante do que para os movimentos mais ortodoxos.

Observamos que os rituais de conversão ao judaísmo tradicional diferem das práticas cristãs. No cristianismo o enfoque está no espírito e não apenas na celebração de rituais, a ideia é sentir-se cristão e aceitar Jesus no “coração”. As práticas religiosas são consequência dessa aceitação, não sendo protagonistas nesse processo. Embora várias sinagogas messiânicas aleguem que o mais importante é sentir-se judeu, em uma proximidade ideológica maior com os preceitos da conversão cristã do que da judaica, na prática verificamos que os líderes messiânicos, através de suas instituições, estimulam seus fiéis a praticar os rituais judaicos e a procurarem provas de sua judaicidade, seja através de documentos, seja através de exames genéticos que teriam o poder de comprovar biologicamente seu pertencimento à comunidade judaica.

Tratando-se de um processo de conversão religiosa, podemos dizer que a mudança para outra crença implica abandonar ou substituir elementos que foram incorporados no passado religioso do ator social e considerados inadequados ao novo sistema religioso. As referências anteriores se rompem, produzindo-se assim um momento de crise, que só será superado pela adoção de novas práticas religiosas. A tarefa de conduzir a essas novas práticas fica a

cargo da nova instituição religiosa, adotada pelo neófito, fazendo aumentar assim ainda mais seu sentimento de pertencimento ao novo grupo.

Como vimos, a religião interfere na visão de mundo, assim como a cultura interfere na religião. Para Prandi (PRANDI, 2008), a cultura na atualidade é marcada por diferenças de religião, que tem o mérito de aproximar aqueles que se sentem pertencentes a ela e, portanto, ao grupo, imprimindo assim identidade ao indivíduo. Esse trajeto é feito através de uma escolha pessoal, que pode afastar esse indivíduo do convívio de sua família, amigos, comunidade, etc.

No processo de conversão, a instituição reguladora, no caso as sinagogas messiânicas e associações às quais pertencem, adotaram estratégias específicas para conquistar neófitos, “usando técnicas de persuasão, definição do consumidor e meios eficazes de chegar a ele” (PRANDI, in PIERUCCI e PRANDI, 1996).

Na realidade aqueles que passam a adotar a religião judaico-messiânica não se sentem convertidos a uma nova religião, mas apenas adaptando a sua religião de origem, seja ela cristã ou judaica, ao contexto do judaísmo messiânico. Podemos observar essa atitude entre os fiéis judeus messiânicos que, dependendo de sua origem, irão ou não incluir nas suas práticas determinados rituais compostos de elementos ora cristãos, ora judaicos. Isso se reflete nos rituais de conversão: para os indivíduos de origem cristã, o batismo por imersão é a proclamação da fé em *Yeshua*, torna-se elemento fundamental dentro do processo; já para os de origem judaica, a circuncisão recebe um peso e um significado maior do que a imersão em água.

Capítulo V: Os Judeus Messiânicos e Paulo de Tarso - um paradoxo?

5.1- Quem foi Paulo de Tarso?

Uma das questões mais instigantes sobre o judaísmo messiânico refere-se ao posicionamento de seus seguidores quanto aos escritos de Paulo nas Escrituras. Seus fiéis defendem o apóstolo, alegando ser ele um grande injustiçado por análises errôneas e até mesmo tendenciosas de suas Cartas. Consideram-no um grande judeu e defensor árduo das práticas judaicas. No entanto, o apóstolo Paulo de Tarso, muitas vezes, é tratado como o mais antijudaico dentre aqueles que escreveram as Escrituras Cristãs.

Antes de iniciar-se a análise, é de fundamental importância esclarecer que este capítulo não pretende esgotar assunto tão complexo e extenso. A intenção é apenas analisar como os judeus messiânicos se posicionam frente a tão controverso tema, em uma tentativa de legitimar as suas crenças e práticas religiosas.

Para os judeus messiânicos, Paulo representa a continuação da religião de Israel; para outros, como teólogos que serão abordados neste capítulo, o apóstolo teria promovido um rompimento total com o judaísmo. Alguns afirmam que ele teria uma postura austera e até mesmo inflexível, enquanto outros defendem o seu modo dialético de lidar com os interlocutores de suas cartas. (FERREIRA, 2011).

Trata-se de uma questão polêmica, levantada não só por judeus, mas também por diversos representantes de comunidades cristãs, inclusive é tema de debate entre os próprios judeus messiânicos. A questão fundamental aqui é: é possível depreender das Escrituras Cristãs, e mais especificamente de Paulo, um posicionamento antijudaico?

Se Paulo de fato era antijudeu, a adoção das Escrituras Cristãs pelos judeus messiânicos se torna um paradoxo. Pois, se os membros desse grupo se autoidentificam judeus, posicionando-se como uma vertente do judaísmo e

não como uma religião à parte, a adoção de um texto antijudaico torna a pertença religiosa a esse grupo extremamente frágil e contraditória.

Para termos algum entendimento do posicionamento de Paulo de Tarso quanto à questão judaica, é necessário, em primeiro lugar, tentar esclarecer a questão: quem foi Paulo? Logicamente essa questão não contém uma resposta fácil, mas existem alguns indicativos oferecidos nos Atos dos Apóstolos e nas próprias epístolas sobre quem foi e como pensava tão controverso apóstolo.

Segundo a Enciclopédia Judaica, Paulo de Tarso ficou conhecido como o apóstolo dos gentios. A vida de Paulo é relatada no Ato dos Apóstolos e nas sete epístolas reconhecidas como genuinamente paulinas. O apóstolo teria sido um judeu que nasceu no primeiro ano da era comum. Seu nome original era Saul e ele era nativo de Tarso, na Cilícia¹⁴², o apóstolo possuía a cidadania romana. Provavelmente Paulo era fariseu e estudou em Jerusalém e, de acordo com os Atos dos Apóstolos (22,3), ele teria sido pupilo do Rabban Gamaliel¹⁴³.

Segundo o linguista Moisés Ferreira (FERREIRA, 2011), Paulo jamais negou sua origem farisaica e a fé na religião judaica. Ao contrário, teria o apóstolo reconhecido abertamente sua herança cultural e religiosa. Para o autor, o apóstolo era judeu e foi na qualidade de judeu com dupla formação, judaica e helênica, que recebeu a sua missão evangelística.

Inicialmente, Paulo teria sido um fanático perseguidor dos cristãos. No entanto, de acordo com as Escrituras Cristãs, quando ele se encontrava em Damasco, teve uma visão de Jesus e se converteu ao cristianismo, cessando assim as perseguições e passando a ter um comportamento missionário. O apóstolo teria, segundo o relato bíblico, realizado três jornadas missionárias,

¹⁴²Cilícia- antiga região ao sul da atual Turquia, onde se localizava a cidade de Tarso-
<http://www.livius.org/cg-cm/cilicia/cilicia.html>.

¹⁴³Gamaliel, também chamado de Raban Gamaliel, era um professor duas vezes mencionado no Novo Testamento). Segundo a tradição - mas não fato histórico - Gamaliel sucedeu seu pai, Simon, seu avô, o famoso sábio Hillel, nasi (presidente) da suprema corte judaica, o Sinédrio judaica.
http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en%7Cpt&u=http://www.gracenotes.info/documents/TOPICS_DOC/gamaliel.pdf.

convertendo gentios ao cristianismo. Ele, entretanto, não foi o primeiro pregador do cristianismo aos gentios, mas certamente foi o mais importante desses missionários (Encyclopaedia Judaica Jerusalem, vol. 13 p. 190-191).

Segundo a tese do teólogo Sanders¹⁴⁴ (...), a maioria dos estudiosos das Escrituras Cristãs sugere que há uma antítese entre Paulo e o judaísmo e enxergam nessa antítese um fator central no entendimento de Paulo e no judeu que se tornou cristão. A questão está em caracterizar o judaísmo como uma religião de salvação, enquanto que Paulo parece ver o judaísmo como uma religião fundamentalmente legalista, na qual a salvação só é alcançada através do mérito. No primeiro século, a relação dos judeus com a aliança entre Israel e Deus era essencial para forjar a identidade nacional e para a cristalização de sua religião. O eixo fundamental dessa identidade era baseada na escolha dos judeus por Deus a fim de se tornarem o povo escolhido, e a lei foi dada como expressão dessa aliança. A justiça, portanto, era entendida em termos da manutenção desse relacionamento, o que Sanders irá denominar de *nomismo* da aliança.

O teólogo também afirma que é fundamental entender os escritos de Paulo dentro de seu próprio contexto. Para o autor, havia uma diferença entre o padrão religioso do judaísmo da época e o judaísmo defendido e entendido pelo apóstolo, ou seja, no cristianismo a justiça era encontrada pela fé em Cristo, diferente dos judeus daquela época. Paulo teria distorcido o judaísmo dos seus dias. Ele separou a Lei da Aliança e assumiu um ponto de vista gentio.

Dentro dessa teoria, vemos que Paulo atacava principalmente o *nomismo* da Aliança e acreditava que viver pela lei era condição de um *status* favorecido. Para o apóstolo essa nunca foi a vontade de Deus.

¹⁴⁴ibidem

Segundo James Dunn, em sua obra *a Nova Perspectiva sobre Paulo*¹⁴⁵, os modelos, que teriam sido escritos por Paulo de Tarso, não seriam apenas imprecisos, mas a interpretação luterana estaria fundamentalmente errada. Mas, para Dunn, essa análise é insuficiente para compreender os escritos do apóstolo. Segundo suas palavras: “O Paulo luterano foi substituído por um Paulo idiossincrático, que de modo arbitrário e irracional vira o rosto da glória e grandeza da teologia da aliança do judaísmo e que abandona o judaísmo simplesmente por não ser cristianismo”¹⁴⁶.

A justificativa de Dunn para aceitar apenas parcialmente a tese de Sanders seria que, apesar de provavelmente Paulo ter ficado impressionado com o cristianismo e, conseqüentemente, ressentido com o judaísmo, como mostra o relato do encontro com Jesus na estrada para Damasco, ele não foi o único judeu que se tornou cristão. Seria muito estranho pensar que Paulo simplesmente abandonou completamente o judaísmo para adotar um outro sistema tão diverso, como era o cristianismo.

Segundo a tese de Dunn, Paulo não atacava o judaísmo como um todo, mas sim aquilo que ele considerava incorreto na lei judaica. Era contra aquelas regras que ele teria considerado estritamente legalistas e raciais, como é o caso da circuncisão ou as leis dietéticas. Sanders teria compreendido essa questão apenas parcialmente, confundindo as “obras da Lei” com as “práticas da Lei”. Em defesa de Sanders há que se compreender que, para o judaísmo, não existe a possibilidade de se acatar apenas parte da Lei, ou se a aceita como um todo, ou se está fora do sistema judaico.

Exegetas em geral concordam que há em Paulo tanto um violento ataque quanto uma febril defesa do judaísmo e de suas práticas, eis alguns exemplos:

¹⁴⁵Paul and Palestinian Judaism [Paulo e o Judaísmo Palestino], de E. P. Sanders, [anteriormente] da Universidade McMaster, no Canadá10.

¹⁴⁶www.thepaulpage.com/NPP_Portuguese.pdf, acesso em 30/07/2013

Posicionamentos antijudeus:

- *"Todos que confiam em obras da lei estão sob uma maldição" (Gálatas 3,10).*
- *"Ninguém será justificado diante dele (Deus) por obras da lei, através, da observância da Lei" (Romanos 3,20).*
- *"Israel, que procurou uma lei de justiça, não conseguiu cumprir aquela lei" (Romanos 9,31).*
- *"Mas as suas mentes obscureceram; até o dia de hoje o mesmo véu sobre a leitura do antigo testamento permanece; não é tirado, pois em Cristo é desfeito. Sim, até hoje, quando Moisés é lido, um véu está sobre o seu coração" (2 Cor 3,14-15).*

Posicionamentos favoráveis ao judaísmo:

- *"O quê é o extraordinário do judeu? Ou o que vale a circuncisão? Muito, sob todos os aspectos." (Romanos 3,1).*
- *"Derrubamos, então, a lei pela fé? De modo nenhum, ao contrário: sustentamos a lei!" (Romanos 3,31).*
- *"Assim, a lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom" (Romanos 7,12).*
- *"que são os israelitas, dos quais são a filiação, a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; dos quais são os padres e os quais é o Cristo segundo a carne,..." (Romanos 9,4).*
- *"Não teria Deus rejeitado o seu povo? De modo nenhum..." (Romanos 11,1).*
- *"Todo o Israel será salvo..." (Romanos 11,26).*
- *"A lei, então, é contra as promessas de Deus? De modo nenhum..." (Gálatas 3,21).*

Gager¹⁴⁷ vê indícios muito claros, em sua análise, de que Paulo têm sido mal interpretado (essa é a mesma justificativa dos judeus messiânicos, como veremos adiante). O autor não enxerga antijudaísmo em Paulo. A Carta aos Romanos, por exemplo, teria sido uma má sucedida tentativa de corrigir as várias formas de distorção daquilo que ele havia pregado. No caso da circuncisão que, em Gálatas 5,6 e 6,15, teria sido pelo apóstolo considerada abolida e não mais necessária, podemos assim considerar, segundo o autor:

Um fator final é importante no entendimento das cartas de Paulo a partir do ponto de vista de Paulo: A mensagem de Paulo aos gentios e sobre estes – que lhes seria oferecida salvação fora da aliança com Israel – era ativa e clamorosamente resistida por outros dentro do movimento de Jesus. Esses grupos antipaulinos, que o próprio Paulo ligou com Pedro e Tiago (o irmão de Jesus), insistiram em que seguidores gentílicos de Jesus não pudessem ser salvos ou redimidos senão por chegarem a ser membros do povo de Israel. Para masculinos adultos significava isso circuncisão. Sabemos também que esses líderes antipaulinos de dentro do movimento de Jesus seguiram Paulo de cidade a cidade, tentando impor seu evangelho de circuncisão nos crentes gentílicos de Paulo. A questão entre Paulo e seus oponentes não era se

¹⁴⁷GAGER John G.: Reinventing Paul. Oxford: University Press, 2000. 198 pp., 23 X 15,5 cm. ISBN 0-19-513474-5.

*gentios podiam chegar a ser seguidores de Jesus. Podiam. A questão era se eles primeiro tinham de tornar-se judeus ou um novo caminho para eles tinha sido aberto pela fé e morte de Jesus.*¹⁴⁸

Assim a preocupação com a circuncisão, por exemplo, não é direcionada aos judeus, mas sim aos gentios dentro dos movimentos de Jesus. Paulo escrevia não para convencer os judeus, mas os gentios. Pelo entendimento desse autor, Paulo não teria proferido ira contra a Lei ou Israel e não ignorou as Escrituras Hebraicas. Ainda dentro dessa teoria, as falsas interpretações de Paulo começaram em seu próprio tempo e continuam sendo vistas dessa maneira por dois mil anos.

5.2 - Paulo de Tarso e o antijudaísmo

Dentre os autores que enxergam um forte sentimento antijudaico em Paulo está David Flusser. Para o autor, há um forte sentimento antijudaico nas Escrituras Cristãs, porém nenhum sentimento antisemita, já que aqueles que escreveram as Escrituras Cristãs eram de origem semítica (FLUSSER, 1988).

Segundo Flusser, é provável que o cristianismo, apesar de ter sua gênese no judaísmo, não encontrava entre os judeus a maioria de seus seguidores. Dessa forma o nascente cristianismo se tornou provavelmente uma religião de gentios que repudiavam as Escrituras Hebraicas e o modo de vida judaico (até mesmo entre os seguidores judeus). Assim poderia ter surgido com o cristianismo um forte sentimento antijudaico, que encontrava fortes argumentos no Novo Testamento, principalmente nas Cartas de Paulo.

A origem judaica do cristianismo é um fato histórico. Também está claro que ele constituía uma nova comunidade, distinta do judaísmo. Portanto, o cristianismo se encontra na situação peculiar de ser uma religião que, em virtude de suas origens cristãs, é obrigada a se ocupar com o judaísmo, ao passo que um judeu pode viver plenamente a sua vida religiosa sem lidar com os problemas do cristianismo (FLUSSER, 1988).

¹⁴⁸http://www.jcrelations.net/As_ContradiesdePaulo-PodemElasSerResolvidas.2486.0.html,

É muito provável que os evangelistas, assim como Paulo, segundo Pe. Hortal¹⁴⁹ escreviam no intuito de afiançar a sua identidade. Isso se torna bastante claro na leitura da carta aos Hebreus, em que a superioridade de Jesus é destacada, como mostram os versículos:

- a) *O Filho é superior aos anjos: Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da majestade nas alturas, tornando-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior aos deles. (Hb 1-4).*
- b) *Jesus é superior a Moisés: Portanto, santos irmãos, participantes do chamado celestial fixem os seus pensamentos em Jesus, apóstolo e sumo sacerdote que confessamos. Ele foi fiel àquele que o havia constituído, assim como Moisés foi fiel em toda a casa de Deus. Jesus foi considerado digno de maior glória do que Moisés, da mesma forma que o construtor de uma casa tem mais honra do que a própria casa. Pois cada casa é construída por alguém, mas Deus é o edificador de tudo. Moisés foi fiel como servo em toda casa de Deus, dando testemunho do que haveria de ser dito no futuro, mas Cristo é fiel como Filho sobre à casa de Deus; e esta casa somos nós, se é que nos apegamos firmemente à confiança e à esperança da qual nos gloriamos. (Hb 3, 1-7)*

Esse caráter de superioridade não podia ser aceito pela maioria dos judeus dos primeiros séculos da Era Comum, pois não acreditavam que Jesus fosse o Messias enviado por Deus. Uma tese provável é a de que talvez o zelo pelo judaísmo, que impulsionou o apóstolo a tomar parte na repressão inicial contra o cristianismo nascente, acabou transformando-se em ardor proselitista pela nova religião.

Ainda segundo Hortal em Gálatas e mais especificamente na Carta aos Romanos, encontra-se o principal foco da teologia paulina, que é o da justificação pela fé. O contexto da Carta aos Romanos, por exemplo, é o de uma comunidade onde as divergências parecem conduzir a sérios desentendimentos entre os judeus que se converteram ao cristianismo e os pagãos que também o fizeram.

¹⁴⁹ <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-acesso em 04/07/2013>.

Nessa epístola, Paulo conclui que a única salvação está em Cristo, portanto, aqueles que permanecessem no judaísmo estariam fora dessa dádiva. Talvez esse seja o principal motivo da polêmica em torno dos escritos de Paulo e a principal argumentação daqueles que o consideram um apóstolo antijudaico.

Na Carta aos Romanos, Paulo relata que os cristãos gentios desprezavam os judeus, considerando-se de fato mais cristãos do que aqueles provindos do judaísmo, por isso passam a desprezar os judeus. O apóstolo deixa claro que não concorda com tal postura, pois diante de Deus todos seriam iguais¹⁵⁰. Segundo a teoria de Pe. Jesus Hortal, Paulo estaria convencido de que os judeus "pertencem à adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os patriarcas"; deles é "o Cristo segundo a carne" (Rm 9,4-5).

Sobre a questão da judaicidade de Paulo, Flusser (FLUSSER,1988) afirma em sua obra que Paulo "nasceu submetido a uma lei" (Gal 4, 4) e que ele "se fez ministro dos circuncisos para honrar a fidelidade de Deus, no cumprimento das promessas feitas aos pais" (Rm 15, 8). Dessa forma, o autor reconhece que Paulo era um judeu devoto que vivia, a exemplo do que faziam outros judeus, em conformidade com a Lei de Moisés e que recomendou esse modo de vida religioso a seus discípulos.

No entanto, o discurso das epístolas não tem uma lógica retilínea. Paulo, por exemplo, fez duras críticas a Pedro pelo fato de ele (Pedro) exigir que os gentios vivessem como judeus (Gal 2, 14). Em (Gal 2, 15-21), ele diz que "ninguém se justifica pela prática da lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo. Também nós cremos em Jesus Cristo, e tiramos assim a nossa justificação da fé em Cristo, e não pela prática da lei. Pois, pela prática da lei, nenhum homem será justificado (...) mas, em verdade, se a justiça se obtém pela lei, Cristo morreu em vão".

¹⁵⁰ Ibidem.

Conforme a Enciclopédia Judaica e também a teoria de Flusser (FLUSSER, 1988), Paulo não era o único cristão que se opunha aos gentios praticantes do judaísmo. No entanto, era o mais influente. A liberação do cristianismo gentio do jugo dos mandamentos judaicos era um passo necessário para que o cristianismo se transformasse numa religião gentia, distinta do judaísmo.

Em seus escritos, Paulo não fala explicitamente sobre a necessidade de separar o cristianismo de sua matriz judaica, mas está claro que foi esse seu papel. Paulo foi o fator mais importante num movimento que deu origem ao cristianismo como religião distinta. Ele teria sido, segundo Flusser, o expoente máximo da doutrina segundo a qual o modo de vida judaico não tinha nenhum valor para os cristãos.

Paulo, em Gálatas 4, 21 – 5, 1, foi mais longe ao falar sobre as duas alianças. Disse que aquela que gerava filhos para a escravidão era a aliança proveniente do monte Sinai, simbolizada pela escrava Agar, ao passo que a nova aliança do cristianismo era a mulher livre Sara (FLUSSER, 1988). Disso podemos depreender que Paulo considera o cristianismo uma superação do judaísmo, este estando preso a uma Antiga Aliança, a ser necessariamente superada a fim de libertar a humanidade de uma prisão semelhante à escravidão. Para Paulo, o cristianismo, através da chamada Nova Aliança, liberta.

É de fato curioso notar que os detratores do judaísmo messiânico costumam atacá-lo usando, para isso, as palavras de Paulo. Abaixo vemos uma crítica feita pela Igreja Evangélica Missionária sobre o judaísmo messiânico. Nessa análise, assume-se um posicionamento contrário aos judeus messiânicos, através de um olhar muito crítico, extremamente ácido, defendendo claramente, da mesma maneira, o antijudaísmo de Paulo:

A visão dos Judeus Messiânicos é desviar o povo de Deus da verdadeira fé! Não temos que nos unir ao povo judeu, somos unidos a Cristo que é o Cabeça da Igreja. Por que deveríamos nos unir aos

judeus? Qual seria a vantagem? Nem uma(sic) Vejamos o que diz a Palavra de Deus: “Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado...” (Rm 3, 9). Portanto, a proposta dos Judeus Messiânicos é antibíblica e deve ser rejeitada por todos os que professam serem seguidores de Jesus. A Bíblia diz justamente o contrário a respeito da “restauração das raízes judaicas da fé cristã”, porque essa restauração nada mais é do que uma volta aos rudimentos da Lei, a qual Cristo Jesus cumpriu por nós, e se Ele cumpriu qual a necessidade de manter aquilo que era sombra? Nenhuma. “... não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificado gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus...” (Rm. 3, 22b, 23, 24). Se todos pecaram e a Lei não aperfeiçoou nada, Por que todo o interesse em querer que as Igrejas voltem ao judaísmo-messiânico? A jactância! “É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também dos gentios, visto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso” (Rm. 3, 28-30). Portanto, qual a vantagem da reconecssão (sic) com o povo judeu? Nem uma! O verdadeiro Israel de Deus tem o objetivo de alertar o povo contra os falsos ensinamentos que a cada dia vem se propagando de uma forma alarmante. O que é mais perigoso ainda, é que esses ensinamentos vêm mascarados de verdade. O falso se confunde com o verdadeiro e muitos aceitam sem uma avaliação prévia.¹⁵¹

Como vemos no trecho acima, a visão daqueles que atacam frontalmente o judaísmo messiânico parte do princípio de que o judaísmo deve ser rejeitado e que foi superado pelo advento de Cristo. Paulo é visto como absolutamente antijudeu e isso é considerado como algo adequado e esperado. Usando essa contundente argumentação, consubstanciada em argumentos teológicos, o judaísmo messiânico é considerado anti-bíblico e herético por essa corrente de pensamento.

Uma fiel da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ao saber da proposta deste trabalho, colocou-se da seguinte forma:

“O Apóstolo Paulo, assim como JESUS, abominava as tradições. Quando veio a este mundo, JESUS encontrou os judeus envolvidos em enganos, praticando rituais que não vinham de encontro (sic) ao que DEUS queria de Seus filhos”

¹⁵¹ <http://prbeto-estudosteologicos.blogspot.com/2010/02/judeus-messianicos-uma-antiga-heresia.html>

A postura dessa fiel é bem clara: ela vê em Paulo um crítico das tradições judaicas, consideradas deturpadas. Portanto, na visão dessa evangélica, o apóstolo deveria achar o rompimento com o judaísmo algo bom e esperado.

Paulo era judeu de origem, mas ainda assim um cidadão romano, o que seria emblemático, já que pertenceria a um povo (os judeus) que se submetia ao imperialismo de outro povo (os romanos). Essa posição deveria ser profundamente incômoda, colocando o apóstolo em uma constante dualidade. Essa mesma dualidade aparece na questão de sua crença: assim como se declarava um zeloso judeu, cumpridor das leis, ao mesmo tempo se declarava crente em Cristo, que seria o verdadeiro Messias enviado por Deus. Haveria, portanto, em Paulo, um constante paradoxo, uma verdadeira luta dialética, ora defensor árduo do judaísmo, ora seu mais virulento crítico¹⁵².

5.3 - Paulo de Tarso não foi antijudeu

Das mais importantes lideranças que discutem a postura com relação ao judaísmo está o próprio Vaticano. Abaixo segue a análise, em primeiro lugar, do discurso do Papa João Paulo II aos participantes do encontro sobre Antijudaísmo, promovido pela comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do ano de 2000. Esse discurso contém a ideia de que Paulo não era antijudeu. Abordaremos também o texto do Papa Bento XVI sobre o apóstolo Paulo, em audiência geral de julho de 2008, segundo o qual de fato Paulo promoveu um rompimento entre o judaísmo e o nascente cristianismo.

O discurso do Papa João Paulo II trata sobre a interpretação das relações da Igreja Católica Romana com o povo judeu. O texto fala sobre as interpretações errôneas do Novo Testamento e a culpa que recai sobre os judeus, gerando sentimentos de hostilidade e culpabilidade desse povo.

¹⁵²<http://triplov.com/letras/Mario-Dirienzo/Paulo/detracao-Nietzsche.htm>.

Segundo a Igreja, o antissemitismo não tem qualquer justificação e é condenável.

João Paulo II, nesse simpósio, reflete sobre o apóstolo Paulo e em especial sobre a Carta aos Romanos que, segundo o então Papa, “oferece luzes decisivas sobre o destino de Israel em conformidade com o desígnio de Deus”.

O Papa afirma que os judeus foram escolhidos por Deus e assim sua existência é um fato sobrenatural e não mera consequência natural ou cultural. Esse é o povo da Aliança e, apesar das constantes infidelidades humanas, Deus permanece fiel ao homem e à Aliança e isso não deve ser ignorado. Afirma que a Igreja mantém o vínculo com as Escrituras Hebraicas, sem o qual o Novo Testamento estaria desvirtuado do seu sentido. Segundo o religioso, as Escrituras Cristãs são inseparáveis do povo judeu e da sua história. João Paulo II diz que estariam fazendo interpretações errôneas das Escrituras os que consideram um mero acidente histórico ou geográfico o fato de Jesus ter nascido judeu e os que substituem uma tradição religiosa por outra sem perda de identidade.

Nesse discurso o Papa declara que, na Carta aos Romanos, Paulo indica que se deve ter sentimentos fraternais com os filhos de Israel (Rm 9, 45) e defende a ideia de que Deus ama os judeus, “cujos dons e eleição são irrevogáveis” (Rm 1, 28-29).

Desse pequeno resumo do discurso de João Paulo II, depreendemos que a Igreja não aceita ações discriminatórias contra os judeus justificadas a partir das cartas de Paulo e condena ações antissemitas. No entanto, aparentemente mantém uma posição antijudaica, ou seja, Paulo teria de fato fundado uma nova religião¹⁵³.

¹⁵³http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080702_po.html

O discurso do Papa Bento XVI, em audiência geral, proferido em 2008, sobre Paulo, começa afirmando que esse apóstolo foi exemplo de total dedicação a Deus e à Igreja, por isso merece um grande esforço para ser compreendido. Os principais fatores a serem analisados é o ambiente em que Paulo nasceu e se desenvolveu e o contexto global em que ele se insere.

Segundo o Papa, o apóstolo veio de uma cultura bem específica e minoritária. Naquele período os judeus deveriam representar cerca de 10% da população total do Império Romano e seu estilo de vida causava surpresa, às vezes admiração, mas às vezes ridicularização:

"Os seus credos e o seu estilo de vida, como acontece também hoje, distinguiam-nos claramente do ambiente circunstante; e isto podia ter dois resultados: ou a ridicularização, que podia levar à intolerância, ou então a admiração, que se exprimia de várias formas de simpatia, como no caso dos "teementes a Deus" ou dos "prosélitos", pagãos que se associavam à sinagoga partilhavam a fé no Deus de Israel".

Assim, segundo Bento XVI, não é de se admirar que Paulo tenha sido objeto de uma avaliação dúbia. Se entre os judeus era difícil sua posição dentro do Império Romano, maior seria a posição daqueles que haviam aderido a Jesus, pois não só se distinguiam da maioria pagã, como também do judaísmo.

Dois fatores favoreceram as andanças de Paulo por inúmeros locais naquela época: a cultura helenista, que era patrimônio comum no Mediterrâneo oriental e no Oriente Médio, e a estrutura político-administrativa do Império Romano, que garantia estabilidade e paz. Essa característica universalista do apóstolo, segundo o papa Bento XVI, era fundamental para a disseminação da fé cristã: "Já não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo" (Gal 3, 28).

Paulo era judeu de língua grega e cidadão romano. Essas três características teriam influenciado as suas escolhas. O Papa recorda também que, na época, a filosofia estoica era predominante e que provavelmente

influenciou Paulo em suas escolhas. Nessa filosofia estão contidos valores de humanidade e sabedoria, como cita o Papa, na Carta aos Filipenses:

"Tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de algum modo mereça louvor, é o que deveis ter em mente" (Fl4, 8), não faz senão retomar uma concepção claramente humanista própria daquela sabedoria filosófica".
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080702_po.html

Bento XVI refere-se também a uma crise na religião judaica, que haveria conduzido a várias injustiças:

"Na época de São Paulo havia também uma crise da religião tradicional, pelo menos nos seus aspectos mitológicos e também cívicos. Depois que Lucrecio já um século antes, tinha polemicamente asseverado que "a religião conduziu a muitas injustiças" (De rerum natura, 1, 101), um filósofo como Sêneca, indo muito além de todo o ritualismo exteriorista, ensinava que "Deus está próximo de ti, está contigo, está dentro de ti" (Cartas a Lucílio, 41)¹⁵⁴

Da fala do papa Bento XVI, concluímos que o clérigo considera Paulo antijudeu, apesar de suas raízes no judaísmo e que o apóstolo prega um rompimento com as injustiças da religião tradicional, influenciado pelos valores gregos e romanos.

A partir da apresentação desses dois discursos de dois importantes Papas contemporâneos, chegamos à conclusão de que nem mesmo o Vaticano mantém uma tese única sobre o posicionamento do apóstolo Paulo sobre a questão do rompimento deste com Israel.

¹⁵⁴ http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080702_po.html

5.4 - Como os judeus messiânicos superam o suposto antijudaísmo de Paulo de Tarso?

A partir do exposto, discutiremos a posição dos judeus messiânicos, procurando saber como eles se colocam frente à posição de inúmeros autores que consideram Paulo um apóstolo antijudeu. Dessa forma, procuraremos saber como superam os paradoxos, analisados nas páginas acima.

Para os judeus messiânicos, o Pentateuco deve permanecer integralmente em vigor, sendo observado tanto moral como ritualmente por aqueles que professam a fé em Cristo. Eles creem que Jesus ensinou e reafirmou a *Torá*. Outra crença entre os judeus messiânicos é a de que os judeus foram e continuaram a ser o povo escolhido por Deus.

Os judeus messiânicos se opõem à Teologia da Substituição, a visão de que a Igreja substituiu Israel nos planos de Deus, ou seja, que o pacto mosaico foi substituído pela Nova Aliança do Novo Testamento. Nesse contexto, afirmam que, embora tenha rejeitado Jesus, o povo judeu não perdeu o estatuto de povo escolhido por Deus.

David Stern, teólogo do Judaísmo messiânico, editou um volume denominado *New Testament Coment*, em que lançou notas explicativas do ponto de vista judaico-messiânico sobre o Novo Testamento e sobre as encíclicas de Paulo.

Outro teólogo do judaísmo messiânico que escreveu comentários sobre Atos, Romanos e Gálatas foi Joseph Shulan. Segundo sua visão, Paulo permaneceu um judeu fariseu até sua morte. Essa afirmação está baseada em Atos 23, 6, versículo em que são detalhados os acontecimentos após a aceitação de Jesus pelo apóstolo:

“Mas quando Paulo percebeu que uma parte era de saduceus e outra de fariseus, clamou no conselho: Homens, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu: da esperança e da ressurreição dos mortos sou chamado em questão”.

Os judeus messiânicos acreditam que os frequentes erros de tradução dos escritos de Paulo levaram à crença de que o apóstolo teria uma postura antijudaica. Dessa maneira, sustentam que Paulo nunca polarizou o evangelho entre fé e obras justas, mas que é necessário um para manter o outro¹⁵⁵.

É interessante notar que Stern, em Comentário Judaico do Novo Testamento (2007), no capítulo que trata da Carta aos Hebreus, afirma que o verdadeiro nome dessa carta seria Carta aos Judeus Messiânicos. Segundo o autor, a mudança do nome dessa epístola se deve a um erro, pois o título em grego, encontrado em vários manuscritos antigos, “*Pros Ebraios*” (aos Hebreus), não faz parte do documento original e que o nome Hebreus foi utilizado com o objetivo de indicar que o livro trata de assuntos de interesse dos crentes em Jesus, que são também judeus. Assim, Stern afirma: “Por essas razões e porque no geral minha tradução para o inglês moderno evita arcaísmos e linguagem “igrejeira” traduzi o título dessa forma: “para um grupo de judeus messiânicos”. O autor defende a tese de que as demais cartas, Paulo escreveu para os gentios, mas esta foi escrita aos judeus.

Marcelo Guimarães Miranda, líder da Sinagoga Messiânica *Har Tzion*, de Belo Horizonte, dissertou longamente sobre Paulo, em defesa do apóstolo, que não é considerado em absolutamente nada antijudeu pelo rabino messiânico. A seguir explanaremos a interpretação feita por ele sobre os textos de Paulo que foram considerados contrários ao judaísmo¹⁵⁶.

Segundo Guimarães, para Paulo existem duas circuncisões, a física, que é aquela feita pelo pacto no Sinai, e a de coração, que foi feita com Jesus, O judeu, circunciso de coração. Marcelo Guimarães falou, em sua entrevista, que um judeu ateu não tem valor, ou seja, um judeu verdadeiro tem que ser circunciso de coração, ele tem que estar com a fé dele na *Torá*, nos Profetas e em *Yeshua*. Ainda, Hebreus é uma carta dirigida aos judeus messiânicos. Para ele, essa epístola não fala nada contra a *Torá*, pelo contrário, o que

¹⁵⁵ www.wildolive.co.uk/messianic_history.htm

¹⁵⁶ Todas essas análises de Marcelo Guimarães foram transformadas em um curso oferecido pelo CATES (departamento de cursos da Har Tzion), e são ministrados pelo próprio rabino.

provavelmente ocorreu foi a adulteração das palavras de Paulo, pois ali não se afirma que os dogmas foram quebrados com a Nova Aliança. Para o rabino messiânico, o que é dito em Hebreus seria que a carta anulou a Lei, mas isso é uma má interpretação cristã, que vai contra a *Torá*.

O que se fala na carta, é a anulação da lei sacrificial: nos capítulos 9, 10, 11, “não é preciso mais sacrificar bodes e cordeiros, porque Yeshua que é o cordeiro foi imolado por todos” Assim então segundo Guimarães, somente as leis sacrificiais, teriam sido abolidas por Paulo. (Transcrição da Entrevista com o rabino Marcelo Miranda Guimarães em 21/07/2011- Belo Horizonte- MG.).

Ainda segundo esse autor, a Carta aos Hebreus não endossa, em nenhum versículo, que Paulo ou que os cristãos deveriam romper com os ensinamentos da *Torá* ou substituir Israel e a antiga aliança. Abaixo a fala de Guimarães deixa clara essa posição:

O que a Carta aos Hebreus deixa claro é que as leis sacrificiais para o perdão dos pecados deram lugar ao sacrifício único e eterno de Yeshua no madeiro, ou seja, somente as leis sacrificiais para o pecado, e jamais esta carta induz a nenhum cristão a romper com a Tanach, com Israel e seu povo. Há muitas traduções e mesmo palavras mal traduzidas nesta carta. A bíblia, versão original do Dr. David Stern, nos dá uma boa e mais correta tradução dos versículos mal traduzidos que trouxeram tanta confusão quanto à interpretação desta linda e mais bela carta aos Hebreus.

(Transcrição da Entrevista com o rabino Marcelo Miranda Guimarães em 21/07/2011- Belo Horizonte- MG.)

Em seu livro *Temas Judaicos Messiânicos* (GUIMARÃES, 2005), o autor entende que, segundo Romanos 11, a Igreja Gentílica é um enxerto na oliveira, que é Israel. Para o autor, poucos crentes entendem realmente o significado profético dessa epístola. A sua tese é a de que Deus não rejeitou o povo e a nação de Israel, como vemos no trecho abaixo:

Assim como, existe um remanescente segundo a eleição da graça, ou seja, aqueles judeus que aceitaram a Yeshua como os apóstolos no primeiro século, os judeus que se converteram ao longo da história, até os dias de hoje, e aqueles que ainda aceitarão o Messias Yeshua. Excetuando-se estes judeus messiânicos que hoje estão na graça, Deus deu um espírito de entorpecimento, olhos para não verem, e ouvidos para não ouvirem. (GUIMARÃES, 2005).

Em outro livro do rabino messiânico Marcelo Guimarães, “Trazendo a Igreja de volta as suas raízes bíblicas e judaicas” (2008), existe a defesa de que o apóstolo Paulo nunca rompeu, ou sequer propôs o rompimento, com a *Torá* nem com a primeira Aliança, nem com os costumes de seu povo. Segundo o autor, Paulo era judeu zeloso da *Torá* (At 21, 20, At 25, 8, Fp 3, 5; Rm 7, 22). Nesse livro Guimarães diz que todas as Cartas de Paulo, sem exceção, endossam que a lei é santa, justa e boa e que a graça de *Yeshua* jamais anulou a lei, a *Torá*. (RM 7, 22). Paulo nunca deixou de ser um bom judeu, frequentador de sinagogas, mesmo fora de Israel, como em Corinto, Roma, Êfeso, etc. (At 13, 14, 17, 2, 18, 4 e outras citações).

Para Guimarães, a igreja cristã é a responsável pela interpretação errônea das cartas de Paulo. Tiraram o contexto judaico delas, traduziram frases erradas como em Rm 10, 4 dizendo que “o fim da lei é Cristo”, quando ali no original a palavra é *Telos*, que tem sentido de finalidade, propósito e não de terminar, excluir, como os cristãos apregoam. Conforme o autor, a Teologia da Substituição, criada pelos pais da Igreja Cristã, logo após o Concílio de Niceia, em 323 d.C., teria sido responsável por todas essas más interpretações, pelo antijudaísmo e pelo antissemitismo existentes ainda hoje nas igrejas cristãs. Essa teologia diz que a igreja cristã (católica, na época) substituiu Israel e seu povo e que as promessas de Deus, dadas a Israel, agora são pertencentes à Igreja.

Segundo Stern (STERN, 1988), em Romanos 10,4, a tradução desse versículo está errada, como vemos no trecho abaixo:

“Porque Cristo é o fim da Lei, para justificar todo aquele que crê”. Com essa tradução, a maioria dos teólogos entende que o versículo diz que Yeshua acabou com a Torá. Mas a palavra grega traduzida como “fim” é Telos, donde provém a palavra teologia, definida no dicionário Webster’s Third International como “o estudo filosófico das evidências de desígnio na natureza;...o fato ou caráter de ser orientado em direção a um fim, ou amoldado por um propósito – usado de ...natureza...concebido como determinado...pelo desígnio de uma Providência divina...” O significado normal de Telos em grego, que é também o seu significado aqui, é “objetivo, propósito, consumação, não “término”. O Messias não acabou e não acaba com a Torá. Pelo contrário, atenção ao Messias e fé nele são a finalidade e propósito para as quais se orienta a

Torá, a consequência lógica, o resultado e a realização da observância apenas por legalismo. Assim o que Sha'ul mostra não é o fim da Torá, conforme se pode verificar do contexto de Romanos 9,30; 10, 11. (STERN, 1989).

Assim Guimarães e Stern afirmam que, segundo Paulo, a Antiga Aliança não foi removida. “Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até o dia de hoje, quando (os judeus) fazem a leitura da Antiga Aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, no Messias (em Cristo) é removido” (II Cor 3,14).

Outra justificativa usada por Guimarães: “Em Rm 11, 4-10, quando Deus afirma que não rejeitou a eleição da Casa de Israel também confirma essa teoria. O rabino messiânico argumenta que Deus cegou o entendimento dos judeus, pois não conseguem ver *Yeshua* nas Escrituras nem entender o plano da redenção messiânica: “mas os seus sentidos foram endurecidos; porque até o mesmo véu está por levantar na lição do Velho Testamento, o qual foi por Cristo abolido” (II Cor 3, 14).

Segundo a interpretação de Marcelo Guimarães, Paulo prega de fato mudanças na Lei Judaica, mas não a invalida:

“pois quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei (...). Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade” (Hb 7, 12 e 18).

O trecho acima se refere ao ritual do sacrifício, que eram realizados pelos sacerdotes durante o período anterior à destruição do Segundo Templo. Na interpretação do rabino messiânico, o sacrifício foi substituído com o advento da vinda do messias, *Yeshua* passa a ser o sacrifício (Cordeiro de Deus), desobrigando os fiéis do sacrifício de animais feitos em honra a Deus, o que muda é o objeto do sacrifício e não a absolvição dessa lei.

Então, para Marcelo Guimarães, a chamada Antiga Aliança não teria desaparecido, o erro não está na aliança, mas no povo que não a cumpriu. O autor se pronuncia a respeito da seguinte maneira:

“A Antiga Aliança não mantinha a fidelidade do povo, pois a lei levítica não mudava a natureza (raiz) do pecado, simplesmente, propiciava o pecado (Rm 8, 3)”.

(...)“Porque, se aquela primeira Aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda (...). Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer” (Hb 8,7 e 13).

Para os judeus messiânicos, deve-se celebrar as festas bíblicas judaicas, cujo calendário é seguido por eles, e tais atitudes se justificam segundo as palavras de Paulo. Ainda, seriam inúmeras as passagens da obra do apóstolo, mostrando que os gentios podem celebrar as festas bíblicas no contexto messiânico judaico. Além do mais, do ponto de vista judeu-messiânico, os gentios em Cristo foram enxertados na oliveira (Israel) participando da mesma seiva (Rm 11, 17).

Os judeus messiânicos não acreditam que as leis alimentares não foram abolidas, e segundo a interpretação de Marcelo Guimarães, a Carta de Paulo a Timóteo refere-se a um comportamento gnóstico.

“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinamentos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizado à própria consciência, que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças pelos fiéis (I Tm 4, 1-3).

Segundo Guimarães, os versos acima não anularam as leis da *Torá* e nenhum estatuto como as leis bíblicas alimentares.

Os judeus messiânicos afirmam que o gentio está isento das leis alimentares (exceto os proibidos em At 21, 25). Mas o princípio é claro:

“alimentos” são os que realmente estão descritos em Levítico. Outros animais podem ser tomados como alimentos, mas os “alimentos que Deus criou” são descritos com clareza no trecho citado. Não há nenhuma obrigação bíblica para que os gentios guardem as leis alimentares. (GUIMARÃES, 2005)

Em relação à circuncisão, segundo seus seguidores, Paulo cumpriu a *Torá* através da lei da circuncisão. Paulo também confirma que mesmo um judeu convertido deve passar pela circuncisão mesmo fora do 8º dia, conforme visto no trecho abaixo:

“E eis que estava ali certo discípulo por nome Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego”. Paulo quis que este fosse com ele e, tomando-o circuncidou por causa dos judeus que estavam naqueles lugares, porque todos sabiam que seu pai era grego (At 16, 1-3).

Segundo a antropóloga Paula Ferreira, (FERREIRA, 2010), nos escritos de Paulo, as práticas como a circuncisão perdem nesse contexto o caráter diacrítico que distingue judeus de gentios. Nas palavras da autora, essa afirmação se justifica “ao sugerir ser importante a 'circuncisão no espírito' que iguala os corpos, e não a 'circuncisão da carne' que os diferencia”.

A supressão de particularismos instituída por Paulo criou, segundo Ferreira, uma unidade universal entre judeus e gentios. Isso significa que o apóstolo suprimiu as diferenças entre judeus e gentios, tornando todos um só na sua crença, apesar de cada uma ter o espaço para manter suas particularidades.

Stern (STERN, 1988) afirma que o Novo Testamento é considerado por muitos judeus um livro gentio. Mas esse seria um livro judaico em todos os sentidos e não pode ser acusado de antissemita ou antijudaico. De acordo com o autor, isso se dá pela análise superficial de Mateus (27,25), I Tessalonicenses 2, 15. Para o autor, o antissemitismo inconsciente, que se acha disseminado na cristandade, fez com que os tradutores e comentaristas

do Novo Testamento apresentassem interpretações antissemitas, de modo que ele pode parecer antissemita, mas não é.

O principal motivo, segundo Stern (STERN, 1988), é que a teologia cristã, com preconceito antijudaico incorporado nos primeiros séculos, entendeu Sha'ul (Paulo) e concluiu que a *Torá* já não se achava em vigor. Grande parte da teologia cristã relativa à *Torá* basearia-se no entendimento errôneo de duas expressões gregas inventadas, que teriam sido, segundo Stern, criadas por Paulo: A primeira *upo Nomon* surge 10 vezes em Romanos, 1 Coríntios e Gálatas e é, em geral, traduzida como “sob a lei”. A outra é *erga nomou*, encontrada, com pequenas variações, 10 vezes em Romanos e Gálatas e traduzida como “obras da lei”.

O que quer que Paulo esteja tentando transmitir com essas expressões, parece-nos claro que ele considera negativo estar sob a Lei. No entanto, segundo Stern, essa maneira de ver é errônea, pois Paulo não considera mal viver de acordo com a estrutura da *Torá*, nem mal obedecer a ela; pelo contrário, escreve que a *Torá* é “santa, justa e boa” (Rm 7,12).

Justificando seu posicionamento, Stern considera que a língua grega, no tempo de Paulo, não possuía grupo de palavras correspondente a nosso “legalismo”, “legalista” e “legalístico”. Isso significa que ele não dispunha de terminologia adequada para expressar uma distinção vital, encontrando-se assim cerceado na tarefa de esclarecer a posição cristã, referente à lei. Assim dever-se-ia entender *erga nomou* não como “obras da lei”, e sim como observância legalista de determinados mandamentos da *Torá*. E *upo nomou* não significaria “sob a lei”, e sim “em sujeição ao sistema que resulta de perverter a *Torá* em legalismo” (STERN, 1988).

Segundo o *rosh* Igor Miguel, da sinagoga messiânica Har Tzion, em seu artigo sobre Paulo (GUIMARÃES, 2005: 69-85), o termo “lei”, usado em nossas bíblias, é um termo limitado e genérico, pois não expressa com exatidão seu sentido original. A palavra hebraica usada nos textos originais na bíblia hebraica (*Tanach*) é o substantivo *Torá*, que pode ser melhor traduzido como

“instrução”. Para o autor, a tradução de *Torá* para lei, nas bíblias modernas, está sob influência da Vulgata latina, que traduz tendenciosamente a expressão *Lex*, trazendo a ideia de que a *Torá* só tem aplicação legal.

Para esse autor messiânico, a *Torá* possui leis, mas não é composta somente por leis; pior ainda seria acreditar que o termo *Torá* pode ser traduzido por lei. Para essa palavra existe um termo apropriado, chamado *daat*, em hebraico, que tem sentido de lei. O termo *Torá* seria melhor traduzido como instrução ou ensino. Paulo, como apóstolo de Jesus, jamais iria contrariar a opinião de seu mestre sobre o assunto. (GUIMARÃES, 2005).

Eduardo Stein, líder da Congregação Judaico-Messiânica *Beit Tefilá Yeshua* (BTY), do Rio de Janeiro, afirma que Paulo teria sido o maior rabino de todos os tempos e o maior incompreendido também. Segundo Stein, ele era o maior, foi criado aos pés de Gamaliel e qualquer um não poderia ser discípulo de Gamaliel, Paulo era membro do sínédrio. Para o autor, Paulo não teria criado um judaísmo para o gentio, porque não tinha que impor um padrão judaico para as comunidades não judias. Ainda, ele não teria criado o cristianismo, quem criou foi Constantino no século III.

Para Stein, que confirma as palavras de David Stern e Marcelo Guimarães, a *Torá* não é lei, é instrução. Quando ele fala em *nomos* é obra da lei, ou seja, legalismo, impondo a salvação pelas obras, isso é rabínico. Segundo o rabino messiânico, “Não somos salvos pela justiça, somos salvos pelo favor de Deus”¹⁵⁷.

O *rosh* Mário Moreno da sinagoga messiânica Shema Israel¹⁵⁸ disserta sobre Paulo e sua postura. Para o autor, em seu primeiro século, a Igreja cristã estava ligada a suas raízes judaicas, considerando Jesus e seus ensinamentos consistentes com as Escrituras Hebraicas, pois aqueles que escreveram o Novo Testamento eram judeus, respeitavam o *shabat*, celebravam as festas e iam à sinagoga.

¹⁵⁷Entrevista com Eduardo Stein Marioniene data- 25/10/2011

¹⁵⁸ Shemaisrael.com

Na sinagoga messiânica *Beth-shalom* verificamos também a defesa de Paulo:

O Apóstolo Paulo, mesmo reconhecendo a oposição dos judeus ao Evangelho, lembra claramente que não temos o direito de odiar o povo escolhido de Deus. Ele escreveu: “Quanto ao evangelho, são eles inimigos por vossa causa; quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas” (Romanos 11, 28). O antissemitismo tem afligido a humanidade por milênios. Pergunte aos antissemitas por que eles odeiam o povo judeu e você logo ouvirá um grande número de desculpas desgastadas, ilógicas e que não podem ser comprovadas com fatos. Para os cristãos que creem na Bíblia, o antissemitismo é tão estranho às Escrituras que não devemos dar-lhe acolhida nem por um momento.¹⁵⁹

No site da Congregação Messiânica *Beit Massiach*, são encontrados também textos na defesa de Paulo. Alegam, por exemplo que, na Carta aos Hebreus, apesar da desobediência de Israel, é possível depreender que Deus teria se mantido fiel ao seu povo escolhido, deixando clara a imutabilidade de seu propósito de se manter fiel aos judeus. Segundo essa sinagoga messiânica, em Efésios e Romanos, Paulo deixa claro que a Igreja não substituiu Israel, ou seja, não há traços de antijudaísmo no apóstolo¹⁶⁰.

No site da sinagoga *Beit Tefilah*, de Vitória- ES, existe a menção sobre as festas bíblicas judaicas que devem ser celebradas por seus fiéis, como *Pessach* (Páscoa), *Yom Kipur* (Dia do Perdão), etc. Para justificar essa obrigação religiosa, eles afirmam: "As festas bíblicas não são tradições humanas". E acrescentam:

O Apóstolo Paulo ensina: “Conservai as tradições (bíblicas) que nos foram ensinadas, seja por palavras, seja por epístola nossa” (II Tes 2,15). As festas bíblicas são estatutos perpétuos por vossas gerações, com prescrição na Torá¹⁶¹.

¹⁵⁹ <http://www.beth-shalom.com.br/artigos/mascaras.html>

¹⁶⁰ <http://www.beitmashiach.org.br/estudos4.html>

¹⁶¹ http://www.netivyah.org.br/index.php?cod_secao=estudos_festasbiblicas.

Atualmente, uma das figuras mais importantes do judaísmo messiânico é o rabino messiânico Joseph Shulam, que também se pronuncia sobre Paulo e sobre a questão relativa à circuncisão, como mostra o trecho abaixo:

Os “Adversários de Shaúl” não eram judeus messiânicos, e sim, gentios que se circuncidavam e ficavam obrigando aos gálatas, por exemplo, a fazerem a Brit Milá para serem salvos, bem como observar a Torá com este intento. Como eram gentios, Rabi Shaúl os confrontou asseverando aos gálatas que os mesmos “que se deixam circuncidar (esta expressão deixa por demais claro que se trata de “gentios”, conforme também vemos em Gálatas 5,3 que Shaúl atesta que “todo o homem que se deixa circuncidar”) nem mesmo observam a Torá” (aqui Shaúl atesta que estes gentios não estavam seguindo o ditame de Gálatas 5,3), mas queriam que os gentios gálatas fizessem a Brit Milá para se gloriarem no corpo deles (Gálatas 6,13). Segundo Shulam“ estes opositores gloriavam-se na carne, porque tinham tomado à identidade judia pela Circuncisão. Um judeu não faz opção de ser judeu, conseqüentemente não tem do que se gloriar por uma escolha que ele não fez.¹⁶²

Como vimos nesses exemplos acima citados, contidos em *sites judaico-messiânicos*, absolutamente todos eles defendem a tese de que Paulo (que várias vezes inclusive é chamado por eles de Rabi) em nenhum momento se desvinculou do judaísmo e muito menos atacou a Aliança Mosaica de alguma forma.

Sem dúvida o apóstolo Paulo de Tarso pode ser considerado uma das figuras neotestamentárias mais controversas. Como vimos, ele era um judeu que perseguia cristãos e, em um determinado momento de sua trajetória, se converte ao cristianismo, mostrando já nos episódios de perseguição e posterior conversão uma personalidade dúbia, como mostram os trechos abaixo.

Segundo a tese defendida pelo linguista Moisés Ferreira (FERREIRA, 2010), Paulo usa um tom para cada carta. Assim, em Gálatas, ele é agressivo contra os judaizantes; em Filipenses, é ácido contra os judaizantes, mas franco e paciente com os cristãos; ameaçador e irônico, em Coríntios; afetuoso em Tessalonicenses; pacificador em Filemon; didático e professoral em Romanos, isto é, as escolhas variavam segundo os seus auditórios. Falando diretamente

¹⁶² <http://primeiramao.tripod.com/id6.html>.

aos judeus, por exemplo, ele relata a sua forte ligação com o judaísmo; já, quando se dirige aos convertidos, reforça os valores da chamada “boa nova”, lembra o seu trabalho sacrificial e o desapego às riquezas.

Esse comportamento parece-nos apontar uma postura dialética em Paulo, pois, aparentemente, o apóstolo tinha consciência de que a aceitação de suas verdades estaria sujeita ao crivo de uma multiplicidade de posturas. A sua argumentação dependeria dos valores, crenças e convicções dos seus interlocutores, assim ele ajusta seu discurso ao público ouvinte (ou leitor). Paulo parte de princípios conhecidos e aceitos pela comunidade à qual ele se dirige, procede a escolhas e adaptações através de uma linguagem que deverá ser compreendida.

Como argumenta Ferreira (2011):

A insistente presença de discussões em defesa de seu ethos e a sistemática necessidade de assegurar o valor de seu logos evangelizador e doutrinador mostraram as grandes dificuldades que Paulo tinha para ser e continuar a ser aceito. Mesmo quando se dirigiu à comunidade dos romanos com a qual aparentemente não tinha problemas, ele não evitou trazer à tona o seu status de chamado e de ser separado para o apostolado, nem fazer uma longa apresentação do conteúdo teológico que defendia em suas viagens missionárias, deixando bem evidentes as inquietações pessoais que tinha a esses respeito.

Paulo tende a mostra-se inserido nas comunidades, assumindo traços característicos de cada uma delas, mostrando uma alteridade em relação a elas.

Vimos também que, em suas Cartas, ora ele defende com veemência o judaísmo e suas práticas, ora promove um ataque virulento a esse mesmo judaísmo, mais uma vez deixando confuso o leitor sobre suas intenções quanto a Israel.

Inúmeros teólogos, exegetas e estudiosos procuraram compreender essa faceta paradoxal dos escritos paulinos, mas as teses defendidas são pouco conclusivas. Parece-nos que, na realidade, cada vertente, cada estudioso procura compreender Paulo de maneira que ele se encaixe em sua tese, o que nem sempre é possível.

No caso do objeto de estudo deste trabalho, os judeus messiânicos, a ideia da antijudaicidade de Paulo é combatida através dos trechos das epístolas que se mostram favoráveis aos judeus; enquanto que os versículos que promovem um ataque a Israel são tidos como mal interpretados pelos teólogos ou mesmo traduzidos de forma arbitrária, ou até tendenciosa. É lógico que os judeus messiânicos defendam a tese de que Paulo não era, em hipótese alguma, antijudaico. Isso porque, se eles aceitassem a ideia de uma postura de ataque à Antiga Aliança, teriam um gravíssimo problema para resolver dentro do seu corpo teológico.

Se o judaísmo messiânico parte do princípio de que as Escrituras Cristãs são uma continuação natural da bíblia hebraica e que o chamado Novo Testamento é um livro judaico em toda sua essência, obviamente eles não poderiam aceitar que nos Evangelhos houvesse uma postura contra Israel. Assim torna-se necessário transformar o apóstolo Paulo em um sujeito pró-Israel a fim de legitimar os dogmas judaico-messiânicos.

Isso foi verificado nas entrevistas feitas com os dois líderes de sinagogas messiânicas brasileiras, Marcelo Guimarães e Eduardo Stein, e também nos livros e inúmeros *sites* de sinagogas messiânicas que tratam desse assunto tão delicado.

Stern, em sua análise sobre as Escrituras Cristãs (Stern, 2007), defende a tese de que o que é posto em dúvida por Paulo não é a Torá, que ele diz ser eterna, mas o que ele chama de *Torá* oral, ou o *Talmud*. Como vimos anteriormente, o *Talmud* é rechaçado pelos judeus messiânicos:

[...] Os costumes sem dúvida são a tradição oral que fornecem a interpretação dos escribas para a lei; considerava-se que eles tinham origem em Moisés; tanto quanto a Lei Escrita. Um ataque à Lei Oral era, então, equivalente a atacar a Lei como um todo. [...] (p. 270)

[...] A Torá mencionada nessa citação é a Torá oral; outorgada dessa maneira é considerada imutável. Considera-se que até mesmo a "cerca" de regras e costumes, que os rabinos são instruídos a continuar levantando, com o fim de impedir que a Torá Escrita seja inadvertidamente violada [...] (p.270).

Além disso, Stern alega que o judaísmo tradicional aguarda a chegada do messias, que trará modificações na Torá, como vemos na citação abaixo:

[...] Apesar disso, há no judaísmo uma persistente escola de pensamento, e esta afirma que, quando o Messias vier, ele exporá a Torá de forma mais completa e até mesmo a modificará [...] (p.270).

Se Paulo é ou não antijudeu passa a ser uma questão meramente interpretativa entre os líderes das sinagogas messiânicas. Marcelo Guimarães, por exemplo, tem promovido, em sua sinagoga, vários cursos e palestras sobre Paulo, defendendo o apóstolo da acusação de ser o mais antijudaico dos escritores do Novo Testamento. Notamos uma grande preocupação em justificar Paulo Tarso nos momentos em que o evangelista ataca Israel e o judaísmo, tornando essa figura a mais pró-judaica possível.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo traçar um perfil do judaísmo messiânico no Brasil e entender qual seria o lugar dessa religião no campo religioso brasileiro contemporâneo. O judaísmo messiânico, como foi analisado no decorrer desta pesquisa, é uma religião que mistura elementos de duas vertentes religiosas: judaísmo e cristianismo. Do cristianismo, o pilar mais importante é a crença em Jesus; do judaísmo, as tradições, as festas, o serviço religioso, a língua hebraica, os rituais de iniciação e de passagem.

Se quisermos encontrar uma definição para essa religião, qual seria o melhor caminho? Como proceder diante de uma religião que se diz simultaneamente judaica e cristã? Realidade que, *a priori*, é refutada por todas as correntes judaicas. Podemos pensar o judaísmo messiânico como pensamos as identidades hifenizadas contemporâneas como *black-jewish*, *american-jew*, afro-brasileiros e outras? Seria, então, o judaísmo messiânico uma religião híbrida entre tantas outras encontradas no campo religioso brasileiro? A resposta a esses questionamentos é afirmativa. Trata-se de uma religião que mistura, embora não de forma aleatória, mas a partir de escolhas bem determinadas, elementos ora do judaísmo ora do cristianismo, dependendo de necessidades específicas.

Nos rituais judaico-messiânicos percebe-se uma nítida preferência por elementos judaicos, preponderantes na estrutura do ritual. Como foi possível observar, a elaboração do serviço religioso nas sinagogas messiânicas é similar àqueles organizados nas sinagogas tradicionais, porém o caráter híbrido dessa religião fica explicitado através dos vários elementos cristãos inseridos no ritual, como por exemplo, a leitura de trechos dos Evangelhos Cristãos e uma constante referência a Jesus, ou a inserção de elementos cristãos em canções judaicas tradicionais. Por outro lado, festas de cunho cristão, como o Natal ou a Páscoa cristã, não são celebradas entre os judeus messiânicos, como foi salientado no capítulo III desta pesquisa.

Além de utilizarem vários elementos da cultura judaica tradicional, os judeus messiânicos declaram-se sionistas, e em quase todas as sinagogas messiânicas é possível verificar a presença da bandeira do Estado de Israel como adorno. Nas sinagogas messiânicas se usa a língua hebraica em parte dos rituais, celebram-se as festas religiosas judaicas, usam-se enfeites, como Estrelas de David, e seus locais de reunião são muito semelhantes aos das sinagogas tradicionais. Obviamente, trata-se da tentativa de forjar uma identidade judaica, ainda que se trate de uma nova identidade judaica.

Ao longo deste trabalho, principalmente no primeiro capítulo, foi mencionado que o Brasil enfrentou mudanças significativas nas esferas sociais e econômicas durante as décadas de 1980 e 1990, mudanças que se refletem na constituição do campo religioso brasileiro, permitindo a disseminação de novas crenças. O fenômeno do uso de símbolos judaicos por religiões cristãs, principalmente por parte das denominações neopentecostais, surge com o objetivo de fornecer uma maior legitimação a seus cultos. Isso se dá em função da percepção, por esses grupos, de que sendo Jesus judeu, teria ele feito uso de objetos judeus, como xale de orações, *kipá*, etc. Nada mais lógico, então, que procurar fazer uso desses elementos que remetem ao judaísmo do tempo neotestamentário. Outra função do uso de símbolos judaicos provavelmente seja a de delimitar uma fronteira clara dessas religiões com o catolicismo, que não faz uso de símbolos de origem judaica.

A decisão de seguir ou não alguma regra religiosa ou um ritual é uma escolha que remonta à necessidade de uma construção identitária e de apropriação de poder (BOURDIEU, 2012). Como vimos, a identidade dos judeus messiânicos é construída em uma transição entre os mundos cristão e judaico.

Os judeus messiânicos vivem na zona fronteira entre o judaísmo e o cristianismo, entretanto não são aceitos por nenhum desses dois grupos. Vivem entre dois mundos, em que seria premente a construção de um lugar no qual pudessem construir sua identidade e assim se legitimarem enquanto religião específica. É paradoxal, entretanto, que os judeus messiânicos, apesar

de não ignorarem essa rejeição, insistam em se declararem judeus e não se enxergam como uma outra religião, nem mesmo como uma religião cristã. Esse paradoxo é analisado por Lehmann do seguinte modo:

[...]adotam práticas judaicas e marcam as datas das festas judaicas com práticas selecionados como tocar o shofar, a circuncisão, ou a leitura da porção da Torá. No judaísmo rabínico, no mundo da yeshivá, que estão no cerne da herança judaica e educação judaica, eles não têm interesse nenhum. O único texto de interesse é a Bíblia, e os comentários que se referem são os trabalhos de líderes modernos de seu movimento. (LEHMAN, 2013).

Assim, além do afastamento que os judeus messiânicos mantêm com o judaísmo oficial, as observações do antropólogo inglês expõem uma outra questão que é fundamental para compreender o judaísmo messiânico: em lugar do *Talmud* (interpretação oficial da bíblia para os judeus), os judeus messiânicos se utilizam apenas dos textos bíblicos, deixando claro, assim, que o seu interesse não é pelos judeus e sim pelo judaísmo.

Paralelamente, é comum os judeus messiânicos no Brasil manterem um contato maior com cristãos do que com judeus. Percebemos que o que lhes interessa em relação aos judeus tradicionais é a sua conversão, ou seja, pretendem que os judeus passem a aceitar *Yeshua* como o messias enviado por Deus, pois essa seria uma condição essencial para o seu retorno. Sobre essa base poderíamos salientar como um dos achados desta pesquisa que os judeus messiânicos se interessam por um judaísmo sem judeus.

Entretanto, a questão é mais complexa porque, por outro lado, as congregações judaico-messiânicas pretendem continuamente mudar a percepção que os judeus tradicionais têm de seu grupo. De fato, os judeus messiânicos são mais rejeitados pelos judeus tradicionais do que pelas comunidades cristãs, que não os percebem como um grupo ameaçador. É necessário frisar que o judaísmo oficial não procura se aproximar de outras religiões, ao contrário, não aceita empréstimos delas, muito menos na dimensão da doutrina, diferenciando-se de outros grupos religiosos no Brasil, que abrem

as portas para o novo, seja na dimensão da doutrina, seja na dimensão dos rituais.

Como podemos perceber, apesar da pouca aproximação com a comunidade judaica brasileira, os judeus messiânicos manifestam constantemente a possibilidade e/ou a aspiração de serem aceitos como legítimos judeus. Assim, há uma constante busca entre seus membros por uma possível ascendência judaica.

As análises parciais realizadas ao longo desta tese nos permitem concluir que o judaísmo messiânico combina religião e etnicidade de uma nova maneira. Nas últimas décadas, Barth (1997) e seus discípulos mostraram como as construções culturais servem para gerar a capacidade de um grupo manter as suas fronteiras e, conseqüentemente, a sua identidade. Para que isso ocorra, tornam-se necessários alguns pré-requisitos, dentre eles, o desenvolvimento de símbolos significativos para os membros do grupo. Os judeus messiânicos constroem sua identidade criando símbolos e deles se utilizando, os quais provêm de suas diversas origens étnico-religiosas, sejam cristãs, sejam judaicas. Entretanto, se seguimos o modelo de Barth, outro paradoxo se apresenta: por não ter claras as regras para a entrada ao grupo¹⁶³, por combinar símbolos e rituais de referentes culturais e religiosos diversos e por ser uma expressão religiosa relativamente nova, o judaísmo messiânico não conseguiu estabelecer as fronteiras claras que os separem de outros grupos religiosos ou étnico-religiosos. Poderíamos esboçar a hipótese de que a delimitação de fronteiras ainda está em processo de construção o que, necessariamente, redundará nos conflitos identitários de seus membros.

O fenômeno do afastamento ou ausência de relações entre os judeus messiânicos e a comunidade judaica oficial está no comportamento de seus membros quando viajam a Israel. Segundo Lehman, o contato dos judeus

¹⁶³ Podemos citar a circuncisão, que é fundamental para o judaísmo tradicional. Todos os meninos judeus devem ser circuncidados ao sétimo dia de vida. Já para o judaísmo messiânico, existe uma opção de escolha. Segundo Daniel Wood, rabino messiânico da Beit Sar Shalom, a circuncisão não é obrigatória, o rabino alega que a postura sobre essa questão no Novo Testamento depende de interpretação de cada um, assim há uma liberdade de escolha entre se submeter ou não à circuncisão.

messiânicos brasileiros com os judeus israelenses durante sua estadia no país é mínimo, ficando restrita apenas aos guias locais. Um outro dado interessante é que os grupos de turistas judaico-messiânicos tendem a se hospedar em hotéis árabes na parte oriental de Jerusalém, que em sua maioria são mulçumanos. Assim, nas viagens frequentes à Terra Santa, os judeus messiânicos não costumam manter contato nem com órgãos oficiais israelenses seculares ou religiosas, nem com cidadãos judeus. Lehmann (2013) conta que no final da viagem os turistas recebem certificados emitidos pelos organizadores, que são de maneira geral proprietários de agências de turismo voltadas exclusivamente para o público messiânico ou evangélico. Isso faz Dr. Lehman ser assertivo quando afirma que o interesse dos judeus messiânicos por Israel é puramente bíblico, é o interesse pela Terra de Israel bíblica, pelo lugar onde “as coisas aconteceram”.

Foi interessante perceber ao longo desta pesquisa que, ao adotarem práticas e costumes judaicos, os judeus messiânicos mostram uma necessidade de criação de uma etnicidade. Essa etnicidade, por questões empíricas, só pode ser simbólica e desencadeia o que, no capítulo II desta tese, o *rosh* Eduardo Stein denominou de etnolatria.

A definição do que é ser judeu é extremamente complexa. Segundo o demógrafo Della Pergola (DELLA PERGOLA, 2000), a adesão às práticas religiosas somadas à afirmação da etnicidade e a ligação com o Estado de Israel são elementos suficientes para definir a identidade judaica contemporânea. Quando os judeus messiânicos se declaram sionistas (ligação com o Estado de Israel), usam termos em *íidiche* (afirmação de etnicidade) e praticam rituais judaicos (práticas religiosas), sentem-se completamente judeus. Todavia, na compreensão de etnicidade de Della Pergola, a ascendência judaica de um determinado indivíduo é um componente fundamental ao qual se aliam outros, como ser falante de uma língua judaica. Por outro lado, ao modificarem questões teológicas essenciais, como a crença em Jesus, que seria o messias enviado por Deus, os judeus messiânicos se afastam de uma possível definição do que é ser judeu. Assim é possível observar um duplo movimento dos judeus messiânicos em relação ao

judaísmo: de aproximação, ao se definirem judeus, usarem símbolos de rituais judaicos e serem abertamente sionistas; e de afastamento, quando aceitam a crença em Jesus como Messias.

Os teóricos do judaísmo messiânico, no entanto, não veem nenhuma contradição em que um judeu acredite em Jesus. Assim, eles alegam seguir a religião dos apóstolos, que se mantiveram judeus e, ainda assim, acreditavam ser Jesus o verdadeiro messias. Portanto, também hoje aqueles que acreditam em Jesus, que chamam de *Yeshua*, podem se declarar judeus. A adoção do nome judaico de Jesus é uma forma de mantê-lo judeu, evitando assim a sua cristianização e, nesse caso, mostrando um movimento de afastamento do cristianismo em quaisquer correntes.

Grande parte deste trabalho teve como objetivo identificar quem são os judeus messiânicos e como alguém pode tornar-se um judeu messiânico. Os dados colhidos ao longo desta pesquisa revelaram que existem três possibilidades para se tornar um judeu messiânico.

A primeira é ser judeu de nascimento (como vimos, são muito poucas as pessoas nessa condição), caso em que o processo de conversão é muito simples, basta declarar publicamente sua fé em Jesus.

A segunda refere-se ao caso dos cristãos-novos, que dizem ser descendentes de judeus, embora não professem o judaísmo. As sinagogas messiânicas estimulam esses fiéis a comprovarem uma possível ascendência judaica, seja através de documentos ou da realização de um exame de DNA, feito por uma empresa norte-americana (*Family Tree*). Essa empresa garante encontrar traços genéticos judeus nesse exame. Se o prosélito conseguir provar, de alguma forma, sua ascendência judaica, ele será estimulado, a partir desse momento, a converter-se ao judaísmo tradicional e, simultaneamente, continuar crendo que Jesus é o Messias e a fazer parte do judaísmo messiânico. Essa opção é um pouco nebulosa, uma vez que pareceria ser difícil que um descendente dos cristãos-novos se converta ao tradicional para depois abandoná-lo e optar pelo judaísmo messiânico. Poderíamos afirmar que

trata-se de uma norma que provavelmente não é seguida por quase nenhum de seus membros.

No caso de declararem que são descendentes dos cristãos-novos ou *bnei anussim*, segundo a categoria utilizada pelos atores religiosos, observa-se um traço tipicamente brasileiro do judaísmo messiânico, explicado por Lehamn (2013), que fez o trabalho de campo na sinagoga messiânica Har Tzion de Belo Horizonte do seguinte modo:

Neste apego às raízes judaicas seculares Marcelo Guimarães está longe de estar sozinho. Existe uma crença muito difundida entre os brasileiros que eles são descendentes de judeus que vieram de Portugal no período colonial fugindo ou se escondendo da Inquisição, e este tornou-se um traço único brasileiro ao messianismo, uma vez que coloca os brasileiros como categoria separada de outros messiânicos (em outros contextos nacionais) que não pretendem ser judeus (do ponto de vista étnico).

A terceira possibilidade trata do caso daqueles indivíduos que não são judeus de nascimento nem conseguem provar sua ascendência judaica (mesmo porque ela não existe), os chamados gentios. Para estes, a maioria das sinagogas messiânicas desestimula a conversão ao judaísmo tradicional e propõe a esses indivíduos manterem-se cristãos. Isso não quer dizer que essas pessoas devam se afastar da sinagoga messiânica, pelo contrário, esses fiéis são constantemente estimulados a frequentarem os serviços religiosos e a participarem ativamente da congregação.

Quando analisamos os processos de conversão ao judaísmo messiânico, conseguimos importantes pistas sobre como se organiza o poder dentro das sinagogas messiânicas. O que se observa, na prática, é a existência de três posições distintas no campo das congregações judaico-messiânicas para qual utilizamos a categoria etnolatria. No topo estão aqueles que, por ventura, são judeus; logo abaixo estão os indivíduos que, mesmo não sendo judeus por nascimento, conseguem comprovar a sua ascendência judaica; e, em último lugar, nessa estrutura de poder, estão os gentios. A constituição do

poder através do pressuposto de que ser judeu ou descendente de judeus garante essa posição serve para explicar e justificar a ordem dentro do grupo.

Aqueles que por conversão ou por adesão passam a adotar a religião judaico-messiânica não se sentem convertidos a uma nova religião, mas apenas se sentem adaptando a sua religião de origem, seja ela cristã ou judaica, ao contexto do judaísmo messiânico. Como em outros casos de conversão, esta funciona como mecanismo gerador de um sentimento de pertença a uma comunidade, que irá lhe oferecer uma identidade religiosa específica (TOPEL, 2005).

A doutrina judaico-messiânica utiliza uma metáfora para explicar a sua composição: compara os membros dessa religião a uma oliveira. No tronco principal estão os judeus tradicionais e os judeus que aceitam Jesus (os messiânicos). Essa oliveira teria sido enxertada com ramos, que seriam as várias religiões cristãs, mas como fica explicitado, são apenas ramos secundários e não pertencem ao tronco. Essa visão de mundo tem como consequência a legitimação de uma hierarquia dentro das congregações judaico-messiânicas.

Por outro lado, os judeus messiânicos defendem uma postura proselitista em relação aos judeus tradicionais. A evangelização dos judeus é de fundamental importância na estrutura da doutrina judaico-messiânica, pois, para essa religião, Jesus só retornará no dia em que houver a sua aceitação universal, principalmente dos judeus, e esse retorno se dará em Jerusalém (STERN, 1989). Percebe-se, a partir dessa postura, a razão da necessidade que os líderes judeus messiânicos têm em declarar total apoio ao Estado de Israel e, por conseguinte, ao sionismo. A presença de símbolos israelenses nas sinagogas messiânicas, como bandeiras ou o hino de Israel entoado após as cerimônias religiosas, pode em princípio parecer deslocada do contexto religioso. Na realidade não é, pois esses símbolos remetem a um Israel escatológico e não ao Estado de Israel. Os judeus messiânicos alegam que seria impossível separar essas duas formas de ver a chamada Terra Santa,

assim optam pelo apoio incondicional ao Estado de Israel e aguardam pela redenção de um Israel espiritual.

Como foi analisado, a teologia que defende não haver separação entre Israel e a Igreja, nomeada de dispensacionalismo, afirma que no final dos tempos os judeus irão afluir para o cristianismo e, finalmente, aceitarão Jesus como messias. Essa doutrina é aceita pelos judeus messiânicos, que a utilizam como motivação para defenderem a existência do Estado de Israel e a necessidade de conversão dos judeus ao cristianismo para assim acelerar o retorno do messias enviado por Deus.

Sobre as estratégias de legitimação do judaísmo messiânico no campo religioso brasileiro, no quinto capítulo foi analisada uma das questões que nos pareceu ser a mais complexa quando se estuda o judaísmo messiânico: compreender como a sua doutrina trata os escritos do apóstolo Paulo. Numerosos teólogos e estudiosos alegam uma postura paradoxal em relação ao judaísmo nos escritos paulinos, mas as teses defendidas são pouco conclusivas.

Para fins deste trabalho o importante é que, para os judeus messiânicos, não há traços de antijudaísmo em Paulo. Essa postura é defendida, pois se os fiéis messiânicos aceitassem que Paulo combatia o judaísmo, teriam de aceitar a tese de que houve uma ruptura entre judeus e cristãos. Se assim fosse (se houvesse de fato uma ruptura entre as duas religiões), os judeus messiânicos não teriam como defender a tese de que não há nenhuma contradição doutrinária em ser judeu e crer que Jesus Cristo é o messias enviado por Deus.

Esta pesquisa demonstrou que os judeus messiânicos mantêm algumas estratégias em defesa de Paulo. Existem cursos e livros judaico-messiânicos que analisam as epístolas paulinas, promovendo uma exegese que sempre é a favor de Israel e da Antiga Aliança. Com o mesmo objetivo, sempre que algum trecho das Cartas de Paulo ataca Israel, alega-se uma má interpretação ou má tradução daqueles que pretendiam atacar Israel, deturpando, com isso, as palavras do apóstolo.

O judaísmo messiânico é uma religião que se articula ao redor de uma contradição estrutural: compatibilizar o judaísmo com o cristianismo, o que, até seu surgimento, era impossível, principalmente do lado judaico. As outras tantas contradições e ambiguidades encontradas no judaísmo messiânico são decorrentes dessa oposição. Uma das contradições tratadas neste trabalho foi justamente a questão abordada no último capítulo, sobre a posição de Paulo de Tarso a respeito do judaísmo e como ela é interpretada e manipulada pelas diferentes lideranças do judaísmo messiânico.

Entre os diversos instrumentos de legitimação nos quais o judaísmo messiânico se apoia, podemos citar os cursos e apostilas oferecidos pelas sinagogas e pelas associações judaico-messiânicas que, além de servirem para ensinar e justificar a sua doutrina, possuem um papel de legitimação do poder e autoridade dentro do que poderíamos denominar campo judaico-messiânico brasileiro. A estruturação desse poder, no entanto, não é hegemônica. Pelas observações feitas ao longo desta pesquisa, concluímos que há uma intensa disputa pelo poder entre as várias sinagogas messiânicas. Não há uma entidade única que normatize essa religião, nem no Brasil nem em outro lugar do mundo. Assim a pressuposta legitimação dos diversos rabinos ou *rosh* fica comprometida pela atomização existente no judaísmo messiânico.

Como fora analisado no capítulo III, para Bourdieu, a batalha por essa legitimação se trava em um campo que pode ser compreendido como um espaço estruturado de posições, onde os agentes envolvidos buscam recompensas, que é a obtenção do poder (BOURDIEU, 2012). Aqueles que participam da busca por essas recompensas empregam estratégias diversas, como por exemplo, afirmar que são de fato judeus, usando para isso uma pressuposta prova científica, obtida através de um exame de DNA, ou através de discursos, como aquele proferido pelo *rosh* da sinagoga messiânica Beit Tefilá, Eduardo Stein, que afirma veementemente provir de uma família judia tradicional, declarando-se assim um judeu por nascimento e não por adesão.

Há uma intensa divisão do poder do judaísmo messiânico no mundo. Nos Estados Unidos, país no qual se concentra a maioria das congregações judaico-messiânicas, a divisão de poder é intensa, atomizando em pequenas

comunidades essa religião. Existem alguns órgãos normativos, como a UMJC, bastante representativos, mas não o suficiente para criar uma instituição teto do judaísmo messiânico que consiga incorporar todas as vertentes. Esse fato obviamente acaba por fragilizar a religião judaico-messiânica.

No Brasil o panorama não é diferente do que no resto do mundo. No país há um grande número de pequenas congregações judaico-messiânicas espalhadas, muitas delas tão pequenas que não mantêm sequer um prédio destinado exclusivamente para seus encontros. As pessoas reúnem-se em casas particulares ou alugam por algumas horas prédios usados para outros fins (inclusive igrejas evangélicas) a fim de realizarem seus serviços religiosos.

As sinagogas messiânicas mais representativas em território brasileiro estão localizadas nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba. Uma das hipóteses para compreender a localização dessas sinagogas seria o fato de que esses centros urbanos seriam os que concentrariam uma comunidade judaica mais representativa (maior número de judeus). Entretanto, o trabalho de campo demonstrou não ser essa uma hipótese confirmável, já que, embora São Paulo e Rio de Janeiro concentrem as maiores comunidades judaicas brasileiras, o mesmo não acontece com Belo Horizonte e Curitiba.

A capital de Minas Gerais, por exemplo, tem uma comunidade judaica muito pequena, contando hoje com apenas 1384 indivíduos, segundo o censo do IBGE de 2010¹⁶⁴. Ainda, é preciso considerar que muitos desses indivíduos são provavelmente judeus messiânicos que se declararam ao censo como judeus, como é o caso da família de Marcelo Guimarães e outros membros da sinagoga messiânica Har Tzion. No entanto, é em Belo Horizonte que se encontra a maior e mais organizada congregação judaico-messiânica do Brasil.

Como foi mostrado no decorrer desta pesquisa, a maioria dos frequentadores das sinagogas messiânicas não têm como religião de nascimento o judaísmo, o grosso dos fiéis é proveniente de religiões cristãs.

¹⁶⁴<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=310620&idtema=91&search=minas-gerais|belo-horizonte|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->

Muitos judeus messiânicos brasileiros fizeram uma trajetória que se inicia com o batismo no catolicismo, durante a primeira infância, migração para alguma religião pentecostal ou neopentecostal, durante a vida adulta, e só depois o interesse pelas sinagogas judaico-messiânicas e filiação a essas instituições. Assim a trajetória dos judeus messiânicos se assemelha ao nomadismo da fé típico dos atores religiosos brasileiros. Os poucos fiéis de origem judaica que optaram pela adesão ao judaísmo messiânico, no momento em que por algum motivo passaram a crer que Jesus Cristo é o messias, o fizeram como uma maneira de minimizar o sentimento de apostasia.

Levando em consideração os argumentos acima descritos, verificamos que a localização geográfica das sinagogas messiânicas não está relacionada à maior ou menor concentração de judeus na localidade. Uma das razões que explicam esse fenômeno é que os judeus-messiânicos não procuram aproximarem-se das comunidades judaicas tradicionais. Na verdade, a escolha dessas localidades baseia-se no fato de que essas cidades, nas quais se concentram as principais congregações judaico-messiânicas, são centros urbanos dinâmicos, com grande diversidade cultural e, conseqüentemente, mais tolerantes em relação à existência de diferentes manifestações religiosas.

Nos últimos dez anos o panorama do judaísmo messiânico brasileiro vem se modificando. A fundação CJMM (Conselho das Congregações Judaico Messiânicas do Brasil), fundada pelo rabino messiânico Marcelo Guimarães, da sinagoga messiânica Har Tzion, de Belo Horizonte, tem se esforçado para mudar essa descentralização de poder e há uma clara tentativa de se criar um pilar organizacional no judaísmo-messiânico.

Marcelo Guimarães, hoje, é o líder judeu messiânico mais ativo no Brasil, porque têm sob sua tutela não só a sinagoga messiânica Har Tzion e CCJM, mas também porque mantém cursos para formação de líderes judeus messiânicos. Além disso, é dono de uma editora que publica livros seus e de outros autores judeus messiânicos, possui também um *site* muito bem elaborado e, recentemente, fundou o Museu da Inquisição de Belo Horizonte. São várias as sinagogas messiânicas que atualmente estão filiadas à CCJM, o que concede um grande poder e a chancela de líder a Guimarães.

Como vimos, para Bourdieu (BOUDIEU, 2012), todo poder simbólico é capaz de se impor como legítimo, mas esse poder só será acionado se for reconhecido. Assim, torna-se necessária a legitimação através das associações legalmente constituídas. Essa é a estratégia de legitimação diante dos próprios seguidores do judaísmo messiânico e diante da sociedade maior, a que vem sendo galgada por Guimarães.

Como fora reiterado ao longo desta tese, não há dados estatísticos que nos permitam avaliar de forma mais precisa o crescimento dessa religião no país. Como vimos, muitos de seus adeptos não se identificam como judeus messiânicos e sim como judeus, ou acabam caindo na categoria de dupla pertença, sendo impossível rastrear quantos judeus messiânicos há de fato hoje no Brasil. No país, o judaísmo messiânico nem consta da lista das religiões contabilizadas em 2010 pelo censo promovido pelo IBGE.

Se analisarmos o complexo e diversificado campo religioso, do Brasil contemporâneo, os judeus messiânicos têm grandes dificuldades em encontrar um lugar próprio nesse campo. Isso ocorre fundamentalmente porque os judeus messiânicos, apesar dos esforços de ganhar representatividade e legitimidade, não se reconhecem como uma religião independente, mas como uma corrente do judaísmo tradicional. Consequentemente, os judeus messiânicos permanecem em uma espécie de limbo entre o judaísmo e o cristianismo, não sendo reconhecidos pelos judeus tradicionais e sendo acusados de judaizantes por diferentes pastores das igrejas pentecostais e neopentecostais.

De fato, e como fora mencionado, os judeus messiânicos não são reconhecidos pelos judeus tradicionais como legítimos judeus, são vistos por esse grupo (judeus) como cristãos que adotam, de maneira inadequada, rituais judaicos em uma religião cristã.

Outro achado da pesquisa concluiu que as congregações judaico-messiânicas são pequenas, girando em torno de 50 a 100 fiéis. As únicas exceções são a sinagoga messiânica de Belo Horizonte, a Har Tzion, que hoje mantém como frequentadores assíduos uma média de 500 pessoas e a

Congregação Nova Aliança de Curitiba, que promove anualmente um evento, denominado Congresso Israelita, que reúne um número muito significativo de fiéis. Esses dois representantes do judaísmo messiânico no Brasil mostram uma possível tendência de crescimento dessa religião neste país. No Congresso Israelita, realizado em 2013, como foi visto no capítulo II, havia um número muito grande de inscritos, em torno de 2000. Apesar disso, as congregações judaico-messiânicas ainda são pouco representativas numericamente no universo religioso brasileiro.

Se de fato existe uma pretensão por parte das congregações judaico-messiânicas de se firmarem no Brasil como um grupo reconhecido, os esforços em legitimar-se através de uma associação brasileira, ou os esforços pessoais de seu principal líder, Marcelo Guimarães, talvez não estejam surtindo o efeito esperado, pelo menos em curto prazo.

A aspiração de representar uma corrente dentro do judaísmo e não se reconhecerem como uma religião cristã tem produzido como consequência e efeito imediato a conquista muito lenta de um espaço maior e mais sólido dentro do campo religioso. Assim, notamos uma tendência de crescimento desse grupo (e isso é verificado não só no Brasil, como também nos Estados Unidos).

Sendo o judaísmo messiânico um fenômeno relativamente recente no Brasil, sobre o qual não existem pesquisas, é de suma importância mapeá-lo e procurar compreender sua dinâmica, uma vez que, com certeza, a sua história, estruturação, estratégias de legitimação, origem dos membros, tipos de rituais utilizados não foram esgotados na realização desta tese e questões fundamentais ainda precisam de respostas mais precisas.

Como reflexões finais surgem as seguintes interrogações, infelizmente sem respostas claras: 1) O provável crescimento do judaísmo messiânico implicaria o rompimento das fronteiras anteriormente tão bem delimitadas entre o judaísmo e o cristianismo? 2) Por que o Brasil (assim como os Estados Unidos) se constituiu um espaço em que manifestações de novas identidades religiosas, principalmente de cunho pentecostal e neopentecostal, encontram

terreno mais fértil que em outros contextos nacionais, permitindo o crescimento (ainda que lento) de uma religião como o judaísmo messiânico?

Bibliografia:

BARTH, Fredrick. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo, Unesp, 1997.

BELL, Catherine. **Ritual: perspectives and dimensions**. New York: Oxford University Press, 1997.

BERGER, Peter. **O Dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Paulus: São Paulo, 1985

BORDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.

_____ **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

_____ **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand, 2012.

BARROS, Clóvis “**A sociologia de Pierre Bourdieu e o campo da comunicação**”: uma proposta de investigação teórica sobre a obra de Pierre Bourdieu e suas ligações conceituais e metodológicas com o campo da comunicação. Tese de doutorado, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fronteiras da fé- alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil hoje** Revista Estudos Avançados, Nº 18, 2004.

CAMURÇA, M.A. **A realidade das religiões no Brasil no censo do IBGE-2000**, in Teixeira, F. e Menezes, R. **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLIFFORD, Geertz. **The interpretation of cultures: selected essays**, New York, 1973.

COHN-SHERBOK, Dan. **Voices of messianic judaism: confronting critical issues facing a maturing movement**. Messianic Jewish Ressources International, 2001.

CRUZ, Eduardo Rodrigues. **A persistência dos deuses**. São Paulo: UNESP, 2004.

DECOL, René Daniel. **Explorando os dados censitários**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais Nº 16.

DELLA PERGOLA, Sergio & SCHEMETZ, Uziel. **La demografia de lós judios de latinoamerica**. Rumbos, Jerusalém, nº 15, 1996.

DELLA PERGOLA, Sergio. **Assimilacion/continuidad judia**. Mexico: Fondo Cultura Economica, 2000.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

FEHER, Shoshanah. **Passing Over Easter: constructing the boundaries of messianic Judaism**. Altamira Press: EUA, 1998.

FERREIRA, Moisés Olímpio, **A arte retórica nos discursos do Apóstolo Paulo, as estratégias de convencimento e persuasão frente à diversidade dos auditórios**. Tese de Doutorado- USP, 2011.

FERREIRA, Paula B. S. F. L. **Nada mais judaico de que acreditar em Cristo**. Dissertação de mestrado – Unicamp, 2010.

FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. Volumes II e III.

GAGER John G.: **Reinventing Paul**. Oxford: University Press, 2000. 198 pp., 23 X 15,5 cm. ISBN 0-19-513474-5.

GASBARRO, Nicola. **A civilização cristã em ação** [s.n.t].

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **Trazendo a Igreja de volta às suas raízes bíblicas e judaicas**. AMES: Belo Horizonte, 2008

_____ **Temas judaico-messiânicos**. AMES: Belo Horizonte, 2005.

GUTIERREZ, Carlos. **“Bnei Anussim”**: uma experiência de judaísmo na periferia paulistana. Dissertação de Mestrado, apresentada no programa de Antropologia da Universidade de São Paulo em 2011.

HANSEN, Kjær-Kai, **Joseph Rabinowitz and the messianic movement: the herzl of jewish christianity**. Jerusalem: Caspari Centre, PO Box46Jerusalem 91000, Israel, 1996.

HARSAHAV, Benjamin. **O significado do ídiche**. São Paulo: Perspectiva, 1994. 230p. (Coleção Estudos, 134).

HOBSBAWM, Eric. **Introduction: inventing traditions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LEHMANN, David. **Messianic jews and judaizing christians: notes from Brazil and Israel**. Artigo não publicado, Janeiro, 2014.

LINS, Wagner. **Cristãos-Novos e Novos-Judeus. velhas e novas identidades no estado da Paraíba**. Relatório de projeto de pós-doutorado em Antropologia Social- FAPESP, 2013.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais- sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. S.P: Loyola, 1999.

MONTERO, Paula. **Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso**. Rio de Janeiro: Revista Religião e Sociedade, 32(1):167-183, 2012.

PASSOS, Décio. **Movimento do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais**. SP: Paulinas, 2005.

NERI, Marcelo. **Retratos da religião no Brasil**. Centro de Política Social, RJ: FGV, 2005.

_____. **Novo mapa das religiões**, RJ: FGV, 2011

NOVINSKY, Anita. **A inquisição**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORTIZ, Renato. **O mercado religioso**. Rio de Janeiro, 1983.

_____. **mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA, J. B. B (org.). **Religiosidade no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2012.

PIERUCCI, A.F. **Bye, Bye Brasil, o declínio das religiões tradicionais no censo 2000**. Estudos Avançados- religiões no Brasil. Vol. 18, nº 52, S.P: USP, 2004. P.17-28.

_____. **Secularização e declínio do catolicismo**, em Souza, B.M e Martino (orgs.). **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. SP: Paulus, 2004.

_____. Questionar a diversidade religiosa do país- cadê nossa diversidade religiosa? Folha de SP 29/12 de 2002.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.

RAMBO, L. **Understanding religious conversion**. New Haven: Yale University Press, 1993.

RATTNER, Henrique, **Revista Espaço Acadêmico**. Nº. 33, Fev./2004

_____. **Tradição e Mudança**, São Paulo: Editora Ática, 1978.

SANDERS, E. P. **Paul and palestinian Judaism**. Canadá: Universidade McMaster. 1977.

SCARDELAI, Donizet. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus.** São Paulo: Paulus, 1998.

SCHIAVO, Luigi. **Anjos e messias.** São Paulo: Paulinas, 2006.

SCHOLEM, Gershom. **Las grandes tendencias de la mística judaica.** Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1996.

SCHWARTZ, Carl- **The scattered nation,** London: Elliot Stock, 1867. P16.

SOBEL, B. **Hebrew Christianity: the thirteenth tribe,** New York: John Wiley & Sons, 1974.

SORJ, Bernardo. **Diáspora, judaísmo e teoria cultural.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2003- **Sociabilidade brasileira e identidade judaica,** n Sorj, B. **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo.** Imago, Rio de Janeiro, 1997.

STERN, David. **Manifesto judeu messiânico.** Louva-a-Deus: Rio de Janeiro, 1989.

_____ **Jewish New Testament.** Messianic Jewish Resources International, 1989.

_____ **Jewish New Testament commentary.** Messianic Jewish Resources International, 1992.

_____ **Comentário judaico do Novo Testamento,** Atos: Belo Horizonte, 2008.

TEIXEIRA, F, MENEZES, R (Orgs.) **As religiões no Brasil, continuidades e rupturas.** Petrópolis: Vozes, 2006

TOPEL, Marta. **Jerusalém & São Paulo: a nova ortodoxia judaica em cena.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

_____ **A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, ANO IV, n.10, Maio de 2011.

TRAVASSOS, Deborah H. **O Judaísmo messiânico no Brasil: a Beit Sar Shalom: Um estudo de caso.** Dissertação de Mestrado, 2008.

TURNER, Victor. **The ritual process: Struture and anti-structure,** Ithaca: Cornell University Press, 1977.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário Judaico de lendas e tradições.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VASCONCELLOS, M. A. **Economia brasileira contemporânea.** São Paulo: Atlas, 2007.

WITTEL, Andreas. **Ethography on the move: from field to net internet: qualitative social research,** EUA. Volume 1, Nº 1, Art. 21

WEBER, Max. **Economia e sociedade.** São Paulo: UNB, 2004.

ZERUBAVEL, Eviatar. **Easter and Passover: on calendars and Group Identity,** New York, Free Press, 1982.

A Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2000.

A Bíblia de Jerusalém: Editora Paulus

Sidur Judaico Messiânico de Shabat. AMES: Belo Horizonte, 2004.

Enciclopédia Judaica. Rio de Janeiro: Tradição S/A, 1967, Vol. M-Z, p. 1165.

Encyclopaedia Judaica Jerusalem, Keter Publishing House Ltd, Jerusalem, Israel, vol 4, pp1322-1333 evol 13 p. 190-191, vol 15, pp. 942-982.

Revistas:

Tempo Social- Revista de Sociologia da USP, Vol. Nº 2- PRANDI, Reginaldo.
Converter indivíduos, mudar culturas, 2008, p. 155-172.

Atualidade Teológica, ano XIII, Nº 31, Janeiro? Abril 2009. Artigo: **Existe Antissemitismo no Novo Testamento?** Pe Jesus Hortal,

WebMosaica revista do instituto cultural judaico Marc Chagall v.3 n.2 (jul-dez) 2011.

Revista Brasileira de Ciências Sociais DECOL, René Daniel. **Explorando os dados censitários**. Nº 16.

Revista Estudos Avançados, Carlos Rodrigues Brandão. **Fronteiras da fé- alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil Hoje**. Nº 18, 2004.

Religião na Metrópole Paulista- Revista Brasileira de Ciências Sociais 561:15, 27, 2004.

Webgrafia:

http://www.jcrelations.net/As_Contradi____es_de_Paulo_-_Podem_Elas_Ser_Resolvidas.2486.0.html?L=4, acesso em 30/01/2012.

http://prbeto_estudosteologicos.blogspot.com/2010/02/judeus-messianicos-uma-antiga-heresia.html, acesso em 20/01/2012

<http://escritosdepaulo.blogspot.com/2010/06/segundo-nietzsche-paulo-e.html> acesso em 12/01/2012

<http://triplov.com/letras/Mario-Dirienzo/Paulo/detracao-Nietzsche.htm> acesso em 13/01/2012

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1997/october/documents/hf_jp-ii_spe_19971031_com-teologica_po.html acesso em 06/01/2012

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2008/documents/hf_b-en-xvi_aud_20080702_po.html acesso em 06/01/2012

www.wildolive.co.uk/messianic_history.htm acesso em 18/01/2012

<http://www.shemaysrael.com/artigos/127-historia/1280-historia-anti-semitismo-cristao.html> acesso em 30/01/2012

<http://www.beitmashiach.org.br/estudos4.html>, acesso em 02/07/2012

http://www.netivyah.org.br/index.php?cod_secao=estudos_festasbiblicas, acesso em 30/01/2012

<http://www.beth-shalom.com.br/artigos/mascaras.html> acesso em 21/12/2011

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/42367-paulo-e-a-teologia-da-cruz--ruptura-e-descontinuidade> acesso 30/01/2012

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gnosticismo> acesso em 30/01/2012

<http://primeiramao.tripod.com/id6.html>, acesso em 30/01/2012

<http://www.ocaminhodevolta.com.br/2011/04/congregacao-judaico-messianica-adonai.html>, acesso em 10/01/2013.

<http://sarel.org.br/>, acesso em 01/07/2012.

www.umjc.org, acesso em 05/07/2012.

<http://www.chabad.org.br>, acesso em 11/01/2013.

<http://imja.org>, acesso em 06/07/2012

www.mjaa.org, acesso em 07/07/2012

www.umjc.org, acesso em 05/07/2012

www.chosenpeople.com, acesso em 13/07/2012

www.ifmj.org, acesso 11/07/2012

www.messianicburau.org, acesso em 13/07/2012

<http://www.wordofmessiah.org>, acesso em 12/07/2012

<http://www.messianicisrael.com>, acesso em 20/07/2012

<http://www.messianicassociation.org>, acesso 01/08/2012

www.umja.net, acesso em 02/08/2012

www.sbmessianic.net, acesso em 22/07/2012

www.ccjm.org.br, acesso em 20/07/2012

www.museudainquisição.org.br, acesso em 07/11/2012.

www.jewsforjesus.org, acesso em 20/10/2012.

<http://www.cates.com.br/moodle/mod/page/view.php?id=394>, acesso em 06/12/2012.

<http://200.175.3.57/shemaeducacional/> acesso em 12/08/2012

<http://www.renascercristo.com.br/>, acesso em 06/12/2012

<http://www.shemaysrael.com/> acesso em 18/07/2012

<http://www.beitmashiach.org.br> acesso em 08/12/2012
www.judaismomessianico.com.br, acesso em 04/07/2012

www.beitfilahamashia.com.br, acesso em 02/08/2012

<http://www.ensinandodesiao.org.br/> acesso em 05/07/2012

www.netivyah.org, acesso em 03/06/2012

<http://www.myheritage.com.br/family-tree-builder>, acesso em 03/03/2012

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/966168-historiador-israelense-defende-que-povo-judeu-e-invencao-do-sionismo.shtml>, acesso em 05/05/2012.

<http://www.shearyaakov.org/visao.html>, acesso em 10/07/2012

<http://www.shemaysrael.com/home.html> acesso em 04/03/2012

contato@judaismomessianicobrasil.com.br, acesso em 01/07/2012.

kehilat_sarel@hotmail.com

<http://sarel.org.br/>, aceso em 03/08/2012.

faleconosco@rechovot.org.br, acesso em 07/07/2012.

<http://www.moreshetyeshua.org.br>, acesso em 03/07/2012

<http://www.betshalomamazonia.com/> acesso em 07/03/2012

<http://www.kehilah.com.br>, acesso em 04/07/2012.

<http://www.kehilah-itabunabahia.blogspot.com.br/> acesso em 04/07/2012.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/> . Acesso em 03/06/2013.

<http://www.portalignrejaquadrangular.com.br/portal/aquadrangular/historia.asp>, acesso em 20/07/2013.

www.Deuseamor.com.br, acesso em 20/07/2013.

www.thepaulpage.com/NPP_Portuguese.pdf acesso em 30/07/2013.

http://www.claimscon.org/forms/allocations/Review_Della%20Pergola%20ICHEI C_.pdf, acesso em 29/08/2013

<https://www.google.com.br/search?q=9o+congresso+israelita&sourceem> 04/01/2014.

<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n19/v9n19a08.pdf>, acesso em 17/02/2014

<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/ashkenazi-sefaradi-cinco-mil-anos-mesa-435394.shtml>, acesso em 17/02/2014

Glossário

Aba: Pai

Ashquenazitas: judeus provenientes da Europa Ocidental.

Bar Mitzvá: filhos do mandamento. Cerimônia que insere o jovem judeu de 13 anos como um membro maduro da comunidade.

Beit Din: tribunal rabínico.

Beitsá: ovo

Bnei Anussim: "filhos dos forçados"; judeus forçados a se converter durante a inquisição no Brasil.

Brit Hadashá: "Escrituras Cristãs"; refere-se à Nova Aliança.

Brit Milá: circuncisão dos meninos judeus realizada no sétimo dia de vida.

Chalá: pão trançado que se come especialmente aos sábados (*Shabat*).

Chanucá: "Festa das Luzes"; celebra a vitória de Judas, o Macabeu, sobre Antíoco Epífano e a recuperação do Templo de Jerusalém.

Chanukiá: candelabro de nove braços aceso durante a celebração da festa de Chanucá.

Charosset: simboliza a argamassa usada pelos escravos hebreus no Egito, ou a argila que tinham para moldar os tijolos; em geral é feito de frutas e nozes amassadas, misturadas para formar uma pasta, e são adoçadas com vinho ou tâmaras.

Elohim: "Elevadíssimo, altíssimo"; refere-se a Deus em um contexto litúrgico.

Goi: estrangeiro.

Haftará: "conclusão"; refere-se à leitura do livro dos Profetas, que segue à *Torá*, no *shabat*, festas e dias de jejum. A *haftará*, hoje em dia, é fixada pelo

costume comunitário e reflete em geral um dos temas abordados na leitura da *Torá* ou é associada a algum caráter especial daquele dia.

Hagadá: esse texto contém a liturgia que se recita durante a refeição familiar na celebração do *Pessach*. A *Hagadá* foi construída a partir de textos da bíblia sobre êxodo, salmos de louvor, homilias rabínicas e canções, entoadas ao fim das refeições.

Halachá: tradição legalista do judaísmo, que se confronta com a teologia, a ética e o folclore da *Agadá*. Decisões *halachicas* determinam a prática normativa; e onde há divergência, tais decisões, ao menos em teoria, seguem a opinião da maioria dos rabinos.

Hassidismo: é um movimento surgido no interior do judaísmo ortodoxo que promove a espiritualidade, através da popularização e internalização do misticismo judaico, como um aspecto fundamental da fé judaica. Essa vertente não deixou de existir ao longo de praticamente toda a história judaica. Hoje, no entanto, o uso do termo "*chassidismo*" ou "*hassidismo*" se restringe à tendência desenvolvida na primeira metade do século XVIII, na Europa Oriental - com o rabino Israel Ben Eliezer, mais conhecido como Baal Shem To - em reação ao judaísmo legalista ou talmúdico, mais intelectualizado.

Hashem: Significa nome, é uma forma para designar Deus dentro do judaísmo fora do contexto litúrgico.

Kadish: oração recitada para assinalar o fim da leitura.

Kashrut: Leis dietéticas.

Kehilá: Congregação.

Kipá: Solidéu usado pelos homens

Kol Nidrei: Todos os votos ou juramentos – recitado no Dia do Perdão (*Yom Kipur*).

Korban: Sacrifício.

Maror: geralmente feita com raiz forte que lembram a amargura do deserto.

Matzá: Pão ázimo, ou seja, sem fermento, consumido durante a festa de *Pessach* (Páscoa).

Menorá: candelabro de sete braços.

Mezuzá (singular), *Mezuzot* (plural): Significa umbral. Consiste em um pequeno rolo de pergaminho que contem passagens bíblicas, afixado às portas dos lares judaicos.

Mikve: Piscina de água acumulada da chuva ou de uma fonte, que é usada no ritual de purificação e ablução.

Mitzvot: Plural- Qualquer ato de bondade humana.

Moel: Pessoa que realiza o ritual de circuncisão dos meninos judeus no 8º dia após o nascimento.

Moré: Professor.

Netiviah: Caminho sagrado.

Nissan: Primeiro mês lunar do calendário hebraico, contando a partir do período do Êxodo do Egito, ou o sétimo mês contando com a festa de ano-novo- *Rosh Háshaná*.

Parashá: Seção. Trata das passagens da bíblia que tratam de um tema específico.

Pessach: significa passar sobre. É a celebração da saída dos Judeus do cativeiro no Egito.

Purim: Festa que celebra a salvação dos judeus persas do plano de Hamã para exterminá-los, tal como está escrito no Livro de Ester (Bíblia Hebraica). Os judeus estavam exilados na Babilônia desde a destruição do templo de Salomão pelos babilônios e a dispersão do Reino de Judá. A Babilônia, por sua vez, havia sido conquistada pela Pérsia. A festa de *Purim* é caracterizada pela

recitação do Livro de Ester, distribuição de alimentos e dinheiro aos pobres. A festa é tradicionalmente celebrada com fantasias.

Rosh: Cabeça.

Rosh Hashaná: Cabeça do ano: é a celebração do ano novo judaico.

Ruach: Espírito. Refere-se ao Espírito Santo.

Seder: Ordem- Jantar de celebração do *Pessach*

Sefaraditas: Judeus provenientes da Península Ibérica.

Shabat: Sábado- Dia sagrado e de descanso para os judeus.

Shaná Tová: Bom Ano.

Shofar: Trompa, chifre de carneiro, tocado em determinadas celebrações judaicas.

Sidur: Livro de orações, é a ordem da liturgia.

Talit: Xale de orações, usado pelos homens.

Talmud: Lei oral e significa estudo. Essa obra compila discussões rabínicas e as leis judaicas, costumes, tradições, lendas e histórias.

Tanach: Bíblia hebraica. Equivalente ao denominado Antigo testamento Cristão.

Teshuvá: Retorno. Voltar às práticas do judaísmo.

Tevilá: Batismo por imersão. Termo em hebraico que designa a imersão no *mikve* para purificação ritual.

Torá: Ensino. Refere-se de maneira estrita ao Pentateuco, dividido em cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Também é conhecida na tradição judaica como Lei Escrita.

Tzion: Originalmente era o nome dado especificamente à fortaleza jebusita próxima a atual Jerusalém que foi conquistada por David. A fortaleza ficava na colina a sudeste de Jerusalém, chamada de Monte Tzion.

Yeshivá: Colégio talmúdico para estudantes homens solteiros.

Yeshua: Jesus.

Yom Kipur: Dia do Perdão. É o dia mais sagrado no calendário judaico.